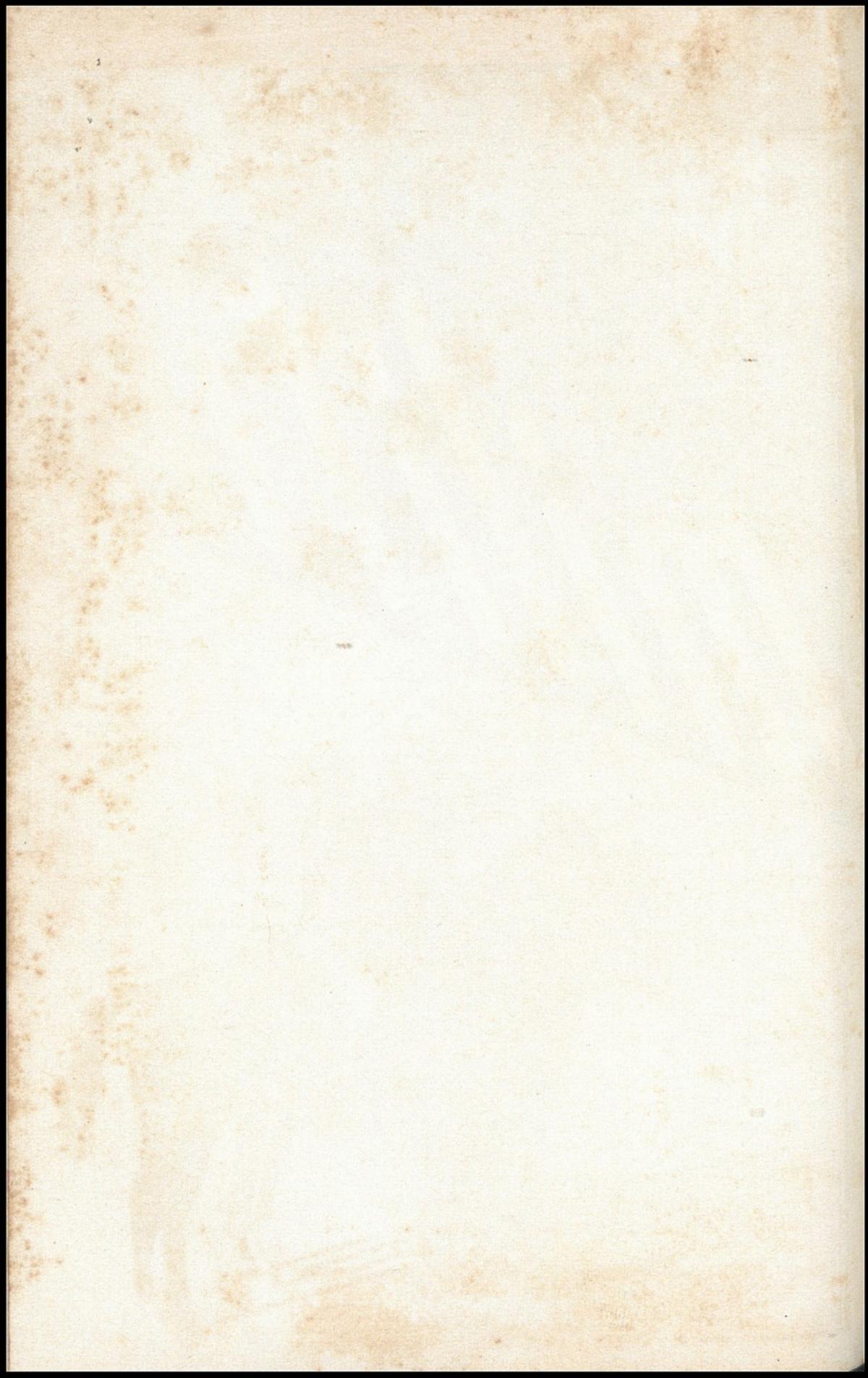




# militia





# MILITIA

REVISTA PUBLICADA NA FÓRÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO  
DE ACÓRDO COM O ART. 2.º, F, DO ESTATUTO DO C.M.F.P.S.P.

ANO I — MAIO/JUNHO de 1948 — N.º 4

DIRETOR: — Cel. José Sandoval de Figueiredo.

REDATOR - CHEFE: — Major Laércio Gonçalves de Oliveira.

SECRETARIO: — 1.º ten. Plínio Rolim de Moura.

CORPO REDATORIAL: —

Assuntos técnicos profissionais: 1.º ten. João Vieira de Matos, 1.º ten. Francisco Guedes de Lacerda e 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado.

Assuntos Científicos: Cap. Arrisson de Souza Ferraz, cap. Milton Marques de Oliveira e 1.º ten. Alfredo Marcheti.

Literatura: Cap. capelão Pe. Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, cap. Efraim B. Lastebasse e 2.º ten. Hildebrando Chagas.

Educação Física e Desportos: 1.º ten. Aduato Fernandes de Andrade, 1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos e 1.º ten. Ulisses Teodoro dos Santos

Noticiário: Cap. Brasilino Antunes Proença, 1.º ten. Olivio Franco Marcondes, 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho e 1.º sgt. José Antunes.

Recreação: 1.º ten. Iolando Prado, 1.º ten. Antônio Silva e Snr. José de Campos Montes.

Legislação: Cap. José Arimatéa do Nascimento.

GERENTE: — Cap. Adm. Germano Ribeiro Scartezini.

TESOUREIRO: — 1.º ten. Adm. Nelson Martins da Silva.

Redação e Administração: — Rua Alfredo Maia, 106, (Tipografia da Fôrça Pública) — Fone 4-8171, ramal 204 .

Assinatura anual ..... Cr \$ 25,00

Assinatura semestral ..... Cr. \$ 15,00

Número avulso ..... Cr. \$ 5,00

“MILITIA” destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos políticos-partidários ou religiosos-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.

Pede-se que os originais sejam dactilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não publicados. Pede-se ainda sejam entregues à redação, no endereço acima.

A Revista não assume responsabilidade de conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

# SUMÁRIO

## ASSUNTOS TÉCNICOS PROFISSIONAIS

As reservas ativas do Exército — 1.º ten. adm. Olívio Franco Marcondes	16
Os locais de crimes e a importância de sua preservação pelo policial de rua — 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado	28
O tráfego e o trânsito — 1.º ten. Alfredo de Paula Pereira das Neves	59
Modernizar — Rope	68
Respostas "Eléctron"	91
O Crime não compensa — Dr. Artur Leite de Barros	95

## ASSUNTOS CIENTÍFICOS (inclusive História)

Reminiscências da aviação da Fôrça Pública — Cap. Arrisson de S. Ferraz	7
Luiz Gonzaga Pinto da Gama — Jepagés	19
O patrono da Infantaria brasileira — Cap. Francisco Vieira da Fonseca	37
Odonto-traumatologia — 1.º ten. dent. Antônio F. de Arruda Macedo	56

## LITERATURA

Miguelão — 2.º ten. Mário Neves	13
O desengano — Cap. capelão Pe. Paulo Aurisol Cavalheiro Freire	23
Aqui estou, Senhor! — Cap. adm. Nelson de Carvalho Rosa	25
O último sonho — Prof. Paulo Monte Serrat	49
Felicidade — 1.º ten. Péricles Nogueira Santos	53
O samba — Ten. Tancredo Colaço	55
Suave preferência — Flávia Maria da Rocha	63
Teresópolis e Campos do Jordão — 1.º ten. Delfim Cerqueira Neves	64

## EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Campeonato interno de bola ao cesto	76
Corrida da Fogueira	77
Campeonato de tiro da Fôrça	78

## NOTICIÁRIO

Várias	61
Missão paulista em Ponta porã — 1.º sgt. Antônio Napoleão de Araujo	70
Homenagem do Clube Militar ao Sr. Governador Dr. Adhemar de Barros	73
Promoções	82
Assembléia extraordinária no Centro Social dos Sargentos	90

## RECREAÇÃO

O estopim — Yol.	58
"Pucha, êsse desenhista tem cada idéia" — José de Campos Montes	81
"Encontro com o inimigo" — José de Campos Montes	89
Palavras cruzadas	92
"Adjunto de dia" — José de Campos Montes	104

## DIVERSOS

Horas decisivas para a nacionalidade — 1.º ten. Paulo Mont Serrat F.º	3
Simonsen — Um robele que tomba	6
A disciplina	12
Eu sou aquele que afirma — 1.º ten. Plínio Rolim de Moura	33
Monteiro Lobato — Jonas de Ninive	42
Folga de cadete — 2.º ten. Hildebrando Chagas	44
Mais luz nas trevas — 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade	50
Um conceito errado — Ten. cel. Antônio Peitscher	54
Alvorada — 1.º ten. int. Cláudio Neves	62
Página feminina — Mária Lúcia	85
Meu bilhete — 1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos	88
Legislação	101

# — Horas decisivas para a Nacionalidade —

1.º Ten. *Monte Serrat F.º*

Um frêmito de são patriotismo agita a classe estudantina brasileira. O grito de alerta, proferido por Monteiro Lobato e Horta Barbosa, dirigiu-se às Escolas de tradições cívicas. Esse brado ecoou vibrante no recesso dos nossos templos de sabedoria e foi reforçado pelo entusiasmo idealista da mocidade brasileira. O clamor sairá pelas ruas, penetrará no lar humilde e na casa abastada, fará vibrar as tribunas e os púlpitos, baterá às portas das fábricas e dos escritórios. O eco reboará, então, no recinto das câmaras representativas, como legítima expressão de povo jovem que não se conforma em ser levado, pelo ludíbrio, à escravidão.

Felizmente, não ignoramos que o adversário é poderoso e prepotente. O próprio Governo do Brasil teve conhecimento, pelo "Relatório da Comissão de Legislação do Petróleo", de que a luta entre a Standard Oil e a Royal Dutch tem transformado em seus títeres, soberanos, homens de estado, generais e altos funcionários, com dolorosa consequência para a humanidade, roubando à economia de muitos povos suas reservas naturais, para estabelecer guerra de princípios, onde outrora reinava a ordem pela paz do trabalho.

O gigantesco polvo monopolista, para enlaçar nos seus tentáculos qualquer nação possuidora do precioso líquido, que movimenta, na paz, estradas de ferro, navios mercantes, motores de usinas, e, na guerra, decide a sorte das armas, impulsionan-

do belonaves, baterias, tanques e aviões, êsse polvo vai do suborno à ameaça da soberania dos países aquinhoodos pela natureza.

Há mais de dez anos o saudoso patriota Monteiro Lobato, deixou o convívio dos livros e abalou para o recôncavo baiano. Qual moderno bandeirante, fôra, com as próprias mãos, atrancar à terra o ouro negro. Mil dificuldades se antepuseram à realização do grande sonho: ver o Brasil econômicamente independente, pela exploração do petróleo. Os assalariados escreveram intermináveis relatórios com o fim de provar que o Brasil não possuía petróleo, muito embora os nosso vizinhos — Venezuela, Bolívia, Paraguai — já o tivessem encontrado. Chegaram até à crear a "teoria vulcânica". E diziam enfaticamente: "País que não teve vulcão não tem petróleo. Logo, no Brasil, não há petróleo". Parecia que a natureza fôra mesquinha para com a nossa Pátria e que os limites geográficos eram, também, barreiras intransponíveis aos lençóis de óleo.

A têmpera dos verdadeiros patriotas foi posta à prova nessa primeira e renhida batalha da qual a vitória foi nossa.

Depois veio a fase do: "Há petróleo, mas não em quantidade industrializável". Então, foram interrompidas perfurações e fechados poços.

Hoje, o petróleo nacional é realidade que já não pode ser negada, pois jarra, abundante, dos poços em produção.

# SUMÁRIO

Na iminência de perder grande mercado e de ganhar mais um concorrente na lucrativa indústria, os trustes, que não podem mais deter os lençóis petrolíferos nas nossas fronteiras e nem tapar os *poços de pequena produção*, pretendem *proteger-nos* com a velha experiência que possuem, localizando, no Brasil, tentáculos irmãos daqueles que reduziram a Venezuela, a Indonésia, o Iraque e o Irã, países de subsolo rico, a nações pobres, miseráveis mesmo.

E' forçoso denunciar que, na ânsia de se apossar do petróleo descoberto por brasileiros, lançaram mão os trustes, ultimamente, de campanha derrotista. E seus agentes andam a apregoar, aos quatro ventos: que o Brasil não possui capitais para indústria de tamanha envergadura e de resultados duvidosos; que não possuímos técnicos; que não conseguiremos comprar a maquinário suficiente para levar avante, com sucesso, tal empreendimento; que devemos aceitar o concurso da experiência e do capital estrangeiro para o rápido desenvolvimento da indústria; que os defensores da tese nacionalista são jacobinos exaltados, ou ainda, defensores de princípio extremista.

Todas as balelas inventadas pelos agentes dos trustes foram destruídas em empolgantes debates, por ilustres conferencistas patricios. Os argumentos irresponsáveis destes últimos, são hoje já do conhecimento público, pelo que nos abstermos de os repetir. No entanto, nunca será demais desmascará-los face à sua última afirmação malévola. Postar-se nas primeiras linhas, em defesa da

Pátria, não deve nem pode ser privilégio de um partido ou de uma classe. A luta pela posse da riqueza do nosso sub-solo, não é uma escaramuça entre os extremistas e os trustes, mas sim, batalha decisiva entre brasileiros patriotas e os monopólios internacionais. Esta jornada não é conduzida pela bandeira de um partido ou pelo estandarte de um grupo. Temos, à nossa frente, o arquiglorioso pendão auriverde, conclamando-nos para esta campanha sagrada e consagrada pela união de todos os brasileiros, sem distinção de credos políticos e religiosos.

A ameaça é sumamente grave. Esqueçamos as questiúnculas domiciliares, para nos entregarmos inteiramente à defesa do patrimônio nacional. Não permitamos que o inimigo nos separe, com a intenção de facilmente vencer-nos. A luta pela defesa do nosso petróleo é movimento de redenção do Brasil. A nenhum patriota é permitido assistir, indiferentemente, o desenrolar desta campanha, que é, talvez, de maior importância do que as vividas nos dias que procederam a Independência, a Abolição e a República.

Mãos dadas, ombro a ombro, corações unidos, permaneçamos corajosos na palissada da Pátria, sabendo resistir às investidas dos açambarcadores estrangeiros.

E os que assim procederem terão seus nomes ao lado dos de Felipe dos Santos, Manoel Beckman, Tiradentes e seus companheiros, Rui Barbosa, Campos Sales, Castro Alves, Luiz Gama, José do Patrocínio, Quintino Bocaiuva, Benjamim Constant, Lopes Trovão, Rangel Pestana, Glicério, Aristides Lobo,

brilhando, por certo, nas páginas da história pátria, como já os têm Gaspar Dutra, Matos Pimenta, Monteiro Lobato, José Pessoa, Horta Barbosa, Juarez Távora, Artur Carnaúba, Correia de Oliveira, Artur Bernardes, e tantos outros íntegros patriotas, que não retrocederão ante os arreganhos dos poderosos monopólios.

A história dos povos tem suas páginas negras marcadas com o ferrete da perfídia. Aos nomes de Calabar, Lázaro de Melo, Joaquim Silvério dos Reis, Basílio de Brito Malheiros e Inácio Pamplona, juntar-se-ão os de outros, que, nesta epopéia de liberdade econômica, preferem ficar no plano dos relegados à maldição dos pósteros.

---

## O Problema do Petróleo Nacional

---

A ascendência que o petróleo adquiriu sobre os outros combustíveis criou-lhe, no mundo inteiro, situação privilegiada. Aventureiros lançam-se-lhe no encalço pesquisando-o nas profundezas da terra, enquanto ativos homens de negócio o mercadejam entre povos das mais longínquas paragens. O seu valor estratégico, tornou-se assim, considerável. Basta dizer que além de outras vantagens como sejam a da facilidade do seu transporte e das cargas e descargas de navios, milita em seu favor uma virtude: o seu número de calorías. Enquanto o quilo de carvão importado desenvolve 7.500 calorías e um de carvão nacional 5.300, um de petróleo desenvolve 9.000. Passou êle, em razão de tudo isso, a ser o combustível mais procurado para o acionamento não só das máquinas propriamente industriais, como também para o uso dos grandes navios ou seja para os das esquadras. E enquanto as nações não puderem dispensar o emprêgo desses formidáveis aparelhos de guerra e de transporte, a disputa e o valor do petróleo só tendem a crescer.

(Trecho de conferência pronunciada no Clube Militar, no Rio de Janeiro, pelo Deputado Artur Bernardes, ex-presidente da República).

---

### NOTA DA REDAÇÃO

No número três desta revista, a fls. 51/52, publicamos duas cartas trocadas entre o Snr. Cel. A. Buchalet, adido militar francês, e nosso diretor, Snr. Cel. José Sandoval de Figueiredo, a respeito de um artigo sobre a visita do Gal. Delattre de Tassigny.

Essas missivas nos vieram às mãos grafadas em francês, tendo sido vertidas para o português nesta redação. Assim, os senões vernáculos que por ventura possam ser encontrados nessas traduções não são de responsabilidade de seus signatários.

# SIMONSEN — Um roble que tomba

Centurinha

O Brasil entrou numa fase de melancólica liquidação de sua "intelligenza". Uma como que praga do Egito vai derrubando um a um os nossos grandes homens, privando a nossa pátria de suas mais ilustres cerebrações. Roberto Simonsen era uma delas.

Homem de negócios, não há dúvida, mas grande e frio patriota, soube interpretar sem histeria as nossas comoções econômicas, indicando os rumos seguros pelos quais, si tivéssemos juízo, seguiríamos.



Uma das mais inteligentes análises do Plano Marshall foi a que fez Roberto Simonsen. Ele sentiu, como todos o sentem, mas poucos têm coragem de afirmar, que o Brasil precisa industrializar-se para ingressar sem arrogância, mas também sem servilismo, no concôrto das nações civilizadas, mesmo porque os países exclusivamente agrícolas são países votados ao colonialismo ou ao semi-colonialismo, ao passo que os países industrializados são senhores, cuja voz é ouvida com respeito no plano internacional.

Roberto Simonsen viu perfeitamente que êsse era o aspecto principal a ser atacado no Brasil. Mas o país só pode tornar-se industrial

quando possui uma base econômica firmada sobre a produção do ferro e do petróleo. Do contrário torna-se um subsidiário industrial, produzindo apenas acabamento. E a indústria de acabamento não tem vida própria, podendo ser fechada de um momento para outro, bastando que lhe falte a matéria prima ou o combustível.

Foi Roberto Simonsen quem declarou que o Plano Marshall tornaria o Brasil um país exclusivamente agrícola.

Ele se bateu, também, para que o Brasil tivesse o seu próprio petróleo, sem que para isso precisasse entregar o controle de suas jazidas ao estrangeiro, o que nos levaria à situação da Venezuela que, sendo o segundo produtor de petróleo do mundo, é tão pobre que precisa importar até hortaliças.

Roberto Simonsen foi o criador do Senai, onde a nossa mocidade desenvolve e apura a sua técnica. Criou, também, o Sesi, onde os trabalhadores encontram, por preços módicos, os artigos de que necessitam, o que, sem dúvida, é um processo de melhorar as condições de vida do proletário paulista.

Si o Brasil um dia vier a se tornar uma potência industrial, muito terá devido a Roberto Simonsen.

Como homenagem a êsse grande morto, cerremos fileira em tôrno de seus ideais, consistentes em dar ao Brasil um mercado interno grandioso, baseado na elevação do padrão de vida dos nossos 30 milhões de caboclos, que atualmente nada consomem, e em defender o nosso petróleo, sem dúvida o mais forte estímo da nossa evolução econômica.

# Reminiscências da Aviação da Fôrça Pública

Cap. Arrisson de Souza Ferraz

Além das águas marulhentas do Atlântico, na Europa conturbada e ainda cheia de cicatrizes, em pleno coração de Berlim, de onde, por duas vezes, partiu o rastilho do incêndio que envolveu todos os continentes, desenrola-se metódica, tenaz, fria e persistente guerra de nervos. De um lado, os russos instalados em posições chaves na capital teutônica, bloqueando e interditando todas as vias terrestres de acesso às zonas ali ocupadas e dirigidas pelas democracias ocidentais, para forçar-lhes a retirada e eliminar uma influência que não convém aos seus planos; do outro, norte-americanos, ingleses e franceses, fazendo pé firme para não cederem um bastião de suma importância aos aliados de ontem. E assistimos, boquiabertos, admirados, a aviação realizar o prodígio de abastecer a uma população de 2.000.000 de habitantes. Diariamente, possantes pássaros metálicos, poderosas fortalezas voadoras, percorrendo limitado corredor aéreo, despejam toneladas e mais toneladas de mantimentos e utilidades na cidade bloqueada.

A aviação é, sem dúvida, uma das maravilhas do século XX. Forma, com a energia atômica e o rádio, o trio vanguardeiro das conquistas da civilização, a trindade de fôrças soberanas do mundo moderno.

A Fôrça Pública também teve a sua aviação. Aparelhos de diversos tipos, conduzidos por jovens competentes e entusiastas, por pilotos que conquistaram louvor imarcessíveis

para a nossa pátria, cortavam, constantemente, os céus de Piratiningã, em vôos de instrução, em cruzadas de disseminação aérea, ante os olhos carinhosos dessa gente boa, laboriosa e dinâmica que é a gente bandeirante. Nasceu ela em Cumbica, ao bruxulear do ano de 1913, nessa Cumbica que troxe o destino de ser monumento da arma aérea. O Governo de São Paulo contrata os serviços de Edú Chaves e Cícero Marques, adquire aparelhos, e autoriza a criação de uma Escola de Aviação, "para militares da Fôrça Pública e também para civis". Os treinamentos são iniciados dentro de um ambiente de sadio entusiasmo. Mas a iniciativa, grande o cimo azul dos montes, teve vida efêmera, por uma dessas fatalidades superiores aos nossos desejos. Morreu a primeira tentativa com um ano de ensaio, mas a idéia, o sonho de uma mocidade generosa, o desejo de nossos conhecimentos, continuou, palpitante e vigorosa no seio da Fôrça Pública. E ficou ainda, o inesquecível tenente Aristides Musa, com o seu "brevet" e sua técnica, a simbolizar um empreendimento que, aparentemente, malogrado, havia de ressurgir, mais tarde, mais pujante e impetuoso, como água represada, quando rompe os diques.

Mais de um lustro havia decorrido da primeira tentativa, quando os anseios aéreos da Fôrça Pública tomam novo e confortador alento. Estávamos no ano de 1919. William Orton Hoover, aviador de nacionali-

dade americana, chega a São Paulo e aqui fixa residência. Trazia consigo um biplano Curtiss, de 90 H. D.. Nêsse pequeno aparêlho, todos os dias, encantava a população de nossa capital com belas e simétricas evo-

arma aérea na organização da Milícia. O chefe do executivo bandeirante, estadista de alta visão, Dr. Altino Arantes Marques, homologa a proposição. Contratam-se, complementarmente, os serviços de Hoover;



(1) ten. Alvaro de Azambuja Cardoso — (2) ten. Otaviano Gonçalves da Silveira — (3) ten. Luiz Rabelo — (4) ten. Sankler de França — (5) cap. Bussi (da Fôrça Pública do Paraná) (falecido) — (6) ten. Daniel Emílio Bayerlein (falecido) — (7) ten. Aristides Musa (falecido) — (8) ten. José Teófilo Ramos — (9) ten. Hely Fernandes da Câmara (falecido) — (10) ten. Bernardo Spindola Mendes e (11) ten. Reinaldo Gonçalves.

Dos que estão sentados o do meio é o veterano aviador norte-americano William Orton Hoover.

luções. O Comando Geral da Fôrça Pública encaminha uma representação ao Governo do Estado pleiteando a criação de uma Escola de Aviação, como ponto de partida para a

seu aparêlho é adquirido para a iniciação. Para sede da escola, foi escolhida vasta planície, limitada pela margem direita do Tietê e pelas colinas do bairro de Santana. Alí, cons-

truíram-se pistas, campos e hangares. Deram-lhe o nome pomposo de "Campo de Marte", numa homenagem ao Deus da guerra, como já o haviam feito os filhos da "cidade das sete colinas", no período imperial. Especialmente adquiridos, chegam dos Estados Unidos oito aparelhos, 3 Orioles, de 150 H.P. e 5 J.N., de 90 H.P.. A Escola entra em franca e proveitosa atividade. Da primeira turma, brevetada após um curso de quase um ano, faziam parte nove alunos: capitão João Busse, da Força Pública do Paraná, e os tenentes da nossa Milícia, José Teófilo Ramos, Otaviano Gonçalves da Silveira, Bernardo Spindola Mendes, Reinaldo Gonçalves, Álvaro de Azambuja Cardoso, Ely Câmara, Luiz Rabelo e Aristides Musa. Este último remanescia do primeiro empreendimento. A fé que remove montanhas morava no seu espírito, intangível, firme como rocha, grande como um ideal de bandeirante.

Mas, estava escrito que a segunda arrancada não atingiria as alturas desejadas. Fecha-se, temporariamente, a Escola de Aviação do Campo de Marte, "por razões de ordem administrativa". Parte dos aparelhos foi oferecida à Marinha Brasileira, outra parte permaneceu nos galpões.

Em 1925, resolve a Força Pública reviver a sua arma aérea. À experiência de duas tentativas infrutíferas, dera-lhe pleno conhecimento do assunto. Desta vez, tudo estava pesado, medido, calculado. Hoover é chamado; reformam-se as instalações; aparelhos são comprados no estrangeiro. Inicia-se o treinamento. Turmas e mais turmas de alunos são matriculados na Escala de Aviação.

Oficiais e sargentos da Força Pública são brevetados em número cada vez mais animador.

O Campo de Marte passou a ser um centro de atração das elites e das massas que ocorriam, pressurosas, à contemplação de evoluções estonteantes, de acrobacias arrojadas. Seu movimento era incessante e febril. Aparelhos aterrissavam; aparelhos alçavam vôo; aparelhos cruzavam o horizonte, em diferentes altitudes. Nas oficinas, dotadas de todos os recursos e de pessoal habilitado, trabalhava-se ativamente. Nestas se faziam todos os reparos necessários. O biplano "São Paulo" que prestou importantes serviços ao adiestramento de alunos, foi ali totalmente construído.

Quando, em fins de 1926, a Força Pública se deslocou para Goiás e Mato Grosso, em operações de guerra, foi prevista, no plano de conjunto, a participação da nascente arma aérea. E um belo dia, três aparelhos levantam vôo de Piratininga rumo aos sertões do Oeste. Escalam, primeiro em Uberaba, depois reiniciam a jornada e alcançam Goiás. Cumprem todas as missões recebidas, naqueles sertões longínquos. Depois regressam vitoriosos, trazendo no bojo os valerosos pilotos — tenente João Negrão, Naul Azevedo, Pereira Lima e Pascoal Marcondes — autores da arrojada empreza. Custou êsse feito extraordinário, grande demais para a época, a vida preciosa de Edmundo Chantre, numa aterrissagem em Uberaba.

A epopéia do Jaú, em 1927, ainda hoje vive no coração de nossa gente. Ribeiro de Barros e Vasco Cinquini já se foram desta vida. New-

ton Braga e João Negrão, porém, aí estão cheios de vida, aureolados pela gratidão dos contemporâneos. Negrão foi um dos belos representantes da arma aérea de nossa Milícia. Pereira Lima, com o seu empolgante salto de paraquedas, em substituição à aviadora Caillet Pimentel, impedida por moléstia repentina, é outra página atraente do relato das nossas atividades aéreas.

Como o estabelecimento de clima propício ao desenvolvimento aéreo consultasse os interesses do Estado e da Nação, a Força Pública franqueou a matrícula na Escola de Aviação à mocidade civil de Piratininga. E quantos cidadãos ilustres ali não se brevetaram! Duca Brandão, Plínio de Castro Ferraz, Augusto Meireles, João Michelane, Alberto Americano, Aureliano Arisa, Cássio Simões, Vicente Magalhães, Paulo Sachitelli, Visconti, Braz Nery, Renato Pedroso, brilhantes figuras da sociedade, habilitaram-se para os torneios aéreos da Escola do Campo de Marte.

Muitos clubes aéreos do interior paulista, de nossos dias, têm sua origem ligada à aviação da Força Pública, que estimulou a construção de campos e sempre estava pronta a inaugurá-los, com as duas esquadrilhas; a azul, integrada pelos "Santos", "Avaré" e "Atibaia" e a vermelha, constituída pelos "São Manoel", "Campinas" e "Itapetininga". Foi em vôo dessa natureza, para inaugurar o Campo de Itapetininga, que o saudoso capitão Messias Henrique Ribeiro perdeu a vida, ao lado do eminente paulista, deputado Manoel Lacerda Franco.

Em 1930, a revolução vitoriosa que derrubou o governo legal e se assenhoreou do poder, extinguiu a aviação da Força Pública, um dos marcantes empreendimentos que atestam nossa operosidade, nosso espírito criador. O Campo de Marte, as oficinas e os aparelhos foram traspassados ao Governo Federal. Destino grandioso foi dado aos aparelhos pelo Exército, incorporando-os ao Correio Aéreo, ideado e organizado pelo legendário tenente brigadeiro Eduardo Gomes. Nossos aviadores foram transferidos para outras unidades. Muitos deles, como os tenentes coroneis João de Quadros, João Negrão, Jaime Cardoso Americano, majores Cândido Bravo, Naul Azevedo, Laércio Gonçalves de Oliveira e Antônio Pereira Lima, ainda aí estão, cheios de vida e de fé, prestando excelentes serviços à Corporação. Outros, como os coroneis José Teófilo Ramos, Otaviano Gonçalves da Silveira, Bernardo Spindola Mendes, capitães Paulo França, Pedro Luiz Pereira e tantos mais, deixaram a atividade e gozam de merecido repouso, após muitos anos de trabalhos eficientes.

Aos ases paulistas que baquearam no bôjo de suas máquinas, no cumprimento do dever militar — como João Busse, no raide São Paulo-Paraná, em Buri; Edmundo Chantú, em Uberaba; Messias Henrique Ribeiro a caminho de Itapetininga — como aos que tombaram, a serviço do progresso, incurtando distâncias, como o imortal Ismael Guilherme, conduzindo possante aparelho da Vasp. "Militia" rende, nesse trabalho de evocação, a sua mais comovida reverência.

A missão desempenhada em Ber-avição das potências ocidentais, é lim, nestes dias tumultuosos, pela nobre e grandiosa, como os sonhos do seu genial inventor, o imortal Santos Dumont. Italo Balbo, o grande marechal do ar, disse, certa vez, em um congresso, em Roma, que o destino da aviação era servir à humani-

dade. Esse destino, a nossa aviação soube cumprir com galhardia. Serviu a Fôrça Pública, pelo seu trabalho na defesa da ordem e das instituições; serviu à coletividade bandeirante, abrindo roteiros e encurtando distâncias; e serviu à terra brasileira, aumentando-lhe as glórias.

## Um honroso conceito sobre "MILITIA"

Do Sr. Secretário da Segurança Pública de São Paulo, Cmt. Nelson de Aquino, tivemos o prazer de receber o ofício abaixo transcrito, que contém o conceito de S. Excia. sôbre esta revista.

Somos gratos pelos termos honrosos desse parecer, que veio constituir, para nós, mais um estímulo para que continuemos decididamente êste nosso trabalho até alcançarmos a consolidação de "MILITIA" num nível técnico elevado e com uma apresentação à altura do meio policial, civil e militar, a que ela é especialmente destinada:

"Senhor Diretor:

Agradecendo a oferta do n.º 3 de "Militia", a magnífica revista que constitui, no seio da Fôrça Pública do Estado, a expressão da inteligência e da cultura de seus elementos mais representativos, quero aqui expressar meu contentamento pela iniciativa, que reputo das mais proveitosas e felizes.

A revista "Militia" — quer dedicando suas páginas a assuntos técnicos-militares, históricos, geográficos, administrativos e culturais em geral, todos de grande oportunidade e revelância; quer acolhendo em seu seio impressionantes trabalhos literários em prosa e verso; quer tratando de assuntos estre-

tamente ligados ao âmbito militar, como a educação física, colônias de férias, desportos, medicina esportiva e social; quer enfim, oferecendo aos seus leitores, em cujo rol não foi esquecida a família dos militares, sugestivas páginas sôbre a criança, vida social e jogos altamente recreativos e educacionais — a revista "Militia" se me afigura capacitada a realizar no seio da coletividade policial-militar de São Paulo um excelente trabalho de confraternização e de bom entendimento entre todos aqueles que, vestindo a farda da Fôrça Pública, honrandô-a e dignificando-a no campo de disciplina e da luta, outro tanto podem fazê-lo no terreno da inteligência e da cultura. Para tanto, não lhes falta, nem o espírito de dedicação, nem a vontade férrea do militar digno e brioso, nem o Mestre por todos respeitado e querido, que é o seu digno diretor — Cel. José Sandoval de Figueiredo, o qual, nessa agradável e proveitosa tarefa, possui a seu lado, como auxiliares imediatos numerosos nomes que congregam, com justiça, o escol da inteligência e de entusiasmo da nossa Fôrça Pública, rica de tantas e tão gloriosas tradições.

Apresento a V.S. os protestos de minha distinta consideração.

O Secretário da Segurança Pública,  
*Nelson de Aquino*".

# A DISCIPLINA

*O gênio de um é muito, mas será nada se não encontrar a vontade de todos.*

*Um esforço isolado perde-se, energias conjugadas deslocam montanhas.*

*Imaginaei que, navegando longe de todo o socorro, turba-se, de improviso, o céu, encrespa-se de nuvens, incha o mar, sopram ventos rijos e, escura, desencadeia-se a procela. Faz-se, em pleno dia, noite tenebrosa e no bulcão estraçalham-se relâmpagos.*

*O mar encapela-se, assalta o navio. Vai-se o leme em pedaços, estalam as vergas; já um vagalhão galga, de golpe, o costado, outro embarca, mais outro.*

*A proa embica ao pégo, mergulha. Corre alagadamente o mar pelo convés como por praia desabrigada. Atropelam-se os homens atordoados: correm uns, outros gritam.*

*Eis surge o comandante e ordena a manobra. Ninguém obedece.*

*O medo entibia uns, a indisciplina rebela outros e todos ficam a seu canto tremendo ou murmurando.*

*Nova ordem. Debalde. Quer o subalterno vingar-se do superior e vingá-se com a própria vida, que em tanto importa a desobediência.*

*E enquanto se desbarata assim a honra do navio o mar vai fazendo o seu estrago até que, colhendo-o abandonado, entra nele aos golfões, susta-o, inunda-o e o sobro é o castigo da indisciplina.*

*Sendo assim na procela com adversários desatinados, como não será na guerra com inimigos inteligentes?*

(Coelho Neto — Breviario Civico)

# Miguelão

2.º ten. Mário Neves

Já faz muito tempo, existia no Piquete de Cavalaria da cidade de Santos, um anspeçada de nome Miguel. Alto, espadaúdo, bem moreno e sobretudo uma simpatia irradiante, eram os seus principais caractéres. Dado o seu físico assás avantajado, chamavam-no "Miguelão". Apesar de analfabeto, era de uma inteligência invulgar.

Jogava, bebia, fumava, tinha um avultado lastro sifilítico e emprestava dinheiro a juros.

A sorte sempre lhe sorria, apesar de o ter feito órfão aos três anos de idade.

Certo dia, ao entrar de patrulha, tivera por companheiro um recruta cujo nome já não nos lembramos. Era êste um tipo baixinho, atarracado, medroso, enfim, um homem vicealmente oposto a Miguelão.

Sairam, por volta das 18 horas, a patrulhar a cidade, alí pelos lados do cemitério do Saboó.

A duração daquele serviço era, como hoje ainda o é, de 6 horas; portanto, teriam de regressar à meia-noite. Acontece que, quando a noite se fez bem escura, sentiu Miguelão vontade de dormir e se pôs a pensar: da sela faria o travesseiro; da manta, a cama, e o cobertor seria mesmo aquele lindo céu santista. Não se demorou muito em convidar o colega, que foi logo recusando.

Mas não se deu por vencido Miguelão e insistiu tanto — chegando mesmo a ordenar — que o recruta acabou cedendo.

Não faltou alí um meio de fortuna para prender os cavalos. E tanto dormiram, que passou da hora. Encilharam às pressas e se puseram a caminho.

Miguelão trotava pensativo, pois teria de arranjar alguma justificativa para o atraso. E não se demorou muito em encontrá-la.

Ao passar por uma esquina, avista o anspessada um civil bem vestido, de pérola na gravata e sapatos lustrosos, que não fazia outra coisa senão assoviar um dêsses velhos tangos de sobejo conhecidos. Salta Miguelão do cavalo, desembainha a espada e, aos berros de "ladrão" e "vagabundo", esquenta as costas do homem, que se entrega, atônito.

Chegando à Central de Polícia, foi logo Miguelão contando que aquele indivíduo estava forçando uma porta, motivo pelo qual o prendêra. Não deixou de contar, também, que resistira à prisão.

O recruta, coitado, jamais tivera conhecimento de tanta infâmia, ao ver tudo aquilo, mas se conservava calado.

Pede então o anspessada, ao delegado, atestado de que estivera até aquela hora, a serviço da ordem pública.

Pronto! Salvos que estavam, tocaram para o quartel, certos de que aquele caso estivesse acabado e o atraso justificado. Mas, no dia seguinte, logo cedo, era solicitada, pelo delegado de plantão, a patrulha que

rondara na noite anterior, lá pelos lados do Saboó.

Houve um momento de pânico nos corações dos patrulhadores. O que teria acontecido? Quem seria aquele desconhecido que tinham prendido? Era essa a triste dúvida daqueles dois policiais.

Na presença do delegado e de todo o seu corpo de auxiliares, qual não foi a surpresa, quando receberam um abraço seguido destas palavras: "você prenderam um dos maiores e mais perigosos ladrões argentinos, internacionalmente conhecido".

Miguelão foi promovido a cabo e, o recruta a anspessada.

Pois bem, como não existisse em Santos mais vaga de cabo, veio para São Paulo e para o Regimento de Cavalaria.

Naquele tempo, começavam a chegar para a Fôrça Pública as primeiras metralhadoras "Madsen".

O cabo Miguelão, para justificar as suas divisa, pois nada sabia fazer, tratou logo de travar conhecimento com as tais metralhadoras, tão cheias de pecinhas e parafuzinhos. E dava gosto ver.

Montava e desmontava de olhos vendados e, mais, conseguiu decorar o nome de todas as peças, sem exceção de uma.

Certa vez, foi o Secretário da Justiça e Segurança Pública, visitar o quartel da cavalaria. Como é natural, foi organizado um programa para a recepção do ilustre visitante. E, dentre outras coisas, apresentavam Miguelão montando e desmontando metralhadoras de olhos vendados. Gostou muito o Secretário da incrível habilidade do cabo e disse: "quero

ver este homem muito logo como sargento; ele bem o merece".

Mas, todo mundo era promovido e Miguelão continuava como o cabo eterno.

Um dia, lhe ordenaram comandasse um policiamento no Prado da Moóca. Ao chegar no local, notou a presença do Exmo. Sr. Secretário. Alinhou sua tropa e foi apresentar seus préstimos, como é de estilo.

— "Pronto, Excelência — cabo Miguel, com seis homens em forma, à disposição de Vossa Excelência!"

— "Muito obrigado, pode dispôr seus homens e começar o serviço" — disse o Secretário.

— "Vossa Excelência não se lembra mais de mim?" — insistiu o cabo. "Sou aquele que desmontou as metralhadoras com os olhos "tampados" prá Vossa Excelência vê"; lembra? Até Vossa Excelência disse que eu devia ser sargento..."

— "E não és ainda sargento?"

— "Não, meu Comandante disse que gente de cartola não manda lá".

Tira, o Secretário, um cartão do bolso, anota alguma coisa e dispensa o cabo.

No outro dia, foi um corre-corre dos diabos; todo mundo procurava Miguelão e, à tarde, sua promoção a sargento era publicada em boletim.

Como naquele tempo o 3.º sargento era o encarregado de todo material do Esquadrão, furriel, fazendo todo serviço que faz hoje um Sub-Tenente e, sendo Miguelão analfabeto, isto o impedia de ser 3.º sargento; então, foi logo a segundo.

Mas é isso mesmo, a sorte é como o azar; quando persegue uma pes-

soa, enquanto não a faz bastante feliz ou a desgraça de uma vez, não pára.

Quando chegou o ano de 1924, de triste memória, seguia Miguelão para o campo da luta. Não gostou mas, todos foram...

E lá se foi êle também, praguejando a cada passo.

“Combate a pé!”

Desde o momento em que ouvira aquela voz de comando, não mais tivera sossêgo, até o dia em que a revolução se acabara.

Passara muita sede e, por não raras vezes a fome o visitara.

Um dia, ficou seu pelotão encurralado numa dessas tirânicas depressões do terreno. Parecia que todas as armas inimigas estavam assestadas para lá. Aquele que, por descuido ou imprudência, levantasse a cabeça, ficaria ali para sempre. A munição foi se acabando, se acabando, a ponto de não ser mais possível responder ao fogo adversário. E, o pior, perdera o contato com a sua tropa.

Com os homens famintos e sedentos, as armas tão silenciosas, aquele grupo tinha seus elementos condenados à morte.

E foi ali, naquele cemitério de vivos, que Miguelão aprendera as primeiras rezas do catecismo. Quanto mais rezava, mais a fome lhe apertava.

A certa altura, se resolveu. Sairia dali de qualquer modo, o estômago não lhe dava tréguas.

De noite, por entre as folhagem e os ramos, os cortes e as pedras, saiu rastejando com a perfeição de um réptil.

Sua intenção era a de assaltar, roubar mesmo, a primeira casa que encontrasse. Roubar para matar a fome não deve ser pecado, pensava êle.

Já bem distante do perigo, levantou-se e viu, sabe Deus com que alegria, uma luz frouxa numa baixada. Não mais pensou, se pôs a correr naquela direção como um desvairado, tão doida era a sua fome.

Ao chegar, ficou perplexo. Era um casebre abandonado, onde o comandante do setor se instalara.

Não tardou muito e sua presença se fez sentir.

Levado ao chefe, diz, com o último restinho de sua força:

— “Pronto “seo” comandante, sargento Miguel, que veio buscá munição pra podê continuá o compate”.

E naturalmente contou, com cores mais carregadas ainda, a situação difícil que êle e seus companheiros estavam vivendo sob o fogo inimigo, naquele bêco de martírios.

Muitas foram as felicitações, abraços e até lágrimas houve quem as deixasse cair. Deram-lhe de comer, carregaram-no de munição e de alimentos e lá se foi Miguelão, de encontro aos companheiros, mesmo porque não lhe era possível ficar.

Por isto fôra condecorado e promovido a tenente.

Pôde gozar das regalias e privilégios que o posto lhe conferia, somente por dois anos. A compulsória o alcançara.

Hoje já é falecido.

As pessoas que o conheceram dizem que, provavelmente tenha aranjado um lugarzinho no céu, dada aquela sorte nunca vista.

# As "Reservas Ativas" do Exército

1.º Ten. *Olívio F. Marcondes*

No Brasil — si atentarmos para a atuação proveitosa que poderá ser exercida pelas Polícias Militares no setor da assistência pública, da educação física da mocidade, das comunicações, pelo rádio, e mesmo da defesa antiaérea — encontraremos solução econômica e prática para estes problemas de grande interesse nacional.

Em harmonia com a sua missão precípua de segurança e de ordem pública, as Milícias Estaduais poderão exercer serviços de assistência pública, nos casos de acidentes, incêndios, fornecer oficiais e graduados destacados nas cidades do interior para ministrarem educação física à juventude de suas escolas secundárias, manter um serviço de comunicações, pelo rádio e pela rádio-telefonia, entre as cidades, manter guarnições habilitadas para a defesa antiaérea dos grandes centros, bem como corpos de bombeiros.

A focalização do complexo problema da manutenção das "reservas" das Forças Armadas, principalmente das do Exército, desperta a reflexão das autoridades responsáveis.

A compreensão da necessidade da defesa nacional nos indica ser imprescindível a manutenção de:

1.º) — um quadro de oficiais técnica e profissionalmente preparados, na "ativa" das Classes Armadas, para a coordenação dos quadros de tropas,

sempre prontos para quaisquer eventualidades, e para a preparação das "reservas", pelo recrutamento e serviço militar temporário dos cidadãos válidos;

2.º) — uma "reserva ativa, organizada", afeita às manobras de tropas e às exigências da vida militar, susceptível de imediata mobilização, para determinados empreendimentos militares, independente da prévia preparação, que demanda sempre tempo.

Esta "reserva ativa" não poderá provir dos quadros oriundos dos C.P.O.R. que, de pronto, não podem oferecer oficiais com os índices de capacidade de ação e profissional que a guerra moderna exige, em virtude de suas atividades civis — nas profissões liberais, no comércio ou na indústrias — não se relacionarem com as normas e os problemas militares, para se manterem, a qualquer momento, seguramente atualizados para a ação e a vida militar, nos quadros das tropas combatentes.

Engenheiros, químicos, médicos, eletrotécnicos, etc., poderão constituir "oficiais da reserva" indicados para aproveitamento eficiente nos quadros de direção e de execução dos Serviços Militares; não, porém, para as manobras das tropas de operações ou combatentes.

A Inglaterra — para o seu sistema de defesa — mantém a “Guarda Metropolitana”, à qual competem, na guerra, os problemas de ordem e de segurança interna, de modo a liberar o Exército para a luta contra as forças externas e para a preparação e emprego dos efetivos mobilizados.

O Canadá, — que não mantém Exército — confia a garantia da ordem, da segurança interna e o serviço de contra espionagem à “Polícia Montada”, tradicional e valorosa.

Os Estados Unidos da América do Norte confiam a sua segurança ao Exército Regular, à Guarda Nacional e às suas Reservas Organizadas. A Guarda Nacional é constituída pelo conjunto das Guardas Estaduais — reservas instruídas, ativas, cujos quartéis, campos de treinamento e depósitos de material são mantidos pelos Estados. Os seus oficiais exercitam-se na instrução militar das armas e mantêm-se atualizados pela vida na tropa e freqüência aos campos de manobras; freqüentam os cursos mantidos pelo Exército e, de acôrdo com as condições físicas e capacidade, são “federalmente reconhecidos” e considerados, também, oficiais do Exército Regular.

Até 1903 cada Estado mantinha a sua Guarda à sua maneira e elas diferem umas das outras até em uniformes — como ainda acontece com as nossas Polícias Militares. Hoje, padronizadas, com armamento e fardamento idênticos e com garantias federais, são supervisionadas pelo Departamento Federal da Guarda Nacional (anexo ao Ministério da Guerra), o qual prepara planos e diretrizes para as mesmas, redige regulamentos e apresenta sugestões,

com vistas ao aparelhamento e desenvolvimento das Guardas. Os Estados financiam as despesas de pagamento de soldo aos efetivos em serviço ativo. O Congresso Nacional vota verbas para o armamento militar que devam possuir, para os equipamentos e os veículos necessários às operações militares.

Em 1939 o efetivo ativo das Guardas Nacionais era de 14.455 oficiais, 211 sub-oficiais e 183.258 praças, sem incluir 20.306 praças da reserva. Dos oficiais prontos, dos Estados Unidos, 65% pertenciam às Guardas e cerca de 25%, ao Exército Regular, o que, deflagrada a 2.<sup>a</sup> Grande Guerra, permitiu rapidamente a convocação de 132.072 oficiais considerados “corpo potencial preparado para pronta ação de guerra”.

No Brasil, a “reserva ativa organizada”, suceptível de mobilização imediata, são as Polícias Militares, no seu corpo de oficiais e praças afeitos às exigências profissionais da ação e da vida militar, nos quadros de tropas. A nossa Constituição confere a elas a missão de garantia da segurança interna e da ordem pública e as considera “forças auxiliares e reservas” do Exército; porém, nada ainda se fez no sentido de definir precisamente o âmbito de sua missão precípua, nem de conferir-lhes organização adequada e garantias, para que possam servir em todos os Estados, obedecendo à organização de soluções iguais para problemas idênticos, de modo a conseguir uniformidade de ação no Brasil inteiro.

As Polícias Militares continuam a dar aos seus problemas idênticos as soluções mais divergentes que as tornam heterogênicas — fatores que

dificultam a sua evolução e fazem com que as suas necessidades e possibilidades, a sua ação corretiva e disciplinadora, não despertem a devida apreciação e reconhecimento na opinião pública. Elas estão a necessitar de supervisão de um "Departamento Federal das Polícias Militares" ou da "Segurança Pública", de onde emane a orientação geral que justificará e norteará a sua existência, objetivando a instrução e o emprêgo eficiente dos quadros, de acôrdo com âmbito definido de sua missão precípua, a formação de oficiais e de graduados habilitados em polícia preventiva e repressiva, em técnica e perícia policiais, em legislação e no serviço militar que lhes competir.

Sòmente com a organização e as garantias asseguradas pelo Poder Fe-

deral, na qualidade de corporações padronizadas, sob a supervisão de um Órgão Central e desempenhando proveitosamente, em todos os Estados, à sua missão de segurança e de ordem, na condição de "fôrças auxiliares do Exército", é que as Polícias Militares se revestirão das características próprias de suas finalidades que as tornem necessárias e inspiram confiança ao povo e ao Governo a que servem.

A supervisão das Polícias Militares por um Departamento Federal, com vistas ao alcance geral do objetivo definido em nossa Constituição, se harmoniza com a necessidade da manutenção de "reservas organizadas", como corpo potencial susceptível de pronta mobilização para quaisquer manobras militares.

IMPORTADORES

Conrado Herrmann & Cia. Ltda.

Representantes de: { Guilherme Ludwig  
Adams & Cia.  
Zwetsch & Cia.

Fornecedores do E. M. I. da 2.<sup>a</sup> R. M., Fôrça Pública de S. Paulo e Repartições Públicas

ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 33

Tele { fone 4-7022  
gráfico HERRMANNCO — SAO PAULO

# Luiz Gonzaga Pinto da Gama

*De cabo de esquadra graduado do Corpo Permanente,  
ao brilhante advogado da libertação negra.*

JEPAGES

De onde veio, o que fez, o que foi como homem, como cidadão e como brasileiro, Luiz Gama?

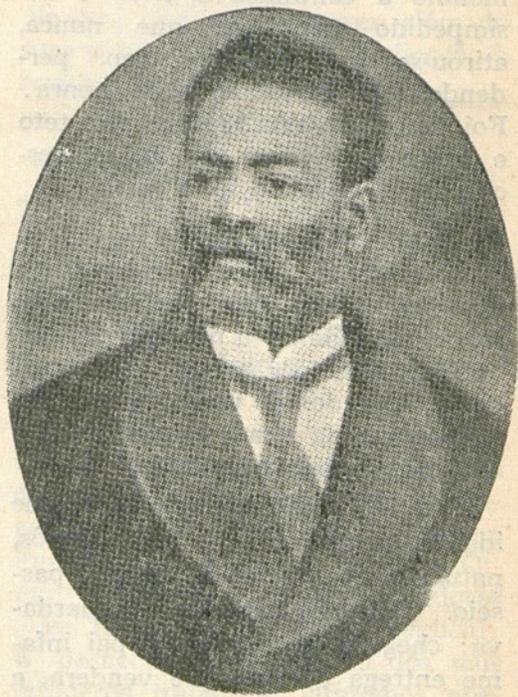
A vida desse homem, dá o que pensar e aprender e, porisso, todos devemos conhecê-la. Nela há, sem dúvida, qualquer cousa de sublime e inconfundível.

Foi a 21 de junho de 1830, após 8 anos da Independência do Brasil, na rua do Bângala, na parte central da cidade de São Salvador, Estado da Bahia, próximo ao porto, que Luiz Gama abriu os olhos para o mundo.

Filho natural de amores não legalizados, deu-lhe o sorriso maternal uma negra vinda dos arraiais imensos da Costa da Mina, africana livre e pagã por índole. O pai, brasileiro, pertencia a bôa família, muito considerada na Bahia. Luiz Gama era negro, tendo "puxado" à mãe, apesar de pertencer seu pai à raça branca. Que união desigual. Um alvo filho de fidalgos, criado em berço dourado, tendo o confôrto e todos os prazeres que dá o dinheiro, atraído pela graça de uma negra filha do deserto, escrava. Naturalmente, essa união devia ser mantida em segrêdo.

A família do pai fechou os olhos, certa de que seria passageiro o capricho — do qual resultou Gama. Este viveu seus primeiros anos num casebre, com sua mãe, a quem ajudava nos arranjos caseiros, acompanhando-a na venda de quitutes, em cuja confecção colaborava com perícia.

As poucas horas de lazer, passava-as no cais, contemplando as águas onde o sol quente vinha refletir-se, ouvindo o cochilo do vento nas velas das barcaças e seguindo, com pensamen-



to distante, o vôo das aves marinhas. Mas a vida de Luiz não devia continuar assim. Em breve tudo mudou.

O pai, que vinha de noite à casa da mãe, contava das caçadas e pescarias, que empreendia, das cavalgadas ruidosas e dos divertimentos de armas com seus amigos fidalgos.

Tendo, por volta de 1836, herdado de uma tia, regular fortuna, mal-

baratou-a, atribuindo, porém, sua derrocada financeira a desfavores dos grandes da Bahia. Depois, envolveu-se, com a amante, que se chamava Luiza Mahin, na célebre sedição conhecida por "Sabinada", sendo provável que tivesse desgostado profundamente a companheira, pela vida desregradíssima que levava. Separaram-se em 1837, ficando Luiz Gama com o pai, que veio para o Rio de Janeiro. O pai confiou o menino a estranhos e, livre e desimpedido mais do que nunca, atirou-se à orgia, ao jôgo, perdendo todo sentimento de honra. Foi assim que, em 1840, já sem teto e orientado por um jogador sem escrúpulos, vendeu o filho como

### ESCRAVO,

o que não podia fazer! — Bem cedo, sofreu Luiz Gama a negação do sentimento filial por parte de seu pai, que o abandonou vergonhosamente mediante uma venda, seguindo-se a isso o abandono pela mãe.

Contava, então, apenas 10 anos de idade. Quando o pai o levou, supôs, naturalmente, tratar-se de um passeio. Dolorosa surpresa o aguardava: chegado ao destino, o pai infame entrega o filho, que vendera, e volta, escutando, porém, ao retirar-se, daqueles lábios inocentes, estas palavras que, sem dúvida, ficaram para sempre martirizando seus ouvidos: "Meu pai, o senhor não me leva?"

Luiz Gama estava, pois, reduzido a escravo. Teve muitos donos, conheceu muitas senzalas. Sentiu, sem dúvida, em suas carnes, o chicote do senhor ou do feitor.

Perambulando, assim, de mão em mão, veio parar em São Paulo, já com 17 anos. Aqui vamos encontrá-lo na casa do alferes Cardoso, que residia à rua do Comércio n.º 2, sobrado, próximo à igreja da Misericórdia. Aprende, então, entre outros ofícios domésticos, a ler, escrever e contar, um pouco. Recebe do jovem estudante Antônio Rodrigues do Prado Junior, que nesse tempo se hospedava em casa de Cardoso, para estudar humanidades, algumas lições que, ocultamente, lhe eram ministradas; e de posse já de alguns conhecimentos, com habilidade se preparou e conseguiu obter alguma brandura na prisão que o oprimia, até que pôde fugir, na primeira oportunidade, oferecendo-se, então, para assentar praça no Corpo Permanente, onde serviu como

### SOLDADO

durante 6 anos, isto é, até 1854. Conseguiu ser promovido ao posto de cabo de esquadra graduado. Sendo soldado, julgava não ser incomodado com eventuais protestos de seu antigo dono.

Mas a farda não o satisfazia verdadeiramente. Não lhe agradava uma vida na qual os homens são sujeitos à disciplina. Fôra escravo e queria agora liberdade integral.

Conseguindo ocupação na tropa, como copista, ingressou Luiz no gabinete do Conselheiro Furtado de Mendonça, de quem foi ordenança. Foi êsse gabinete a sua universidade! O Conselheiro Furtado, o seu guia.

Foi aí que Luiz Gama realizou o seu desejo maior... Que fôrça de vontade! Que assimilação de conhe-

cimentos! Que tenacidade!... Entre as duas refeições ou à noite, após a lavagem dos pratos, Gama compulsava os clássicos, os sizudos mestres de direito e do pensamento humano.

Seguia de perto a sorte dos seus desventurados irmãos. Certo dia, ao repelir a insolência de um oficial que o maltratou, porque ousara defender em plena rua um escravo inocente, foi prêso pelo mesmo e, depois de responder a um Conselho de Justiça, por atos de suposta insubordinação, permaneceu prêso durante 39 dias. Passou-os em leituras e estudos constantes. Terminado o castigo que lhe fôra impôsto, teve baixa do serviço.

### ESTUDANTE

Luiz Gama devorava os livros, pelo anseio do saber. Homem já instruído, conseguiu o cargo de escrevente no cartório do escrivão major Benedito Antônio Coelho Neto, que se tornou seu amigo e onde, com certeza, lhe nasceu a inclinação para o fôro. Serviu também como amanuense no gabinete do Conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça e, pela sua dedicação, vivo talento, atividade e bom proceder, mereceu-lhe a estima e proteção, recebendo dêle proveitosas lições.

### FUNCIONÁRIO PÚBLICO

De 1856 a 1868, serviu como escrivão perante diversas autoridades policiais, sendo nomeado amanuense da Secretaria da Polícia, época em que, perseguido pela "Reação Conservadora", é tido como turbulento e sedicioso, sendo demitido "a bem do serviço público".

A portaria de demissão foi lavrada pelo Dr. Antônio Manoel dos Reis, então Secretário da Polícia, seu dedicado amigo, e assinado pelo Dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que pouco depois era promovido a desembargador da Relação da Côrte.

A turbulência de Luiz Gama consistia em ser liberal exaltado e militante; em promover, pelos meios judiciários, a liberdade de pessoas reduzidas a criminoso cativo; auxiliar alforrias de escravos, na medida de suas posses e, às vezes, além de suas posses, graças à sua dedicação à causa santa dos oprimidos.

### JORNALISTA

Cultivava, com igual proficiência, o jornalismo. Poderia encarregar-se, êle só, da confecção de um jornal inteiro, desde o artigo de fundo até a sátira mordaz, em verso ou prosa; assim, em 1868, fez-se revisor do diário liberal "O Ipiranga" de propriedade do Dr. José Maria de Andrade.

No ano seguinte, vemo-lo como um dos principais redatores do "Radical Paulistano", tendo como companheiros Ruy Barbosa, Bernardino Pamplona de Menezes, Dr. Eloy Ottoni e outros, e entre os oradores mais brilhantes do Clube Radical. E' desnecessária a citação dos seus inúmeros trabalhos; citaremos apenas os seus livros "Trovas Burlescas", "Getulino", "A Bodarrada"; além disso, há diversos trabalhos seus na imprensa diária, salientando-se os artigos que, com o pseudônimo de "Afro", publicou por ocasião de conhecida polémica entre Liberais e a Reação Católica.

Dedicou-se à libertação dos cativos, aos problemas liberais-democráticos, aos princípios consti-

tucionais, tudo sustentado em primorosos artigos e renhidos combates, pela imprensa e na tribuna. Todos os cativos eram, sistematicamente, auxiliados, aconselhados e protegidos por Luiz Gama e, finalmente, emancipados! Transformou-se em

### ADVOGADO DOS ESCRAVOS

Era o terror dos senhores. Libertava centenas de cativos e embargava a importação de outros, fazendo voltar navios carregados. Tempo houve em que não podia ir da Capital a Campinas sem risco da própria vida. Sua cabeça esteve a prêmio. Foi Luiz Gama à barra do júri de São Paulo, processado por crime de injúrias contra autoridades judiciárias; defendendo-se por si mesmo, brilhantemente, teve de referir-se a grande parte de sua vida passada. A sala do Tribunal estava apinhada de assistentes, a maioria constituída pela mocidade da Academia de Direito, que a todo momento cobria de aplausos a voz do réu, a despeito da campanha do presidente. O júri o absolveu por unanimidade e foi Luiz carregado em triunfo até sua residência.

Na convenção de Itú, de que participou, levantou, ousadamente, a questão da liberdade completa e imediata para os escravos. Orador inato, quando assomava à tribuna, a todos dominava, enérgico, inspirado pelo grande princípio que defendia.

Luiz Gama tornará-se estimado e respeitado por todos.

A partir dessa época não lhe foi difícil, bem como a espíritos esclarecidos como os de José do Patrocínio, José Bento, Ruy Barbosa e outros, entreverem a possibilidade de ser extinta a mácula da escravidão, dentro de breve prazo.

O povo colocara-se ao lado da boa causa. Já era difícil combater os princípios lançados por Luiz Gama. Os ânimos já tendiam à revolta. O tempo encarregar-se-ia do amadurecimento dos frutos daquela sublime sementeira.

Luiz Gama morreu em 1882, seis anos antes da libertação de sua raça. Seus funerais foram dos mais concorridos daqueles tempos. Velhos, moços, mulheres, crianças, brancos e pretos, numa procissão calculada em 5.000 pessoas, levaram seu corpo ao cemitério da Consolação, onde repousam seus restos, ainda hoje, em sepultura perpétua.

Lindo o destino de Luiz Gama, extraordinário mesmo. Escravo que se libertou, que se fez livre também das algemas da ignorância, para trabalhar, como poucos o fizeram, pela liberdade de seus irmãos. Brasileiro, prestou ao seu país um imenso serviço, qual seja o de concorrer tão grandemente para extinguir a escravidão humana do solo pátrio.

---

---

## Cães de guarda

No exército britânico tem-se demonstrado que, para cuidar dos depósitos militares, um soldado com um cão de guarda são tão eficazes como cinquenta guardas humanos, sem cães.

# O DESENGANO

---

*Cavalheiro Freire*

*Não me conheces?*

*Pois caminho ao teu lado,  
desde o início do dia até que tu adormeces,  
sem que saibas, talvez, oculto, ignorado.*

*Tenho nas minhas mãos a sorte do universo,  
como o poeta no gênio a estrutura de um verso!*

*Acompanho-te o ser, prudentemente,  
como a sombra teu corpo, a todo o instante;  
escondo-me no olhar de tôda a gente,  
nas jornadas descanso ao lado do viandante.*

*Se a mocidade ensaia os seus primeiros passos,  
apareço-lhe à frente, armando-lhe mil laços!*

*Brinco sinistramente à sombra das vitórias,  
quando brilham no olhar dos homens os matizes  
coloridos das glórias,  
nos momentos felizes!...*

*Se a fortuna te leva aos louros do fastígio,  
persigo-te também...  
deixando-te no peito um cínico vestígio  
de supremo desdém!...*

*Se dormes, acompanho-te nos sonhos;  
se refletes, estou nos argumentos;  
sou terrível sequaz nos teus dias tristonhos,  
vivo sempre ao teu lado em todos os momentos!*

*Se crês nos teus amigos, apareço  
para mostrar, não raro, algum fatal tropêço...  
que é sempre muito humano e muito natural,  
na condição social!*

Jamais me separei das tramas da política,  
do acervo emaranhado e exótico da crítica!

Porque às vezes visito os pobres camponeses,  
muita gente me julga estúpido e atrevido;  
mas, quanta vez, também, penetro sem alarido  
nos palácios dos reis, nas casas dos burgueses!

Sempre me encontrarás ao lado da ciência,  
quando, imperfeita e falha,  
depõe as armas com as quais trabalha,  
e perde de repente o arroubo da eloquência!

Em tôda parte estou: nos hospitais,  
na bela palidez dos longos aventais  
das irmãs enfermeiras;  
nas horas de lazer, nas exaustivas fainas,  
na côr opaca e austera das sotainas,  
nos finos bisturís, na mão dos cirurgiões,  
nos gemidos de dôr, nos ais dos corações! . . .

Corro ao lado do atleta, nas corridas,  
acompanho as carreiras  
dos aviões, dos trens, das naves com mil vidas!

Tenho comigo o dom, a lamentável arte  
de viver muito bem em tôda e qualquer parte:  
nas lágrimas que rolam pelas faces,  
na gargalhada estrépita dos loucos,  
nos ruidosos festins, como nos desenlaces,  
no olhar dos imbecis, que não são poucos!

Tenho o germe feroz dos ódios mais terríveis:  
o amor é meu inimigo!  
E em meio da tormenta, é estranho, mas consigo  
perscrutar corações, mesmo os inacessíveis! . . .

Trago, às vezes, a luz esplêndida da crença,  
como lanço no peito o vírus da descrença! . . .

E que injustiça atroz: — porque jamais engano,  
o mundo inteiro diz que eu sou o **DESENGANO!** . . .

# Aqui estou, Senhor!

Escreveu NÚBIO

Fim do dia, no eito.

Era chegada a hora em que a bola do sol se equilibra por uns instantes no cabeço do monte, para rolar, depois, lentamente, para o lado de lá.

Os seus raios, então quasi horizontais, arrancavam do dorso nú e ensuarado da escravaria, curvada sobre o cabo da ferramenta, revêrberos de um negro luzidio.

— Eia, negrada! berrou o feitor. Nós hoje tem que impatá co sór. Quando êle sumí atrais da serra, há de está acabada também a tarefa de hoje.

As enxadas subiam e desciam compassadamente, produzindo, ao contacto com o solo, os sons metálicos da sinfonia do trabalho.

O feitor, tipo de cabocio atarracado, refugiava-se dos rigores da canícula à sombra de arvore frondosa. À mão direita, o látigo comprido, com o qual brincava descuidoso, em golpes sibilantes sobre a ramaria espessa.

— Que ninguem se atraze, pra não recebê o abraço do coro.

E a esta ameaça, para um melhor efeito, a língua viperina do chicote silvou nos ares e estralejou, feroz.

Acelerou-se o ritmo do trabalho; peitos arfantes brilhavam, suarentos.

Quando, o sol já oculto, o opaco da tarde dominava o cenário, a tarefa era finda. Uma romaria de negros

alquebrados, moidos, exaustos, de mandava a senzala. Sinhô aguardava na porteira grande o regresso dos negros.

Era um ritual a que não dispensava. Cavalgando o baio imponente, que se ajaezava com requintes de luxo; chapelão de abas largas, chilenas de grandes rosetas, rebenque de cabo de prata, ali recebia êle diariamente os sinais de respeito da negrada submissa:

— Sum Cristo, sinhô.

— Deus te abençoê, negro.

E os escravos prosseguiam, cabisbaixos, rumo à senzala.

Separada da “casa grande”, a senzala era um compartimento enorme, de chão batido e telha vã; uma candeia bruxoleante, dependurada ao meio do salão, a custa continha nos cantos as trevas da noite que chegava.

A escravaria, derreada, deixava-se cair no chão batido, aguardando, faminta, a chamada para o “angú”.

A catinga do negro, pesada, asfixiante, impregnava o ambiente.

Ninguém falava. Todos se rendiam ao silêncio impôsto pela fadiga.

Pai Tomé estava triste. Ficava assim todos os dias, àquela hora. Fugia para um canto, onde mal chegavam os raios de luz, e ruminava, sozinho, lembranças de um passado de liberdade.

Lá longe, na terra de fôgo, era um semi-deus da floresta. A chegada da

noite saudava-se com a cadência do "jango", a que toda a sua gente tomava parte.

As fogueiras crepitavam na noite escura; os ecos dos batuques transmitiam a distâncias a felicidade do seu povo.

Uma noite, em meio a tais festividades, fôra aprisionado pelos brancos, com todos os seus, e pela primeira vez conhecêra a infâmia do açoite e dos grilhões.

Há quanto tempo fôra isto?

Onde estariam Momba, a companheira fiel? E Batú, Bugali e Calunga, frutos do seu amor?

Perdia-se o velho preto em tristes meditações... Seu espírito, mais martirizado que o seu corpo, fugia à procura de Momba, para o "jôngo" da noite, lá na terra do sol.

Foi por isso que êle não percebera à entrada do feitor, para as preces da Ave Maria. O rumor festivo da "congada", o tropear rítmico dos dançadores, os gritos de triunfo da negrada feliz, abafavam a melopéia triste da oração na senzala.

No seu delírio, na confusão tremenda de um sonho alucinado, os cativos genuflexos, contritos, eram os guerreiros vencidos da nação inimiga a lhe render vassalagem. E Pai Tomé, outra vez forte, outra vez livre, outra vez em companhia de Momba e de sua gente, solta a plenos pulmões o grito de guerra do seu povo.

Grita... e desperta; e cai em si, e treme.

Sabe o que o espera: o "tronco" e o "bacalhau", por haver desrespeitado a presença do feitor, perturbado as preces da tarde e estabelecido a desordem entre os escravos.

Trêmulo, encolhido no canto mais escuro, o infeliz aguarda o castigo terrível.

— Sai daí, negro. Não se contenta de fugi da résa e ainda atrapaia os ofício. Venha pagá os seus pecado no tronco. Anti-Cristo... Pagão...

A escravaria, estarrecida, contempla pesarosa aquele mulambo de gente, que ainda mais se arruinará no suplício infamante.

Pai Tomé não tem uma súplica para o carrasco. De nada lhe serviriam os rogos de perdão, como de nada lhe serviram nas vezes anteriores.

A passos trôpegos, encaminha-se para o "tronco", e deixa-se amarrar com a resignação de martir. Arrancam-lhe do dorso a camisa grosseira de algodão crú, e a pancadaria começa.

O braço robusto do feitor manobra o látigo com arte diabólica; o cordel de couro trançado corta o ar com uivos de antegoço, e se enlaça no busto nú do negro, na mais cruciante das carícias.

Pai Tomé não tem um grito. Contorce-se desesperadamente, e afoga com heroísmo os brados de dôr. Nunca gritára, no "tronco".

— Ê prá vancê respeitá. Nosso Sinhô, negro. Ê prá vancê aprendê a resá, tihoso.

E o suplício continuava.

Grossas bagas de suor alagavam as costas reluzentes; vergões horrendos tatuavam o corpo do flagelado; gotas de sangue perolavam de rubro o veludo negro de sua péle.

E só quando o feitor cansado esgotou toda a dose de sua sádica satisfação, o negro se livrou do flagelo.

O carrasco, arquejante, ainda re-gougou:

— Vá aprendê a resá, capeta do inferno.

Pai Tomé, desamarrado, caiu aos pés do "tronco". Ninguém podia prestar-lhe assistência, se não quizesse incorrer nas iras do feitor.

Ali ficou êle, retalhado, em sangue, exânime, em companhia da cá-lida noite de verão, à espera de que lhe voltassem as fôrças. Quando, por fim, pôde movimentar-se, arrastou-se a custo em direção de um bosque próximo. Cada gesto arranca-va-lhe dôres lancinantes; outras tantas punhaladas, que lhe lanhavam mais o corpo em chagas.

Alcança o bosque e a clareira; ajoelha-se, gemendo, no sólo duro; eleva para os céos os olhos em pranto, e a golpes compassados das mãos cruzadas sôbre o peito, murmura, chorando as palavras, entremeadas de soluços:

— Aqui estô, Sinhô; aqui estô, Sinhô...

Uma luz difusa começa a envolvê-lo todo; vai-se aumentando aquela claridade, de fantásticos esplendores.

Enquanto se desenvolvia o estranho fenômeno, o poder da fé daquele pobre preto o eleva no espaço, na postura piedosa em que se encontrava no chão.

O feitor, que saíra à procura da vítima, temendo a sua fuga, ao atingir a clareira do bosque se assombra com o espetáculo miraculoso: toda a mata era uma festa de luzes; luzes deslumbrantes como as de um sol a pino num estíio sem nuvens, que se irradiavam da figura do negro mártirizado, na mais celestial das auréolas.

E êle, suspenso, sobrepairando, com as feições divinizadas, repetia sempre, batendo no peito:

— Aqui estô, Sinhô... Aqui estô...

## COMPANHIA MOGIANA DE TRANSPORTES

SÃO PAULO

Telefones:

Pedidos coleta: 3-7248 e 2-9778

CAMPINAS

Telefone:

Pedidos coleta: 2-404

Tráfego Mútuo com a C. G. T. (Companhia Geral de Transportes), C. P. T. (Companhia Paulista de Transportes), R. C. B. (Rodoviário da Central do Brasil), A. P. T. (Agência Pestana de Transportes) e R. E. S. (Rodoferroviário da Estrada de Ferro Sorocabana).

## Os locais de crimes e a importância de sua preservação pelo policial de rua

*"A luta contra o crime adquiriu o aspecto de uma verdadeira tática de guerra em que tudo deve ser previsto, medido e executado com segurança, exatidão e prontidão, para o bom êxito das operações."*

1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado (Manoel N Viotti)

Grande é a literatura especializada sobre crimes e criminosos célebres, assim como várias são as teorias criminais.

A verdade, porém, é que apesar de tudo, os crimes e os criminosos, como em todas as épocas da história da humanidade, existiram, existem e existirão no meio social, ameaçando o indivíduo e a coletividade como um mal incurável.

A luta tem sido constante e renhida entre a sociedade e os delinquentes, levando-nos a crer que, jamais desaparecerá da face da terra tão homérica batalha entre o bem e o mal, isto é, entre os mantenedores da ordem e os indivíduos que ameaçam a segurança social.

Daí, essa sociedade necessitar de lançar mão de meios capazes de prevenir e reprimir os delitos, afastando, assim, de seu seio, tudo quanto possa causar lesão do direito.

Um dos órgãos do qual ela se utiliza para tal fim é a polícia, "organização por excelência destinada a combater os delitos, garantindo assim a ordem pública, a liberdade e a segurança social e individual".

Por conseguinte, os componentes desse órgão, de suma importância para o Estado, devem possuir conhecimentos exatos de sua missão, afim de que possam, eficientemente, ser-

vir à sociedade pela qual são responsáveis.

Dentro dessa ordem de idéias, é que trataremos aqui de um assunto de grande relevância, não só para o desempenho cabal da missão que nos foi confiada pelo povo, qual seja a de policiamento sob todos os seus aspectos, como ainda para a justiça, que graças à nossa eficiência profissional, terá por certo, em mãos, os elementos materiais do crime, suficientes para apontar, condenar e sequestrar do meio social todo aquele que venha a se tornar criminoso.

Se a teoria de CEZARE LOMBROSO sobre os índices somáticos da criminalidade fosse exata e indiscutível, fácil, por certo, seria a formação profissional do policial de rua; pois, este, outro treinamento não teria que receber senão o de guardar de memória referidos índices somáticos, visto que, segundo êle, "o delinquente constitui um tipo antropológico à parte, isto é, um tipo de homem especial, diferente dos demais", reconhecível facilmente no meio social.

Tal teoria, porém, para felicidade de muitas pessoas honestas, mas portadoras de alguns índices criminais lombrosianos, caiu por terra, isto devido à sua inconsistência científica; pois, está provado por famosos cri-

minologistas; entre êles RAFAEL GAROFALO que, os índices somáticos de criminalidade são mais facilmente encontrados em pessoas honestas do que naquelas que não o são, isto é, que são criminosas.

Como vemos, não seria possível à polícia descobrir, na simples conformação morfológica do indivíduo ou pelo faro policial, conforme preconizava SHERLOCK HOLMES em suas novelas policiais, o autor ou autores de um delito, e sim investigando os elementos materiais do crime que por acaso tenha o criminoso deixado no local do fato; daí a importância da preparação profissional dos policiais de rua e da preservação dos locais de crimes pelos referidos policiais.

A título de esclarecimento, podemos definir como local de crime, o sítio no qual se tenha dado uma ocorrência de interesse policial; exemplificando, podemos dizer que é onde se deu uma colisão de veículos, um homicídio, um assalto à propriedade, um incêndio, etc..

Podemos ainda dizer que o local é a sede dos vestígios, sendo sua área variável de acôrdo com a situação, podendo ser simplesmente o interior de um automóvel ou apresentar extensão muito maior, como seja no caso de incêndio, de acidentes de veículos nas vias públicas ou de desastres ferroviários.

Duas são as espécies de locais: o local propriamente dito, isto é, onde se deu efetivamente o fato, e o local relacionável, que sempre tem íntima ligação com aquele, merecendo, por conseguinte as mesmas medidas referentes à preservação dos locais propriamente ditos. Exem-

plificando, citemos o caso de um HOMICÍDIO:—“praticado o delito, o agressor foge, sendo posteriormente encontrado; o refúgio onde se achava pode ser considerado como local relacionável com o primeiro, por quanto nele podem existir vestígios que permitam esclarecer circunstâncias do primeiro”.

Como acabamos de ver, a preservação do local relacionável é também uma necessidade, pois se tal não fizermos, certamente, elementos importantíssimos para a formação da culpa poderão desaparecer como que por encanto, ficando assim o criminoso livre das indiscutíveis provas materiais do crime, que, talvez, tenha deixado no local do fato.

E' por intermédio dos vestígios encontrados nos locais de crimes, que a polícia inicia suas investigações para apuração do delito; donde se conclui ser de grande alcance social a proteção dos locais, tanto assim que o Código Penal Brasileiro, em seu artigo 166 diz: — “Alterar sem licença da autoridade competente o aspecto do local, especialmente protegido por lei — Pena: — detenção de Um ano ou Multa de 1 a 20 mil cruzeiros”.

E' ainda baseando-se nos vestígios que a polícia determina a ligação existente entre o local e o indivíduo que praticou o delito.

Reconhecendo essa importância é que o Código de Processo Penal, em seu artigo 158 diz: — “Quando a infração deixar vestígio será indispensável o exame de corpo de delito, direto ou indireto, não podendo supri-lo a confissão do acusado”; também o Regulamento Policial do Estado preconiza em seu Capítulo IV,

artigo 610 o seguinte: — “A autoridade policial deverá ter todo o cuidado em coligir os instrumentos que encontrar e de que houver suspeitado de terem servido para a perpetração do crime, os quais, assim como quaisquer outros objetos nas mesmas circunstâncias, serão postos em juízo, para servirem de prova, como no caso caiba”.

Falamos em vestígios; no entanto, até agora, não esclarecemos o que êles vêm a ser. Aquí, diremos simplesmente que: — “vestígios são todos aqueles elementos de ordem material, perceptíveis aos nossos sentidos, existentes no local e que possam apresentar relação com êle”. Por exemplo, são vestígios os ferimentos encontrados na vítima, as manchas de sangue, as impressões em geral e também as substâncias odoríferas como gás, vapores de álcool, gasolina, etc..

Os vestígios, depois de submetidos a um rigoroso estudo por parte dos órgãos competentes da polícia, passam a constituir indícios, desde que fique verificado que realmente aqueles elementos têm ligação com o local.

Para o **POLICIAL DE RUA**, em que consiste, enfim, a preservação dos **LOCAIS DE CRIMES** ?

Consiste em não permitir que se desloque coisa alguma de seu lugar, evitando, na medida do possível, o acesso de pessoas estranhas ao local do fato, antes da chegada da autoridade policial e da polícia técnica, quando for o caso.

Sobre a importância da preservação dos locais de crimes, o Código de Processo Penal, em seu artigo 6.º

preceitua: — “Logo que tiver conhecimento da prática da infração penal, a autoridade policial deverá: -

I - Se possível e conveniente, dirigir-se ao local, providenciando para que se não alterem o estado e conservação das coisas, enquanto necessário;

II - Apreender os instrumentos e todos os objetos que tiverem relação com o fato; e,

III - Colher todas as provas que servirem para o estabelecimento do fato e suas circunstâncias”.

O Regulamento Policial do Estado também não deixa de considerar de máxima importância o aspecto do local, tanto assim que em seu artigo 613 se lê: — “O local de crime deve ser convenientemente examinado e descrito assim como a posição do cadáver e outras circunstâncias que possam trazer esclarecimento à justiça e, quando a natureza do caso exigir, o local do crime e a posição do cadáver, como for encontrado, deverão ser fotografados, juntando-se uma prova aos autos do respectivo processo”.

Conforme acabamos de ver, as medidas relativas à preservação dos locais de crimes, tomadas pelas autoridades policiais, outra finalidade não têm senão cumprir dispositivos legais, acauteladores dos interesses sociais; daí o próprio Código Penal responsabilizar penalmente quem violar local especialmente protegido por lei.

O que é certo, no entanto, e que temos notado na vida prática, é que nem todos respeitam tais dispositivos; pois, a maioria dos indivíduos do povo e mesmo algumas autoridades policiais, encaram a preserva-

ção dos locais de crimes como mero formalismo de nossa Carta Penal.

Isso, no entanto, não aconteceria, se as autoridades e os próprios policiais de rua, que geralmente comparecem ao local do fato, fizessem cumprir em toda extensão da letra e do espírito os dispositivos legais, pois, queremos acreditar que o penalista, ao introduzir em nossos Códigos os artigos já mencionados, outra intenção não teve senão a de amparar a sociedade, impedindo que o próprio delinquente ou pessoas menos avisadas, proposital ou inadvertidamente, destruam vestígios e indícios, suficientes para apontar o autor ou autores do fato delituoso.

Assim, graças em grande parte à inobservância das leis, é que, diariamente, lemos em nossos jornais ser a polícia impotente para descobrir certos crimes que são tidos como misteriosos, esquecendo-se os homens do povo e da imprensa, que, talvez, eles mesmos tenham destruído com sua imprudência ou falta de conhecimentos, alguma "pista" que seria a chave do mistério para a Polícia.

E' preciso que se esclareça aqui o seguinte: — a simples chegada da autoridade de plantão no local do crime, não que dizer que esse local esteja desimpedido e exposto à curiosidade pública e à disposição dos repórteres e fotógrafos, mesmo que acreditados junto à polícia. Torna-se necessário, para o bom desempenho da ação policial, que o referido local só seja franqueado após haver a autoridade feito o desimpedimento, o que deverá se dar somente depois do comparecimento da Polícia Técnica, quando for o caso.

Isso, como dissemos, infelizmente, não tem sucedido; pois, na prática, temos observado que ao se verificar uma ocorrência policial, seja esta grave ou não, como um homicídio, um suicídio ou um acidente de veículos na via pública, os curiosos e os homens da imprensa são os primeiros a chegar ao local, sendo que não se contentam em ver ou fotografar de longe o sucedido, mas sim se aproximando, removendo armas, veículos e objetos, destruindo indícios e, muitas vezes, tocando na própria vítima, colocando-a em poses fotogênicas; isto tudo antes da chegada da autoridade no local e, muitas vezes, sob o olhar benevolente desta, sem que, no entanto, tenham ainda comparecido ali os peritos do Laboratório da Polícia Técnica, a fim de colher os elementos materiais do crime.

Tudo isso é que nos leva a concluir o seguinte: —

a) - que há necessidade de se instruir, cada vez mais, o policial de rua, afim de que esse coopere eficientemente com as autoridades policiais civis;

b) - que se divulgue, por intermédio da imprensa, rádio e cinema, ensinamentos ao público em geral, referente à maneira pela qual o mesmo deve agir e se portar ante às ocorrências policiais, afim de que não prejudique a Polícia, a Justiça e a própria sociedade;

c) - finalmente, que se procure criar em todos os jornais desta Capital, sob orientação direta da Secretaria da Segurança Pública, uma coluna ou secção, destinada a difundir, ao público, ensinamen-

tos educativos sôbre polícia preventiva.

Se intensificarmos uma campanha nesse sentido, por certo, os inconvenientes por nós apontados serão em parte sanados.

Da importância da proteção dos locais de crimes, falamos eloqüentemente os crimes do RESTAURANTE CHINEZ e, mais recentemente, o do PRÉDIO MARTINELLI, considerados misteriosos e indesejáveis pela polícia, isto em consequência da falta de elementos materiais do crime, que por certo foram destruídos pela violação do local do fato pelo povo ou pelo próprio criminoso ou criminosos.

A prova material do crime é muito mais convincente do que as outras provas, pois, a primeira é inofismável, ao passo que as outras são frágeis.

Grande é o número de tribunais que têm condenado criminosos unicamente à vista de provas materiais; daí a importância da preservação dos locais de crimes.

A fim de ilustrarmos o que acabamos de dizer, vamos citar, entre os muitos casos conhecidos, o da RUA RAVAT, em Lyon, na França, no qual, pela simples prova dactiloscópica, pela primeira vez um tribunal francês condenou dois réus. O caso é o seguinte: — “Em 1 de junho de 1910, às 18 hs. e 15 minutos, a viúva ANDRÉ, ao voltar para o seu domicílio, no n.º 31 da Rua Ravat, em Lyon, vê que a porta da sua residência tinha sido arrombada. No único quarto que ocupa, tudo está no chão, em desordem; foi-lhe roubada uma soma de 105 francos. O comissário de polícia verifica que a effração foi praticada utilizando dois pedaços de estacas provenientes duma palissada e que, entre os obje-

tos tocados pelos malfeitores, há vários com superfícies lisas, nas quais são fáceis de encontrar as impressões digitais. Com efeito, os peritos, logo chamados, encontram impressões muito nítidas num jarro para flores em vidro azul, em duas garrafas de vinhos espumosos e em dois recipientes de louça, um para sal e outro para farinha.

Esses diferentes objetos foram levados para o laboratório, com as devidas cautelas.

A investigação leva a suspeitar de dois indivíduos chamados Fabry e Rollin, mas não há a menor prova de sua culpabilidade: — um deles nunca tinha sido condenado por furto e apresentava, além disso, um alibi. Mas a comparação das suas impressões, com as encontradas na Rua Ravat, permitiu acusá-los e instruir o processo. O Júri, apenas com esta prova, proferiu um veredicto afirmativo, sendo ambos os réus condenados. Foi a primeira condenação proferida por um tribunal francês, tendo como única prova as impressões digitais”.

Condenações como essas têm havido inúmeras, em todos os tribunais do mundo, o que atesta ser de grande importância para a sociedade a preservação dos locais de crimes.

Finalizando, queremos chamar atenção dos que se dedicam à profissão policial-militar, principalmente daqueles que exercem a de policial de rua para o seguinte: — *a polícia e o policial não se improvisam, não são frutos do acaso; a primeira é consequência de uma organização adequada à missão que deverá desempenhar junto à sociedade e, o segundo, é o resultado de uma formação profissional acurada, resultante do exercício da profissão, aliada à prática que adquire nos múltiplos e mais variados casos policiais.*

# EU SOU AQUELE QUE AFIRMA

*Ten. Rolim de Moura*

A pose negativista está condenada pelos acontecimentos. O macaco levou quarenta milhões de anos para se converter em homem-macaco. Para se transformar em "pithecanthropus erectus", elevando o busto em atitude humana, gastou mais trezentos mil anos. Com mais cinqüenta mil, conseguiu fundir o ferro e fabricar armas para matar o próximo, façanha que antes êle praticava com um pau pontudo, depois com a pedra lascada e polida e, por último, com lanças terminadas em choupó de bronze. Mais tarde descobriu o avião e o seu complemento apoteótico, a bomba atômica.

Depois dessa coisa angelical que é a destruição da vida em massa, podemos dizer que o homem arrancou o máximo, de sua inteligência.

Com isso, o orgulhoso "homo sapiens" está convencido de que já pode se equiparar aos deuses. Afinal de contas só aos deuses seria possível realizar tanto, na ciência de... matar.

Então o homem tem perdido tantas noites nos laboratórios para, ao fim de tudo, chegar a "isso"? Convenhamos que o filósofo cínico não errou quando disse que a única medida capaz de dar uma idéia, isso mesmo muito longínqua, da imbecilidade humana são as distâncias interplanetárias...

O escritor Henry Thomas divide a humanidade em duas espécies: a dos que procuram melhorar a civili-

zação e a dos que a retardam. E aponta, entre os primeiros, os que combatem a guerra, assim como, entre os últimos, os provocadores de guerras.

O esquema parece extremamente simplista, mas diz quasi toda a verdade. Repare-se bem de que lado se encontram os provocadores de guerra e os guerreiros: são sempre os mesmos partidários do estrangulamento da liberdade; são os indivíduos imbuídos de toda a sorte de preconceitos; são os adoradores da Fôrça e que sentem repugnância pelo Direito; são os inquisidores da Idade Média, como Tomas de Torquemada, que supunha agradar a Deus mandando seus semelhantes para a fogueira. E agradeu a Deus mais de oito mil vezes... São os pseudos cientistas que ridicularizaram Pasteur; os inimigos da Paz e portanto da espécie humana; os egoístas; enfim, os que, para atingir um objetivo, não hesitam em sacrificar o seu semelhante, recorrendo às armas da deslealdade e da traição. Raramente fogem dêsse padrão moral.

A História está cansada de condenar êsses brutos, inútilmente. Eles não aprendem e, muito menos, os que os seguem, arrastados pelo instinto, como as toupeiras.

Os megalomaniacos nunca deixaram nada de bom atrás de si. Seus passos foram marcados por rastros de sangue, dor, angústia e destruições. Nada construíram, nada realizaram,

a não ser fazer voltar a roda da História e arruinar a Nação que lhes serviu de berço, como nota Emery Reeves em "Anatomia da Paz".

O saldo de Anibal são as melancólicas ruínas de Cartago, perto de Tunis. E a que estão reduzidas as nações orgulhosas e guerreiras de outrora? Conquistaram o mundo, como era o seu objetivo? Não. O Egito é, por assim dizer, uma colônia estrangeira, como o são a Assíria e a Babilônia, hoje convertidas simplesmente em Irã e Síria, palco de correrias do imperialismo petrolífero. E a Macedônia de Alexandre? E a Espanha de Felipe II? Como acabaram Ciro, Napoleão, Guilherme II, Hitler e Mussolini? Morreram da maneira mais triste, tendo a sua memória amaldiçoada pelas milhões de vítimas de suas loucuras.

Segundo doutrinas espiritualistas orientais, hoje invadindo incoercivelmente o Ocidente, uma simples palavra de humilhação contra um ser indefeso, integrando-se na aura de quem a profere, irá galgando o tempo e o espaço, pelos milênios em fora, através dos cintilantes espaços siderais espalhados de luz e forrados de lentejoulas, numa cavalgada apocalíptica, como um borrão desastrado, até o ajuste de contas, afim de fazer-se contabilizar, com um rigor matemático de cálculo eletrônico, para enfim vergastar e dilacerar as carnes daquele que foi simplesmente rude, abusando da sua ascendência... Que diríeis dessa contabilidade implacável, si o dono da bôca que magou, colocou na mão assassina o instrumento de tortura, ou assinou uma ordem de massacre?...

Por outro lado, os bons deixaram bênção às miríades, como flores de um imenso, infinito, oceânico jardim. Quando deles nos lembramos, nosso coração se enche de esperança e volta à vida, mesmo que esmagado pela humilhação ou torturado pelo medo, êsse sentimento repulsivo, porque repulsivas são as ações que êle gera.

Jeremias, o profeta da Paz; Buda, o filósofo que buscou, na humildade, a compreensão da vida; Confúcio, o que mandou tratar com amor os amigos e com justiça os inimigos; Jesus, a bondade punida, para escarmento dos que teimam em aceitá-lo antes de tudo como o maior de todos os fraternalistas; êstes, sim, deixaram após si um rastro luminoso, pelo qual a humanidade um dia marchará, porque para isso foi creada.

Êstes homens são os que afirmam. Eles acreditaram como Goethe, que não soube fazer outra coisa senão amar, que o seu Fausto, símbolo do Homem Universal, lutará pela luz e fugirá sempre das trevas.

O próprio Goethe, ao morrer, exclama: "Hehr licht", porque as luzes do seu maravilhoso cérebro começam a se apagar pelo sôpro inexorável do Nada, para uns, do Eterno para outros...

O Brasil atravessa uma hora de otimismo e afirmação. O negativismo das trevas vai cedendo à afirmação de nossas ridentes possibilidades.

Todos sabem que um país que conta em seu sub-solo com o ferro, o carvão e o petróleo, possui a trilogia da riqueza. E' país rico, é país civilizado, cheio de saúde, como o meni-

no rosado do anúncio em tricromia, que aparece ao lado do tônico incrível...

A fase negatvista já passou. É difícil que hoje alguém se atreva a encarcerar um Monteiro Lobato, porque tenha declarado que o Brasil possui petróleo. Algumas perfídias e calúnias, alguns contrabandos e perseguições com argumentos cínicos, ainda são possíveis, mas não à luz do sol, sem-vergonhamente, como no tempo da Ditadura.

O Brasil marcha para a frente saciando-se cada dia de "mahr licht", enxergando no clima turvo, deliberadamente turvo, as insídias em que tentam lançá-lo, as armadilhas que os vendilhões vão armando em seu caminho e assim separando os homens em filhos legítimos e bastardos, aos quais cumpre esclarecer ou afastar.

Ou a nossa geração se faz digna do solo abençoado com que a Natureza a presenteou, não exclusivamente para ser cantado em prosa e verso, mas para servir de base à grandeza de uma Pátria que soube realizar o milagre da união, ou deverá pagar pela sua inútil existência.

Si este prodigioso país jamais foi estraçalhado pela alucinação famélica dos imperialismos e conseguiu livrar-se dos franceses e holandeses; si embora separado por dentro por distâncias desanimadoras, nunca se separou em espírito, mantendo palpantes e uniformes os seus costumes e língua; si riquezas desigualmente distribuídas não fizeram eclodir suspeitas regionais capazes de realizar desmembramentos geográficos insanáveis, como aqueles que rasgaram o mapa da América do Sul em

pequenas repúblicas de língua espanhola; si nossos antepassados não tomaram conhecimentos do Tratado de Tordesilhas e reservaram esse Brasil glòriosamente intacto e miraculosamente indiviso, para nós; si tudo isso aconteceu é porque a nossa Pátria tem um destino maravilhoso que, naturalmente, foi traçado no quadro negro do Universo, em letras de estrelas, pela pirotécnica beleza dos cometas esquivos e, portanto, imenso e profundo como os desígnios de Deus. Isso não é visão de sonâmbulo patrioteiro, mas a mais aguda e incisiva, mais percutente e viva realidade, já sensível em nossos dias.

Depende apenas de nós o sermos dignos desse Brasil.

Com estes tempos de vasia emocionalidade, os argumentos e as idéias fintam a nossa imaginação, fazendo o jôgo do caos mental. Fugidias e contorcionistas, assustadiças e desconfiadas, como as gazelas cinematográficas de Tarzan, podem, às vezes, se comparar (sem dúvida que as idéias, não as gazelas), com aquela filosófica coluna de fumaça despedida pelo cigarro que agoniza no cinzeiro: Ela se levanta em um filete de imaculada brancura, sobe em torturados e leves movimentos, como as cobras do domador indú, ou as bailarinas do harém de Harun Al Raschid. Súbito, quando maior é o interesse com que acompanhamos os movimentos amolentados e lascivos, quando mais exótica é a forma assumida, quando já vemos duendes e gênios se abraçando ou lutando em câmara lenta, uma leve brisa destrói todo o imaginoso quadro que havíamos composto. Assim é o cérebro

em dias de esterilidade mental. Parece que uma bomba de vácuo extraiu do crânio todas as peças ideais do aparelho de fabricar pensamento.

Em um dos livros da maravilhosa série de André Luís, êsse médico duas vezes licenciado, êle diz que vê o organismo como um objeto transparente. Imagino que beleza, si o visse como um todo diáfano de cristal, com as artérias de vidro, iluminadas por tubos de gás néon, os músculos em luz vermelho-côr-de-carne, o sangue venoso fluindo em luz azul, os vasos linfáticos em luz, branco-fluorescente e assim por diante. Si

assim pudesse ver, êle diria que há certos dias em que o nosso cérebro está escuro: houve curto-circuito.

Mas graças ao Chagas, êsse jovem inteligente à procura de uma definição de si mesmo, cujo brilhante artigo "Eu sou aquele que nega", teve o condão de restabelecer o meu circuito cerebral, porque infundiu-lhe a luz solar de suas belas afirmações, cá estou, com minha fosforescência lunarmente roubada, aproveitando a oportunidade para pedir aos meus patrícios que cerrem fileiras em tôrno da mais bela das causas, ou seja — a da independência econômica de nossa Pátria.

## CAIXA ECONOMICA FEDERAL DE S. PAULO

Depósitos de Cr. \$ 1,00 a Cr. \$ 50.000,00, a juros de 5% ao ano

Empréstimos sob garantia de hipotécas, jóias e objéto

— : : —

MATRIZ: — — Praça da Sé, 111

AGÊNCIAS: —

Braz — Av. Rangel Pestana, 2078 — Capital

Santo André — Rua Campos Sales, 124

Santos — Rua 15 de Novembro, 175

Campinas — Rua Barão de Jaguará, 1230

Baurú — Rua Rio Branco, 8-29

Taubaté — Rua Souza Alves, 630

Marília — Avenida Sampaio Vidal, 562

Ribeirão Preto — Rua Duque da Caxias, 108

Sorocaba — Rua 15 de Novembro, 28

# ○ Patrono da Infantaria Brasileira

Condensado do livro "SAMPAIO - PATRONO DA INFANTARIA",  
de Euzébio de Souza, vol. 79, da Biblioteca Militar,

pelo cap. FRANCISCO VIEIRA FONSECA

*Sampaio não foi militar de postos improvisados. Galgou-os pelo próprio merecimento. Ao seu mérito individual, deve a auréola que conquistou como um dos maiores guerreiros, que elevou alto o nome desta terra.*

Antônio de Sampaio nasceu no Ceará da falta de água. Era rude o cenário: penhascos, casa-grande, umas casinhas e o tamboril. Dêste, o nome da povoação. Quanto à data de seu nascimento há uma controvérsia: 24 de maio de 1810 ou 15 de setembro de 1814. Provinha êle de Antônia Xavier de Araujo Chaves e de Antônio Ferreira de Sampaio, antigo ferreiro de Montemor, o Velho. O avô de Sampaio fôra capitão da 5.<sup>a</sup> Cia. do Regimento de Cavalaria de Vila Nova de el-Rei da Capitania do Ceará Grande.

O meio modela o homem. Assim se fez Antônio de Sampaio. Não teve a abastança dos que nasceram bafejados pela sorte; nem encontrou estímulos que o impulsionassem aos píncaros da glória; mas, tudo conquistou pelo próprio esforço.

Sua infância se passou no indifferentismo dos desvelos paternos. Criado e educado em ambiente de completa ignorância dos sertões, era natural que sua adolescência tivesse os influxos do meio em que vivia.

A educação masculina consistia em tocar viola, dansar e sapatear, cantar prás moças casadoiras, jogar cartas, fazer algumas destresas com faca e saber atirar com pistola de dois canos. A instrução literária se resumia em assinar, aliás, riscar o no-

me, como diziam. De temperamento ousado, fez-se galante conquistador de moças. Era o moço das serenatas e da dansa. E, de vez em quando, arranjava umas encrencas,



providas de sua vida boêmia de rapaz. Consta até que a sua entrada para o Exército — 17 de julho de

1830 — deu-se em consequência de aventura amorosa com uma camponesa, resultando-lhe perseguição, e ter êle, então, que se refugiar no quartel, assentando praça no 22 de Caçadores, localizado na Capital da Província. De la, foi para o Rio.

—:—

Logo nos seus primeiros anos de praça, Antônio de Sampaio demonstrou ser possuidor de um temperamento ardente e impetuoso, em cujas veias borbilhava o sangue rubro caracterizante da fibratura rija do sertanejo cearense.

Admitindo-se a primeira das datas de seu nascimento, tinha 20 anos quando se fez soldado. Poucos meses após, foi promovido a furriel, ou seja o nosso atual 3.º sargento.

Seu batismo de fogo deu-se nas ruas de Icó, a 4 de abril de 1832, em combate contra as tropas convulsionadas do Cel. Joaquim Pinto Madeira. A 10 de novembro de 1833, foi envolvido em uma sedição militar chefiada pelo major Francisco Xavier Torres, comandante do 22, contra o governador da Província, tenente José Mariano de Albuquerque Cavalcanti. O motivo foi a destituição daquele oficial do comando da unidade, quando se encontrava no interior, combatendo alguns elementos esparsos de políticos do sertão.

Agindo com habilidade e reforçado pelo brigue-escuna-de-guerra "Patagonia", surto no pôrto, o governador conseguiu abafar a revolta. Foram presos os oficiais. Algumas praças evadiram-se. E o furriel Antônio de Sampaio foi capturado quando bebia água numa cacimba de gado, em Canindé.

Na formação do processo, Sampaio fala com desassombro da sua atitude revolucionária. Mas, três meses depois é absolvido, por influência dos comerciantes de Fortaleza, que se empenharam pela sua soltura.

E o povo, na sua eterna pilhéria pelas coisas fracassadas, tentava ridicularizar os oficiais revoltosos: major Torres, tenente João da Silva Pedreira e João Antonio de Noronha — cantando esta chula:

O Tôrres plantou quiabo,  
para fazer caruru;  
Pedreira botou farinha,  
Noronha mexeu o angú.

A rebelião de Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio, como o chamavam, e de onde surgiu o episódio histórico que refletiu a capacidade pacificadora de Caxias, levou Antônio de Sampaio a alferes em comissão. Iniciada em meados de 1838, em 19 de janeiro de 1841, Caxias anunciava o seu fim, em Ordem do Dia, declarando pacificada a Província do Maranhão.

Sampaio nela tomou parte como oficial subalterno, batendo-se em diversos combates. Entre êles, no de Areias, na vila de Icatú (1839), mostra a sua coragem.

Os rebeldes estavam acampados e fortificados a duas léguas da vila Monim. Receberam o fogo das tropas legais, comandadas pelo major Feliciano Antônio Falcão. Havia pesadas baixas da parte legal. Um oficial, incumbido de flanquear os rebeldes, atacando-os pela retaguarda, não executou as ordens do comandante. E êste já se dispunha a recuar, pisando nos seus próprios feridos, quando chega Antônio de Sampaio com seu refôrço e age com ra-

pidez, pondo t rmo   pel ja e afugentando os *balaios*.

Em outros combates tomou parte, tornando-se figura de singular relêvo entre os que, na mesma esfera de a o, viveram a mesma época de lutas, de heroismo e de ininterruptos sonhos de glória.

Entrando em campanha como alferes em comissão, teve a confirma o d esse posto, e logo após foi promovido a tenente para, com seu término, dois anos mais tarde, receber os galões de capitão, como recompensa aos relevantes serviços que   ela prestou.

No início de 1864 irrompia a guerra civil da Banda Oriental do Uruguai, entre *blancos* e *colorados*.

Para defender interesses de compatriotas, o Govêrno Imperial intervem nela, cuja campanha terminou em fevereiro de 1865.

As tropas brasileiras entram em a o em favor do general Venâncio Flores, contra o govêrno de Aguirre.

Paissand  era praça forte do adversário. Foi cercada e, após severo combate, caiu em poder de nossas fôrças. Nesse combate, Antônio de Sampaio, então coronel comandante de uma brigada de infantaria, contribuiu destemidamente para a derrota do inimigo.

Após a vitória sôbre Paissand , o nosso Exército marchou contra Montevidéu. Sitiada pela esquadra de Tamandaré, pela infantaria dos generais Flores e Mena Barreto (José Propício), a capital da Banda Oriental capitula e os soldados de Sampaio são os primeiros a entrar na cidade.

  frente, o coronel, de rosto sereno e triste, sob a pala da barretina

agaloada. Atrás d ele, rufando um r tapl  bem cadenciado, 24 caixas de guerra; alumando ao sol, uma torrente de pontudas baionetas: 3 batalhões de veteranos, na maioria nordestas escuros e pequenos, semeados de negros, gente ágil e decidida, experimentada na guerra e doidinha pelo corp -a-corp  em arma branca. Atravessaram a cidade e aquartelaram, parte em Bastarrica e parte no forte de São José.

—:—

Durante a Guerra dos Farrapos (1835-45), Sampaio foi enviado já na sua última fase, nela permanecendo até a pacifica o, verificada a 1.  de março de 1845.

Em 1848, tomou parte contra a Revolu o Praieira, em Pernambuco.

A 18 de setembro de 1850, seguiu como major de brigada para o Rio Grande do Sul, onde tomou parte na expedi o da Colônia do Sacramento.

A 3 de fevereiro de 1852, combateu em Monte Caseros, contra o general d. Juan Manuel Rosas.

Em 1858, desalojou 6.000 paraguaios que haviam invadido o território do Rio Grande do Sul, em São Borja.

Durante a guerra com o Paraguai, Sampaio contribuiu com a 3.  Divisão de Infantaria, para a capitula o do coronel Estigarribia, na queda de Uruguaiana.   frente dessa divisão combateu na passagem do Paraná, em 16 de abril de 1866. A 17, esteve na batalha da Confluência. A 21, Sampaio reforça o exército do general Flores, no Passo da Pátria. Em maio, foi o primeiro a pisar solo inimigo, quando de uma inutiliza o de manobra de Solano Lopez. A

20 de maio, fez a vanguarda do Exército para Tuiuti. Foi quando o 26 B.I., do Ceará, formando em linha de frente, foi dizimado quasi por completo. A 23 de maio de 1866, reconheceu as posições inimigas em Linha Negra.

—:—

A 24 de maio de 1866 começa a batalha de Tuiuti. Dispostas, as forças aliadas assim se encontravam: à direita, os argentinos; no centro, o general Flores com seu exército de vanguarda, reforçado pelas brigadas de Vitorino José Carneiro Monteiro e de Antônio de Sampaio; à esquerda, as divisões dos generais Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, Guilherme Xavier de Souza, José Luiz Mena Barreto, coronel Tristão José Pinto, os 1.º e 3.º batalhões de artilharia e a brigada militar.

Os paraguaios apresentam suas forças desenvolvidas em colunas de ataque, nas quais vinham predispostas as três armas de modo a produzir o maior efeito nos postos das posições dos aliados, supostos por elles mais vulneráveis.

Rápida foi a transformação da ordem de acampamento para a de batalha. As divisões e mais a força que constituíam a esquerda do acampamento e ocupavam as 2.ª e 3.ª linhas, formaram também à esquerda da linha de batalha; foi aí, a princípio, mais vivo o combate, porque por esse flanco atacava o inimigo, ao mesmo tempo ameaçando a retaguarda.

O centro foi reforçado por 6 bôcas de fogo e a 1.ª divisão; Osório faz frente com 3 brigadas auxiliares e o resto da artilharia, opondo eficaz e mortífera resistência ao inimigo da esquerda, que dali foi rechassa-

do e derrotado, fugiu por todos os lados, após 4 horas e meia de combate.

As 1.ª e 3.ª divisões do Exército, sob o comando de Alexandre Gomes de Argolo Ferrão e Antônio de Sampaio, foram as que mais lutaram, porque sobre elas se concentrou o ataque inimigo.

A tropa de Sampaio já se tornara legendaria como a *infantaria encouraçada*.

Nessa batalha de Tuiuti, Sampaio é mortalmente ferido. Foi quando os 5.000 cavaleiros do general Resquin atacaram a infantaria.

Era preciso resistir a todo custo, enquanto o exército aliado tinha tempo para desenvolver-se e engajar-se em toda a extensão da planície. Enquanto Sampaio resistia, Mallet atacava com artilharia.

Osório, comandante em chefe, confiava na resistência desses dois bravos. Envia o emissário, alferes Francisco Correia de Melo, com ordem de resistência a todo custo. Ao recebê-la, Sampaio responde:

“— Diga ao general que estou cumprindo o meu dever; mas como já recebi dois ferimentos e estou perdendo muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir”.

E, na ocasião em que o alferes pedia licença para retirar-se, Sampaio recebe o terceiro ferimento. Imperturbavelmente, leva a mão ao local da ferida, e diz ao ajudante de Osório:

“— Diga ao general que este é o terceiro...”.

Só à tarde foi conseguida a vitória, com a retirada do inimigo. Sampaio foi retirado carregado do campo de batalha. Levado de Corrientes para Buenos Aires, a bordo do transpor-

te de guerra "Eponina", faleceu a 6 de julho, seguinte ao glorioso feito militar.

O enterramento foi feito no dia 8, às 2 horas da tarde, com honras militares, prestadas pelas nossas forças de marinha que lá se encontravam e pela classe militar argentina.

Um rico coche coberto com a bandeira brasileira, ao centro, e as oriental e argentina nos lados, levava o féretro, que era de mogno, contendo um caixão de zinco em que ia hermeticamente encerrado o corpo. Sobre o ataúde viam-se as insígnias e condecorações do finado.

No cemitério, forças de infantaria argentina fizeram-lhe honras militares, enquanto a corveta "Niterói" acompanhava com a salva correspondente.

Os restos mortais foram removidos, mais tarde, para o Rio de Ja-

neiro e, depois, para o Ceará, onde foram colocados em mausoléu, no cemitério de Fortaleza.

Assim termina o bravo general Sampaio.

Mas, o seu heroísmo e sua devoção à Pátria vivem perenemente no coração da infantaria brasileira e seu nome, lembrado sempre em todas as unidades desta arma, como exemplo dignificante de soldado que muito fez pela nossa terra comum.

A carreira militar de Antônio de Sampaio está marcada com estas datas: 2 de setembro de 1839, promoção a alferes; 2 de dezembro de 1839, a tenente; 11 de setembro de 1843, a capitão; 29 de julho de 1852, a major; 2 de dezembro de 1855, a tenente-coronel; 2 de dezembro de 1861, a coronel; no assalto a Paisandú, a general; e 18 de fevereiro de 1865, a brigadeiro.

TECIDOS, VESTUARIOS E  
ARMARINHO POR ATACADO

COMPANHIA DE TECIDOS ANTINORI

R. Florencio de Abreu, 328  
Telefones: 2-5633 e 3-7886

São Paulo

End. Teleg. "Antinori"  
Caixa Postal, 1087

# Monteiro Lobato

Jonas de Níve

Ao meu lado segue um menino, soluçando. Pergunto-lhe si é parente do Grande Morto e êle diz que não.

— Não sou, não. Mas si meu pai morresse não sentiria mais.

Compreendi. Lobato era o pai da meninada do Brasil.

Observei, também, um conhecido intelectual de cabeça baixa. De um momento para outro o conhecido intelectual, como si respondesse a algum interlocutor ideal, com quem idealmente estivesse discutindo, disse, quasi em voz alta:

— Infeliz Brasil!

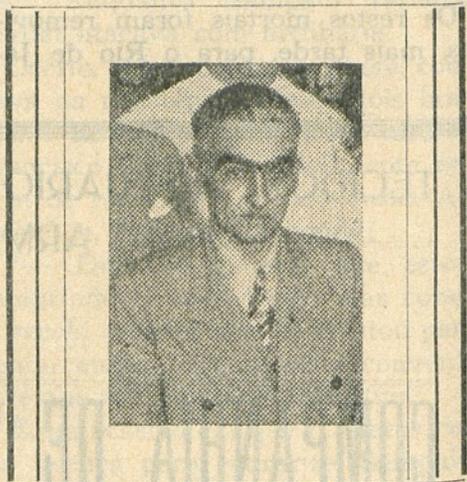
Alcansei o caixão e pedi uma daquelas disputadas alças. Era leve o corpo. E' porque idéia, pensamento, inteligência, não pesam, pensei. Do contrário, si inteligência fosse medida em termos de massa, então seriam precisos 40 milhões de brasileiros para ajudar aquele que tanto falou mal desta terra, mas que, entretanto, amou como ninguém a Pátria que êle ajudou a tornar conhecida no mundo da criança.

— "Êle mostrava os nossos defeitos para que a gente os concertasse" — comentou um, baixinho. E foi graças a êsse homenzinho que o Brasil se levantou como um só homem na defesa do que é seu, do seu sangue, da sua riqueza escondida, do seu petróleo. Porque si não fosse o alarme dado pelo "Escândalo do Petróleo", talvez ninguém, a esta hora, es-

tivesse se incomodando que isso fosse ou não fosse entregue aos "trusts". Os seis meses de cadeia de Monteiro Lobato furaram mais a consciência do nosso povo, do que as seis sondas do Conselho Nacional do Petróleo furaram o chão, no tempo do "não temos petróleo".

O cortêjo fúnebre, lento como a tristeza, demandava o cemitério.

De fato. Os técnicos estrangeiros diziam que nós não tínhamos petró-



leo. Mister Malamphy e mister Oppenheim, os dois oráculos contratados pelo Ministério da Agricultura, afirmavam que, debaixo do solo brasileiro, o que havia era caveira de burro. O Sr. Eusébio Não Sei do Quê, do alto da sua monumental sapiência, deitava ciência nacional, xingando de charlatães aos que afirmavam que

tinhamos petróleo. Por fim, a Dita-dura, para provar que estava certa, incontestavelmente certa, meteu Lobato na cadeia.

— Que fale agora o passarinho. Esse emburrado pedacinho de gente que tem a petulância de contestar a ciência oficial.

Esta havia dito e redito que petróleo, no Brasil, era conversa fiada. E quem teria coragem de se contrapor a ela?

Um dia, por distração dos que fingiam procurar petróleo, sem pedir licença para os técnicos nacionais e estrangeiros conluiados contra a nossa Pátria, o petróleo ronca no fundo da terra e, num protesto negro, vem a furo, cuspidando para cima um jorro alegre e abundante. Foi um Deus nos acuda. Provar que aquilo não era petróleo era difícil. Então veio a novidade:

— Petróleo há, mas é pouco.

Mas isso não é de admirar. Na Argentina foi assim. Primeiro negaram, negaram, até que o petróleo espirrou. Depois, disseram que era pouco e apareceu bastante. Depois, disseram que o argentino era burro e não sabia refinar. Mas o argentino refinou. Depois, disseram que as refinarias iriam à falência; e elas não

faliram. Depois, disseram que a gasolina ia ser vendida mais cara que a água mineral que, por não ter grande consumo, como no Brasil, é vendida muito caro. E a gasolina foi vendida mais barato que a importada pela Standard. Em seguida, disseram que os poços acabariam secando; e eles ainda não secaram. Ainda continuam dizendo que a coisa não dará certo. Enquanto isso, a Argentina acaba de importar uma colossal refinaria da Tchecoslováquia e vai começar a exportar o produto, concorrendo no mercado mundial com o combustível estrangeiro.

A Argentina cada vez se emancipa mais. Seu Exército não precisa mais submeter-se a ninguém. Fabrica os seus próprios modelos de armas e munições e envereda pelo caminho da industrialização, isso sem ter ferro, nem carvão, como as nações mais favorecidas

E' por isso que Lobato sempre falou mal do Brasil. Mas ele não falava mal de sua Pátria e sim daqueles que, tendo nascido nesta terra, eram mais estrangeiros do que os imigrantes que aqui vieram para com sua fortuna engrandecer o Brasil e torná-lo independente economicamente, porque não basta a independência política.

---

---

## Transporte Aéreo

Até agora a PANAIR mantinha o monopólio do transporte aéreo entre o Brasil e os Estados Unidos.

Doravante também a poderosa Braniff Airways Inc. vai iniciar o transporte comercial entre a América do Sul e do Norte. Será que a concorrência vai nos ser benéfica?

# FOLGA DE CADETE

Texto do Ten. Hildebrando Chagas  
Fotos de Tancler.

*A suntuosidade da arte celestial invadiu a tarde quente. Um poema divino, exalçando-se, derramou beleza e música sôbre as vastidões universais. Impôs-se às inspirações artísticas do homem, a perfeição sublimada das realizações paradisíacas. Há exuberância de tudo o que é belo em todas as cousas. . . .*

*. . . e está o Céu envolto num sereno manto azul: há festa nos corações.*

*. . . e fulgores miríficos emanam do Sol: há tranqüilidade nas consciências.*

*. . . e saracoteando, montes verdes perdem-se na amplidão cambiante: há esperança nas almas.*

*Por tudo isso, sôfregos de vida, os Cadetes entoam hosanas, no silêncio abismal das suas preocupações, à tarde resplendente.*

—:—



*Sob passos firmes, cadenciados, e que ressonam na estrada larga, rumam os Cadetes ao bulício da cidade-grande.*



O clichê fixa a turma do 1.º C.O.C. manejando o telêmetro Nedinsco, sistema Zeiss, em busca do conhecimento das distâncias. A retificação do aparelho é importante, mais já foi feita. No momento, a preocupação máxima do aluno operador, é o enquadramento da torre. Ele sabe que somente com um trabalho metuculoso, conseguirá a medida justa, da qual depende a precisão do tiro. Por isso não descansará até conseguir a perfeição.

*Sob passos firmes, cadenciados, e que ressonam na estrada larga, rumam os Cadetes ao bulício da cidade-grande. Lá vão, dominados pela ânsia de sensações novas, novíssimas até, acumulando no íntimo acontecimentos nunca esperados, fatos jamais concebidos.*

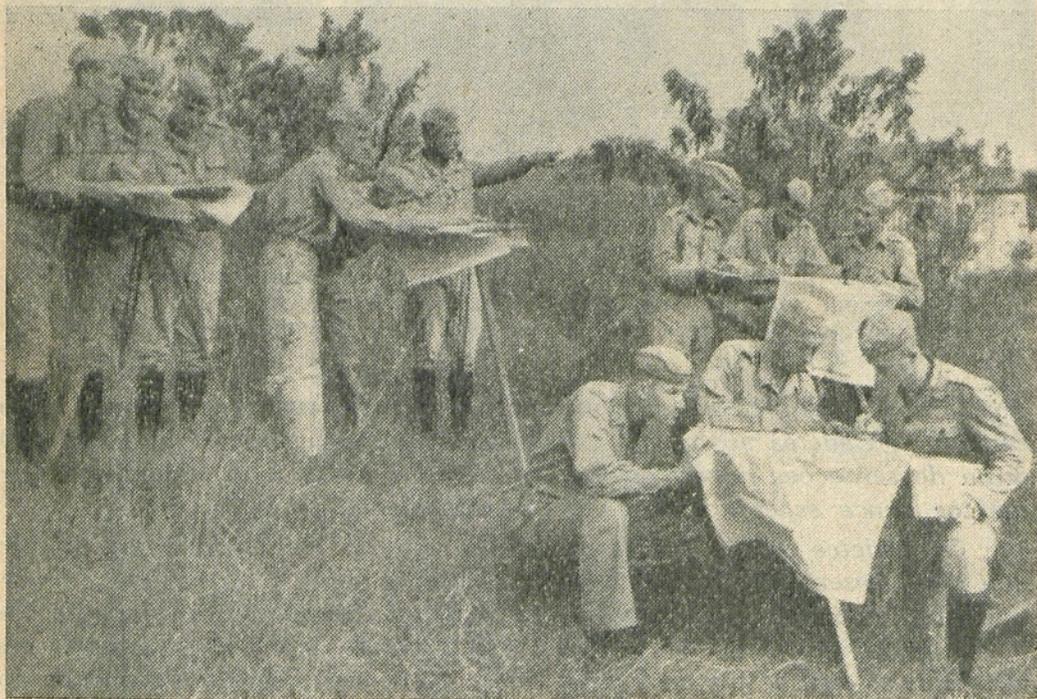
Os Cadetes vestem pela primeira vez a farda "revolucionante", a farda que lhes presenteia olhares meigos de garotas bonitas, ou olhares admirativos de homens que alcançam a sua finalidade perante os destinos da Pátria. Ainda não têm eles o desembaraço normal do Cadete antigo. Há em todos os seus gestos um receio, em todos os seus atos uma preocupação. Nos seus espíritos há um mundo de interrogações, nos seus olhos um misto de acanhamento e orgulho. Não olham para ninguém, porque não sabem olhar sob a respeitabilidade daquela farda sonhada. Sentem apenas que todos, com admiração, ou dúvida, observam-lhes tudo, da cabeça aos pés. Alguns até param e, com os olhos, acompanham-lhes a marcialidade.

Mas os Cadetes, primeiranistas bisonhos, não param. Ora se atrapalhando, ora se orgulhando, vão vivendo, sempre, um mundo novo de sensações imprevistas.

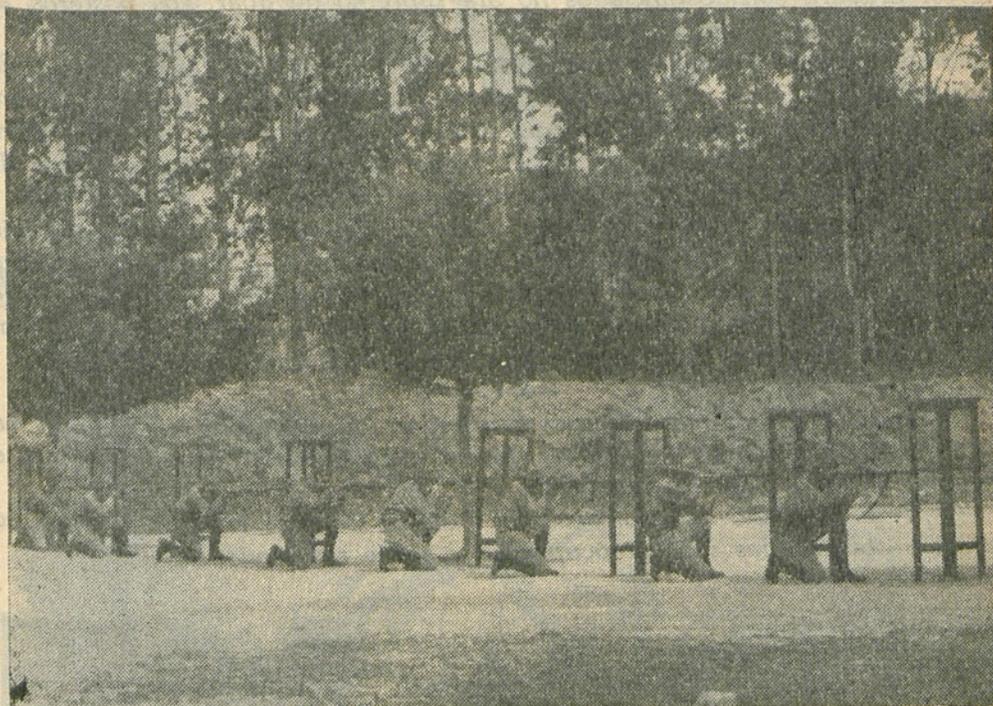
Para trás já ficou, majestática, a Escola. Mas só ficou na sua estruturação sólida de concreto, nas suas imponentes linhas arquitetônicas. Porque, naquilo que mais de perto fala aos sentimentos dos Cadetes, ela também vai, trilhando ruas em torvelinho, postando-se em salões policromados, de bailes, ouvindo promessas de amor na calidez das noites, gozando os sussurros imponderáveis de corações abrasados.

O primeiranista, muito mais que os outros, não esquece mesmo sob a eloquência de uma tarde quente e bonita, e no gôzo da realidade de uma folga tão almejada, o que lá ficou, entre as paredes do alojamento, no recesso da sala de aulas, na extensão dos campos circundantes. Há um constante retôrno àqueles lugares de luta intensa, àqueles lugares de penetração profunda, de alegria, de decepções, de vontades satisfeitas.

Os Cadetes, mesmo deixando para trás os umbrais do portão, majestoso, não são integralmente livres. Mesmo sob a dengosidade de um samba brasileiríssimo, ou de uma requintada valsa, ou de uma mirabolante rumba, ainda persistem no espírito do primeiranista todas aquelas manifestações de uma vida diferente num ambiente desconhecido.



Aqui estão novamente, os jovens alunos, agora empenhados na execução do giro do horizonte. Com essa operação visam identificar a carta, com o terreno nela representado. Para tanto põem em prática os conhecimentos essenciais para o manêjo da prancheta, da bússula e da alidade niveladora. Assim, garantimos a compreensão perfeita das representações planimétricas e altimétricas da carta, e um sentimento perfeito das formas do terreno.



Bela é a paisagem. Mais bela, entretanto, é a consciência do dever cumprido. Profundamente compenetrados, os Cadetes procuram atingir alvos a 400 metros (de joelhos, com a arma livre.) O Regulamento tem "a preocupação constante de formar atiradores de precisão, capazes de executar o tiro de matar".

Os Cadetes, por isso mesmo, não personificam as vontades das garotas ávidas de um olhar prometedor. Taxam-nos friamente de orgulhosos. Mas, é porque elas não sabem que os Cadetes divagam, absortamente, sobre problemas os mais complexos, quer estejam nas ruas ou nos cinemas, quer nos bailes ou ao lado de suas enamoradas. Os ensinamentos ministrados durante a semana que passou, tocam-lhes fundo nas preocupações de todos os instantes. Soluções de casos táticos, de problemas de topografia, de arte equestre, de armamento... A conduta não lhes correu bem durante os últimos dias; a marcha penosa e longa será repetida na próxima quinta-feira... O cavalo, aquele terrível cavalo do último exercício, precisa ser trocado. Mas há, também, a sela quadrada, inimiga dos pêlos das pernas, e a bota enlameada que precisa estar brilhando no próximo exercício...

... e as exigências seculares da tradição que não morre e não pode morrer! Há um constante evocar de epopéia que glorificaram, no passado, as páginas militares da História Pátria: um tropel misterioso; uma cavalgada de heróis; séculos de desprendimentos singulares; fastos de in-

crível bravura consubstanciados no afã supremo de doar, aos pósteros, as glórias infinitas da imortalidade nacional.

As garôtas não sabem que já se apoderou dos Cadetes a consciência das velhas tradições; que já lhes aformoseia as almas uma capacidade imensurável de entusiasmo pelas cousas nobres e belas; que já lhes ensinaram como conhecer, nas retumbâncias do tropel misterioso, a ronda perene de um espírito imortal que vela pelos destinos nacionais.

Nem depois de ultrapassarem o portão de umbrais agigantados, são livres os Cadetes. Nos seus passos firmes, cadenciados, há como que um acompanhante insaciável, o espéctro das preocupações do presente; algo também existe, indefinível, profundamente íntimo, a perquirir-lhes as convicções no heroísmo transcendental dos precursores da Grande Nação.

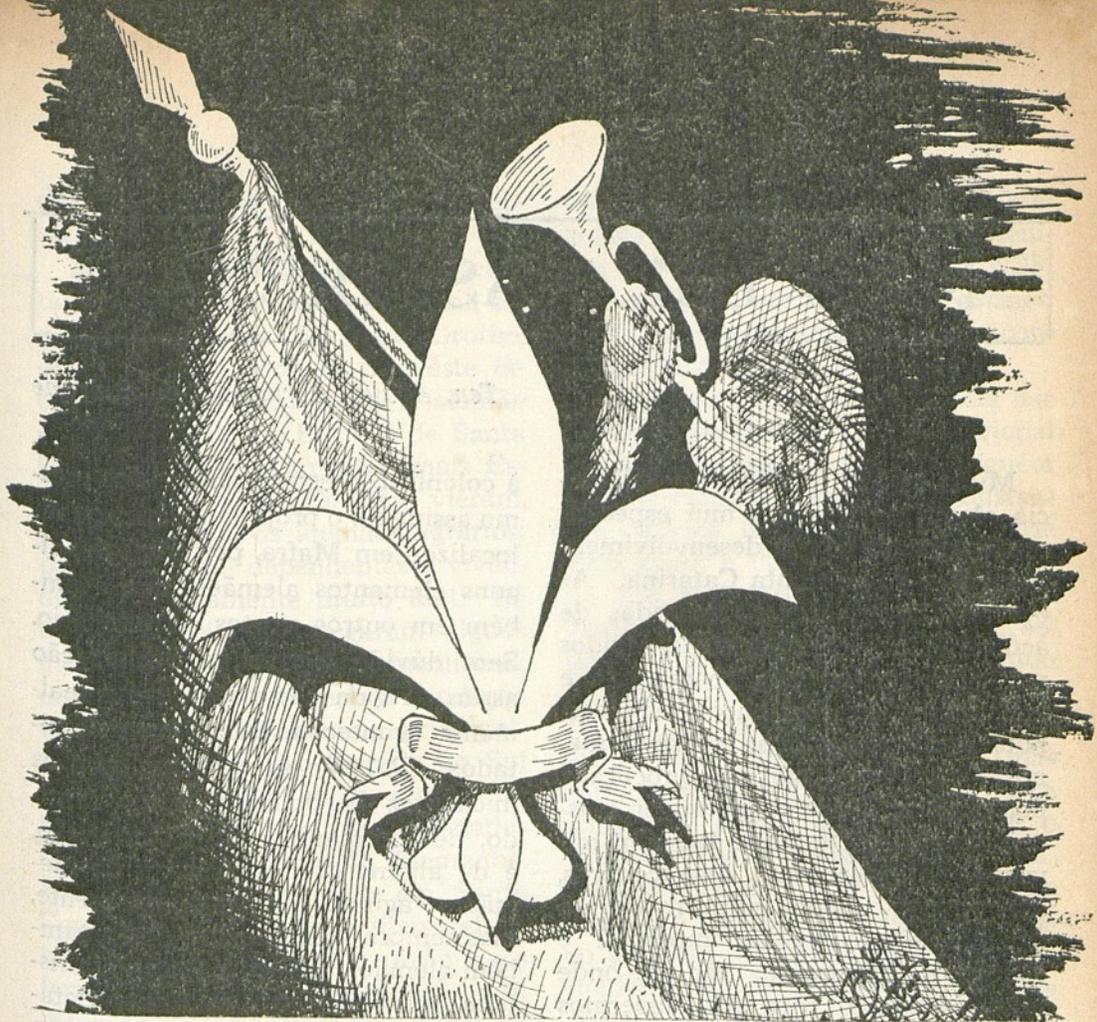
—:—

Saracoteando, montes verdes perdem-se na amplidão cambiante: há esperança nas almas. Um poema divino, exalçando-se, derramou beleza e música sôbre as vastidões universais.

... e por tudo isso, sôfregos de vida, os Cadetes entoam hosanas, no silêncio abismal das suas preocupações, à tarde resplendente.



"O armamento... exige completo adestramento do pessoal que o deve manejar". E é no cumprimento dessa determinação regulamentar, que os Cadetes, ainda na fase de instrução técnica, "cranejam". Aqui, duas sub-oficinas em pleno funcionamento. A direita pratica-se a "Verificação da distância e regularidade da pontaria". A esquerda sofre, pacientemente, com a desmontagem e montagem de suas peças, a boa "MADSEN".



## ÚLTIMO SONHO

Paulo Monte Serrat

Revela-se cansado o chefe de escoteiro  
Que nos parece ainda jovem, varonil.  
Na infância e juventude enxerga o doce obreiro  
A eternidade e glórias, certas, do Brasil.

Vai alta a noite, luz na abóbada o Cruzeiro.  
Tem sede, não há gota de água no cantil;  
O mal cresce e o antigo mestre brasileiro  
Deita-se, dorme e sonha um sonho de febril:

Em plena madrugada vê Jesús — que encanto —  
Formando uma patrulha além, como fanal.  
O velho professor repara aquele Santo

Aos escoteiros dando a nívea Lis feudal.  
O mestre, como o cisne, em derradeiro canto,  
Delira e morre entoando o Hino Nacional.

# MAIS LUZ NAS TREVAS

*Ten. Adauto Fernandes de Andrade*

Muito se tem dito sobre a influência alemã no Brasil e mui especialmente quanto ao seu desenvolvimento no Estado de Santa Catarina. As opiniões, quasi sempre emitidas de acôrdo com os elementos fornecidos por uma propaganda apaixonada e mal conduzida, têm encontrado eco, notadamente entre as pessoas menos alertadas e que não procuram, por qualquer motivo, investigar o assunto. E é porisso que também mil vozes se levantam, ameaçadoras, sempre que, firmes num raciocínio calmo, desinteressado, imparcial e conciente, procuramos ver até onde vai a verdade, para não fazermos condenações "a priori", debaixo de um falso patriotismo, tão pouco inocentarmos criminosos, por conveniências malsãs. Mas, dados positivos, mesmo resumidos e esparsos como os que aqui transcrevemos, colhidos "in loco" e em fontes officiosas, poderão elucidar melhor os fatos ocorridos no vizinho território "Barriga-Verde". E tiremos, nós mesmos, as conclusões depois...

Em Santa Catarina, a imigração germânica só foi iniciada pelos fins de 1820, e, ao contrário do que succedeu no Rio Grande do Sul, ela estacionou temporariamente, num certo ponto do Estado, para depois investir pelo seu interior. E isto só aconteceu a partir de 1830, quando, por um decreto governamental, cessou todo o auxílio financeiro do país,

à colonização estrangeira. Mas mesmo assim, foi o próprio govêrno quem localizou em Mafra, por exemplo, alguns elementos alemães, como também em outros pontos do território. Sem dúvida alguma, a colonização assim dirigida não podia, como realmente aconteceu, trazer bons resultados. Tal não se verificou com as iniciativas particulares, nesse sentido, de Companhias de Colonização, e de alguns grupos isolados de alemães, agindo independentemente, mas sempre atentos a um chefe, também alemão. Foi com êste novo sistema que o nordeste de Santa Catarina se desenvolveu rapidamente e em melhores condições, destacando-se, desde logo, dois pontos de apôio para as futuras arremetidas pelo sertão a dentro: Dona Francisca, hoje Joinville, e Blumenau. A primeira, teve o auxílio do príncipe de Joinville, proprietário de grande área de terreno, em favor da Companhia Hamburguesa de Colonização. A segunda, foi por iniciativa do Dr. Blumenau, médico de Braunchweig, que elaborou e executou um vasto programa de saneamento das terras insalubres da região, providenciando, também, por autorização do nosso govêrno, a vinda de mais colonos alemães para cultivá-las. Como estas povoações, outras se formaram e se desenvolveram, transformando-se mais tarde, em lindas e ricas cida-

des que orgulham hoje a terra catarinense.

Mas é necessário, antes, acrescentarmos que os alemães do Brasil, segundo a opinião de Hugo Grothe, diferem muito entre si, fato êste facilmente verificado entre o alemão do Rio Grande do Sul e o de Santa Catarina e dêste com os demais Estados. Para Santa Catarina vieram, principalmente, os alemães agrários; pobres, sempre dependentes e vivendo economicamente muito mal. Só mais tarde é que chegaram alguns médicos, advogados, engenheiros, militares, etc., resultando a fundação de Joinville e Blumenau, principalmente. Para o Rio Grande do Sul emigraram, muito antes, alguns intelectuais e uma leva de condenados das casas de detenção da Alemanha. Sendo, portanto, o meio em Santa Catarina inegavelmente mais seletivo, talvez tenha sido esta a razão mais forte para que o "hitlerismo", aqui recebido "turísticamente", a partir de 1929, a preferisse para a expansão das suas idéias desagregadoras, num mito de superioridade racial. E embora os pregadores da "nova ordem européia", não encontrassem ainda naquele Estado muitas escolas, bons clubes e jornais em profusão para o início da campanha, como desejavam, encontraram, por outro lado, seus patrícios vivendo germânicamente, em completo abandono por parte do nosso govêrno, numa nova Alemanha já florescente, em pleno coraçào do Brasil. De certa forma muito fácil, lhes foi a tarefa inicial, principalmente diante do nosso des-caso. E dali por diante tudo passou a ser feito de acôrdo com as ordens enviadas de Berlim, postas aqui

em execução através os seus diferentes órgãos e muito bem distribuídos: NSDAP, HJ, BDM, NSF, NSLB, DAP, etc., etc.. Os germes, assim inteligentemente lançados, contaminaram o solo catarinense!... A tal ponto chegou a convivência das nossas autoridades com o "Nacional Socialismo" que, depois, a ninguém mais constituía surpresa os constantes desfiles nazistas pelas ruas de Blumenau, e cuja bandeira, guardada por atiradores armados, pertencentes ao Tiro de Guerra local, seguia à frente do cortêjo, constituído de alemães e teuto-brasileiros. Quando não, era a própria bandeira brasileira que entestava a coluna, mas inteiramente nazificada com a "cruz gamada". Mas o incompreensível, o intolerável e ao mesmo tempo o aviltante, era todo êsse espetáculo ser realizado com conhecimento do nosso govêrno e à vista das classes armadas! O que não era proibido era permitido. Assim se sentiam os alemães em Santa Catarina, em acôrdo político com a "Ação Integralista Brasileira", fundada recentemente naquela época. Basta transcrevermos a carta abaixo, apreendida pelo Sr. major Lara Ribas, quando Delegado da Ordem Política e Social daquele Estado, escrita por um nazi, pedindo material de propaganda integralista, para analisarmos bem as relações entre êles.

"Perdizes, den II. Mai 1936

Illm<sup>o</sup> Snr.

Gruenwald

Jaraguá do Sul

Sehr geehrter Herr Gruenwald

In unserem hiesigen integralistischen Nucleo haben wir schon ziem-

lich Deutsche. Aber immer wieder zeigt sich, dass dieselben zu wenig integr. Prapaganda etc. zu Haenden bekommen. Wir waeren Ihnen deshalb sehr dankbar, wenn Sie uns eine Anzahl deutschsprachige Programme und Propaganda beschaffen wuerden, dami wir hier einen Propaganda-Feldzug unternehmen koennen. Das Interesse zur Sache ist sehr gross, nur die Instruktion fehlt.

Im Voraus besten Dank

Die besten Gruesse mit

Anaué

(a) Fritz Kuorpfler

Perdizes 11 de maio de 1936

Ilmo. Sr. Gruenwald

Jaraguá do Sul

Prezadíssimo Sr. Gruenwald.

Em nosso núcleo integralista local já temos muitos alemães. Nota-se entretanto, que eles recebem muito pouca propaganda integralista. Ser-lhe-íamos, por isso, muito gratos, se nos proporcionasse alguns programas e propagandas em língua alemã, para que possamos empreender essa propaganda. O interesse pelo as-

sunto é muito grande, faltam apenas instruções.

Antecipadamente, os melhores agradecimentos e saudações, com

ANAUÉ

(a) Fritz Kuorpfler

O golpe de 10 de novembro de 1937, que os militares tão bem souberam apoiar, num atentado frio e criminoso contra os ideais democráticos do nosso povo, trouxe (é preciso que se reconheça), um remédio para o mal nazista no Brasil. Fecharam-se suas escolas; proibiu-se a circulação de jornais, tais como: o "Kolonie Zeitung", o "Der Urwaldsbote", o "Bluenenauer-Zeitung", o "Volkszeitung" e outros, editados em língua alemã; confiscaram-se suas emissoras clandestinas e, daí por diante, só se podia falar em língua portuguesa.

Mas, os alemães, notadamente os de Santa Catarina, não reagiram e se adaptaram logo à nova ordem! Então precisamos fazer a seguinte pergunta: de quem, portanto, a maior responsabilidade pela germanização daquele Estado?

## A CAPA DÊSTE NÚMERO

A capa dêste número apresenta dois cavalarianos, constituindo uma patrulha das muitas que rondam, cotidianamente, durante a noite, a Metrópole Paulista, principalmente os seus bairros mais afastados. O Regimento de Cavalaria vem empenhando-se a fundo nesse serviço.

São Paulo cresceu muito nestes últimos cinquenta anos, não estando longe, sua população, da casa dos dois milhões de habitantes. O policiamento adequado de uma cidade dêsse porte demanda um grande efetivo de homens.

A motorização produziria bom resultado quanto à economia do pessoal. Uma patrulha de 4 homens, num "jeep" equipado com aparelhos de rádio, de transmissão e recepção, poderá policiar uma área considerável, quasi um bairro, e com uma eficiência impossível de obter-se por outra forma.

O Comando da Força Pública, em cumprimento a um programa que visa oferecer à população paulista, laboriosa e ordeira, um serviço de segurança à altura das necessidades de sua dinâmica Capital, vem envidando esforços, já há algum tempo, para conseguir êsse equipamento motorizado. As condições do momento não são de facilidade quanto à disponibilidade de verbas; é certo, todavia, que essa é uma despesa indispensável e inadiável.

# Felicidade.

Péricles Santos.

Falam tanto de ti, felicidade,  
tanta coisa formosa a tal respeito  
que, também, vi acender-se no meu peito  
de conhecer-te uma crucial vontade.

Busquei, então, cidade após cidade,  
por de longe que fôsse ver-te o jeito...  
E, trilhando os caminhos, satisfeito,  
procurei-te por toda a mocidade !

Nunca, porém, te alcanço, deusa esquiva,  
e, te procure afoitamente embora,  
jamais te encontrarei por mais que viva...

E' meu fadário essa alternância triste:  
tu vens apenas quando eu ando fora  
e eu chego sempre quando já partiste !

(Do livro "Ânforas de ouro", a publicar)

# UM CONCEITO ERRADO

Ten. Cel. Antônio Pietscher

O oficial ou praça de uma corporação militar, passa para a reserva ou se reforma como prêmio pela colaboração e esforço dispendido, durante longos anos, em prol do bem-estar público; assim deve ser considerado.

Já não mais se admite o conceito errado de que a transferência para a reserva ou mesmo a reforma do oficial ou praça corresponda a um atestado de óbito para a sua vida militar, como certificado de sua inaptidão para a mesma. Não. O afastamento do militar da vida na ativa vem conciliar a necessidade da manutenção de uma "reserva disponível" com a da movimentação estimulante dos quadros daquela, em benefício do desempenho mais proveitoso da sacrificada e mesmo ingrata carreira dos que se devotam à segurança pública.

Cumpra ao Estado prever leis de garantias aos que fazem jús a um repouso honesto, como prêmio ao esforço e colaboração eficiente e desenvolvidos durante longo tempo de serviço público.

Premiados pelo reconhecimento do direito a um justo repouso, passam a constituir as "reservas", atentos ao chamamento da Pátria, quando necessário o concurso de sua força construtiva, de sua experiência e de seu valor. Há nobilitantes exemplos de reversão à atividade, num desejo incontido de levar a sua contribuição em prol da satisfação

dos anseios de justiça e de liberdade do nosso povo. A figura "primus inter pares" do Ten. Cel. reformado Pedro Árbues Xavier se projeta como um exemplo de nobreza. No Vale da Ribeira, onde êste velho reformado tombou impávido na defesa dos ideais constitucionais de 1932, devia haver uma cruz lembrando o seu exemplo quando, quasi sozinho e num derradeiro esforço, justificou a sua renúncia à vida, para o bem de sou povo, com aquelas palavras dignificantes: — "Um velho soldado da Fôrça Pública de São Paulo morre, mas não se entrega!".

Poucos em vida, da ativa ou não, teriam trazido para o Brasil e para a Fôrça Pública Paulista tanta dignidade militar, tanta nobreza de caráter e tanto estoicismo, como soube evidenciar Pedro Árbues, naquele seu esforço.

Justo é o prêmio, oferecido aos que souberam cumprir com lealdade e constância de soldado os seus deveres para com a Pátria, de se juntarem aos velhos camaradas da reserva ou reformados e, no seu convívio, recebidos com a acolhida que somente sabem dar os homens plasmados pelo estoicismo da renúncia às conveniências próprias e mesmo do sofrimento — ouvir dêles histórias épicas de abnegação.

Como é agradável passar-se uma tarde na Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva, entre velhos

servidores do Estado, lembrando fatos já vividos com o pensamento sempre voltado para o engrandecimento do Brasil! Relembrem os sertões que desbravaram, os companheiros de barraca, os exemplos de compenetração dos deveres, as dificuldades diárias que enfrentaram para conciliar os deveres da caserna com a necessidade de assistência à

família, as lutas entre o dever e as necessidades... E o turbilhão de recordações, que se perdem nas dobras do passado, revive-se, lá, diariamente. E a sinfonia das recordações a embevecer-nos e a empolgar-nos, no palco da vida, canta êste estribilho: — “São velhos soldados que falam, são velhos soldados que falam...”.

---

## S A M B A

---

*Tancredo Collaço, escreveu*

O samba vai animado com o frio. Que grande confusão fez o negro beicudo, de chapéu-de-côco, correndo uma rasteira num cabra sarado lá do bairro. Bairro de negros e mulatos e cafuzos e morenas componentes da arraia-miúda.

Quanta tristeza na voz rouca da cuíca, gemendo pela mão do mulatinho magro, tísico desde moleque. Um dia êle morrerá, a cuíca porém não ha de emudecer, que a alma da cuíca é eterna. Todos a compreendem e todos a amam: sua marcação rude lembra os embates da vida mal vivida.

O homem que se intrometeu para impedir a briga do negro com o bambá da zona, acabou levando uma surra dos briguentos. Mas o moreno que vestia velha túnica de soldado passou, arrastando para a roda do samba os contendores reconciliados.

Tudo isso que estava acontecendo ninguém percebia.

O tamborim guiava a turba. Docil ao som, a multidão comprimia-se,

afastava-se, como vaga de mar bravo. Com a pceira subiam pedacinhos de papel e um cheiro forte de suor. Ninguém percebia o cheiro, sentiam unicamente o contato dos corpos negros, brancos, morenos e mulatos.

Um homem branco está pensando na mulatinha. “Mulatinha ligeira que nem lambarí no córrego, vamos sambar juntos, face a face, desacreditando as danças importadas. Quero sentir o coração espetado pelos teus seios. Quero sentir no meu corpo o calor do teu corpo bem feito, molhado no samba”.

Um moléque saiu arrastado por uma preta enorme.

O homem branco convidou a mulatinha para dançar. E ao ouvido da mulatinha o homem branco dizia bobagens líricas como todo enamorado. Ela concordou com tudo, mas, oh!, azar dos azares, a última resposta da mulatinha gelou o coração do homem branco: — “Tenho medo da Rádio Patrulha”.

# Odonto-traumatologia

Antonio Fausto de Arruda Macedo  
1.º ten. dentista da F.P.

Assunto bem esmiussado e esclarecido à luz da medicina, os traumatismos devem ser melhor estudados nas suas frequentes localizações que os fazem derivar para o terreno odontológico. Se não bastasse a sedução do tema, tal estudo se imporia na alçada odontológica como meio único de repor no seu devido lugar os limites que devem prevalecer no exercício de nossa profissão. A odonto-traumatologia em nosso país inadvertidamente restringiu por tal forma o âmbito de suas atividades, que só um esforço hercúleo dos que a querem engrandecida, poderá dilatar-lhe a esfera de ação. As lesões traumáticas resultam da ação de agentes mecânicos que podem ser agrupados das seguintes maneiras:— Perfurantes, cortantes e contudentes.

As perfurantes determinadas pelos agentes do primeiro grupo merecem maior destaque, já pela frequência com que são observadas, principalmente no curso das operações militares, já pela gravidade que podem revestir, pelo maior comprometimento dos tecidos. Enquadrando-se aqui os ferimentos produzidos pelos projéteis de arma de fogo veriáveis no trajeto e, não raro de aspecto irregular, mutilante mesmo, pelo esfacelamento dos tecidos. Com ou sem perda de substância, essas lesões provocadas por bala apresentam sempre certa gravidade, quer pela perturbação funcional que po-

dem acarretar, quando atingem o território nervoso, quer pela hemorragia imediata que decorre da ruptura de vasos. Comumente ao lado do esfacelamento muscular, fratura do maxilar, quasi sempre cominutiva, ou que requer pronta intervenção cirúrgica afim de se proceder a remoção dos fragmentos musculares e ossos, bem como a regularização dos bordos da ferida. A intervenção nos casos de perfuração balística acastada na cabeça, foi largamente praticada durante a guerra, visando coibir as consequências imediatas, que soem aparecer com as lesões de importantes vasos, ou a possível instalação de um processo infeccioso, gangrena, tétano, infecção piogênica, em terreno tão propício, pela presença de tecidos comprometidos em sua vitalidade; por outro lado as consequências tardias representadas pelas deformações, e pelas cicatrizações viciosas, tão comumente observadas nos casos em que o processo cicatricial se faz sobre ferida aberta. Justifica-se pois o largo surto de progresso verificado na cirurgia durante a guerra, nessa fase de fecundos empreendimentos no campo da traumatologia, graças aos intervencionistas que resolviam nos outros tempos, a "manus armata" com o bisturi os casos mais intrincados para a clínica.

Os ferimentos produzidos pelas lâminas cortantes interessam muito de perto os vasos, os nervos e os

músculos, e são causa de muitas deformações e perturbações funcionais sem falar nas hemorragias que não raro exigem urgente ligadura do vaso que sangra, tal como se observa no caso da ruptura da coronária. A retração muscular observada no corte do orbicular dos lábios dá em resultado o afastamento imediato dos dois bordos, daí a necessidade de reaproximá-los por meio de uma sutura do plano muscular seguida de outra intradérmica, evitando assim a cicatrização em ferida aberta que origina a fenda chamada beijo de lebre accidental.

Os traumatismo que resultam do choque de corpos estranhos contra a superfície cutânea, determinando compressão dos tecidos moles de encontro às partes duras, constituem as contusões. Naturalmente crescem elas de importância, e tanto mais graves serão as suas consequências quanto maior for a força viva de que é dotado o agente traumatizante, embora deva também ser tomado em linha de conta o fator localização, assim os lábios pela frouxidão e elasticidade dos seus tecidos melhor se defendem. Consideraremos, então, desde as mínimas lesões traduzidas por ligeiros hematomas ou equimoses de duração rápida, até aquelas que ocasionam luxação das articulações alvéolo-dentárias com ou sem fratura dos dentes.

As fraturas dentárias quando existem podem ou não ser acompanhadas de exposição pulpar, o que tem suma importância no que diz respeito a exarcebação do quadro doloroso. As lesões das articulações variam conforme o grau da contu-

são, donde a possibilidade de se estabelecer uma distinção mais ou menos nítida entre elas, assim teremos: — contusão simples, luxação parcial e luxação completa: As contusões simples são ligeiros traumatismos da articulação alvéolo-dentária, provocando pequena mobilidade dos dentes, alguma hemorragia ao nível do colo, e ligeira comoção pulpar.

Na luxação parcial há mobilidade dentária com hemorragia ao nível do colo, grande comoção pulpar, etc..

Grave se nos apresenta a situação diante de um caso de luxação completa, os ligamentos estão soltos, vários dentes foram atingidos ao mesmo tempo, acentuada hemorragia, dores violentas, os dentes se acham desviados da posição normal e não raro fraturados. Impõe-se um exame meticoloso tanto quanto possível, utilizando todos os meios de que dispõe a simiótica odontológica, a conclusão dirá da possibilidade ou não de conservar os dentes lesados. De qualquer forma haja necessidade de contenção, de extração ou de ambas as condutas ao mesmo tempo para elementos diversos, não devemos dispensar o uso das injeções anti-tetânicas e anti-sépticos modernos.

Para sanar as dores mister se torna colocar o paciente ao abrigo das complicações quasi sempre desastrosas, por isso que podem levar, e levam comumente o profissional a praxeja uma terapêutica radical, como seja a anestesia, e a extração dentária.

# Estojaim

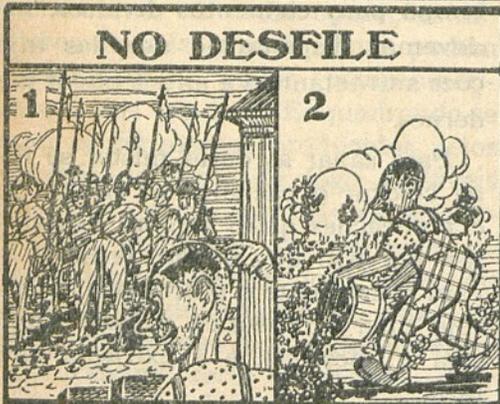


SABEDORIA DA CLASSE

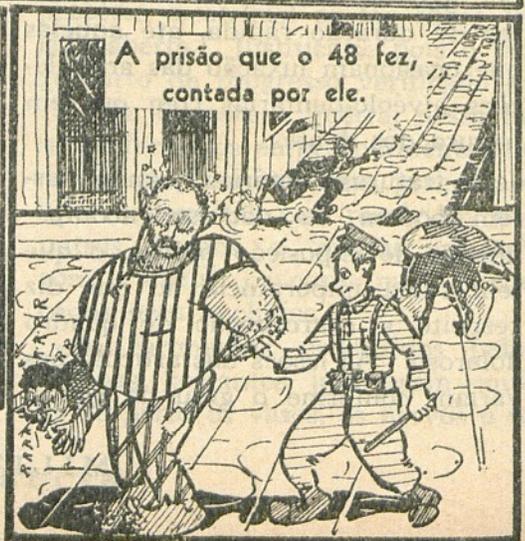
Número 4

— XXX —

Texto e ilustração de Yol.



O Jardineiro: Eu... acho que não deviam motorizar a Cavalaria.



# O tráfego e o trânsito na Capital

1.º Ten. Alfredo de Paula Pereira das Neves

Começemos por definir tráfego e trânsito.

Tráfego é a densidade de veículos numa determinada região. Assim, quando dizemos que o tráfego em São Paulo é intenso, ligamos a quantidade de veículos à capacidade das ruas.

Trânsito é o conjunto de meios e normas aos quais recorreremos para regularização do tráfego.

Os meios podem ser ativos e passivos. Os meios ativos são os inspetores de trânsito, que fiscalizam a execução da lei ou a impõem e os motoristas, que obedecem à lei, apesar de seus interesses, ou cuidam de seus interesses apesar da lei. Os meios passivos são os que facilitam a adução ou evacuação do tráfego ou ainda os que perpetuam certas determinações da autoridade diretora do trânsito. Nos primeiros, estão compreendidas as estradas, as avenidas, as ruas; nos segundos, as placas, as setas, os cavaletes, os sinais automáticos.

De todos esses meios, os mais importantes (é lógico) são os ativos, isto é, motoristas e inspetores, pelas ligações que mantêm constantemente, êstes a orientarem, e aqueles a invocarem suas posições, seus parentescos, seus conhecimentos. Mas, à parte essas ligações, que outro chamaria de atritos, a polícia deve sempre prevalecer, em benefício do interesse comum.

Não falemos de polícia, elemento educador ou orientador e repressor

dos indivíduos na execução da lei porque, incompreendida, ela é mal vista pela maior parte do povo.

Passemos aos outros meios: aos meios passivos.

A placa, para o motorista inteligente, é uma explanação relativa a certo trecho. Tomemos, por exemplo, uma placa de estacionamento proibido, que tem significações diversas, consoante o grau de educação de cada motorista. Para o motorista apressado, ela significa: — “A rua é larga, está vazia, mas a D.S.T. não quer que meu carro fique estacionado aqui”. Para o sem destino, já enfadado pelas inúmeras voltas, a placa é simplesmente importuna: — “A rua está vazia, cheia de sombra; a casa de chá ali pertinho, e o guincho pronto para me levar o carro”. Para o importante, aquele que invoca posição e parentescos a fim de provar sua precedência às leis, a placa é um impedimento facilmente removível pela desobediência. Mas, para o motorista inteligente e educado, para o cavalheiro, em suma, a placa é um aviso valioso e significa sempre: — “Cidadão, a rua estreita em relação ao tráfego”. E êle atende e segue, deixando o caminho livre para os outros.

Dos outros meios passivos, merece menção o sinal luminoso. Sem cuidarmos do amarelo alaranjado, o vermelho diz sempre ao motorista apressado: — “Cuidado com o Araçá!”; o verde é um imperativo: — “Pisa,

pisa!" Para o motorista cuidadoso, o vermelho é barreira e, o verde, passagem garantida.

Todavia, os meios passivos não regularizam o tráfego porque é pequeno, infelizmente, o número de motoristas educados: Inteligentes, há muitos; êstes, no entanto, só empregam a palavra em discussão inútil, na desobediência, no desrespeito e, muitas vezes, no desacato ao policial.

Não sabemos o que vai por outras cidades do Brasil, entretanto, não podem diferir muito de São Paulo, que estamos conhecendo, hora por hora, na labuta diária, em todas as estações do ano.

O mais fácil dos meios de regularizar o tráfego em São Paulo, segundo certo órgão da Imprensa Paulista, é suspender a importação de veículos. Esta afirmação, no entanto, não pode ser encarada senão como ironia ou, se lhe quisermos atribuir algum valor, o único recurso de que lançaria mão um diretor de trânsito irresponsável ou estarecido, ante o difícilíssimo problema do denso tráfego nesta Paulicéia de ruas estreitas.

Vários fatores influem na regularização do tráfego. Para São Paulo, onde o tráfego é todo superficial, isto é, desliza unicamente na superfície do solo, temos de jogar com o clima, o horário, a centralização, a falta de melhor preparo profissional dos motoristas e com a deficiência

numérica de inspetores de trânsito, por motivo que não nos cabe comentar, no momento.

Nos dias bonitos, o número de veículos nas vias de acesso ao centro da cidade é tão grande que deixa a gente pasmada, a pensar de onde saem tantos carros. Nas horas de ida para o trabalho ou de regresso para casa, a intensidade do tráfego, em certas vias, quer chova quer não, é quasi astronômica.

Todos êstes fatores se juntam e exigem, da Diretoria do Trânsito, uma solução que não se choque com os múltiplos interesses dos indivíduos, sob pena de se substituírem quantos diretores queiram sobrepor o interesse público ao privado.

A vontade de solucionar o problema do trânsito, nesta grande cidade, levou a atual Diretoria a lançar mão de mais um recurso que se espera trazer benefícios ao tráfego, pois facilita o emprêgo proporcional dos meios, nas diversas vias, em determinadas horas — é a **ESTATÍSTICA**.

Oxalá êste último recurso e a boa vontade dos elementos de execução, bem instruídos profissional e moralmente, consigam aniquilar a Esfinge que se fixou no coração da cidade, a devorar tantos diretores quantos se têm decidido a decifrar o problema do tráfego na Capital bandeirante.

---

Foi de 24 para 25 de dezembro de 1924 que o 2.º Batalhão, então em operações de guerra no Estado do Paraná, tomou parte no combate de "Rocinha". Seus elementos receberam nesse dia, como alimentação, unicamente uma colher de açúcar (cedo) e uma caneca de café (a noite). Depois, somente no dia 25, às 2 horas da tarde, é que lhes foi distribuído o almôço, composto de feijão e carne seca. —

Que Natal ! . . .

# V A R I A S

Joe Louis acaba de nocautear Joe Wallcott e, para encerrar a sua brilhante carreira de pugilista, resolveu abandonar o ring. Na opinião dos técnicos, o demolidor de Detroit retira-se em completa forma, mais campeão do que nunca, tendo sido, ademais, considerado como um dos dois maiores pugilistas do mundo de todos os tempos. O outro foi Dempsey.

O curioso nesta luta foi o fato de se terem enfrentado dois "coloreds" e, mesmo assim, a luta despertou um interesse inusitado entre os apaixonados do box. Nas lutas anteriores os adversários têm sido branco e preto, de sorte que a opinião se divide sempre segundo a côr, o que, sem dúvida, levou muito dólar ao bairro de Harlem.

Dizem que o Snr. Ministro da Fazenda se queixou de que há cerca de 6 bilhões de cruzeiros entesourados em mãos particulares e que essa é uma das causas secundárias da falta de dinheiro para os negócios. Para remediar êsse fato, segundo se propala, seria feita uma emissão de moedas-ouro, o que, na opinião dos entendidos, provocaria o aparecimento do dinheiro-papel entesourado. Em nossa opinião, entretanto, achamos que o aparecimento de moedinhas

louras e fascinantes no mercado, iria aguçar ainda mais o apetite entesourador dos colecionadores de moedas novas e, afinal, voltariamos ao mesmo estado anterior. Sugerimos, por isso, a emissão de um dinheiro que perca o seu valor à medida que o tempo passa, de modo a que o torne indesejável. Quem sabe si assim melhora. A não ser que peore...

—:—

Berlim está outra vez em dificuldades. Os comandantes da Capital alemã não se entendem e, para demonstrar o seu estomagamento, trocam represálias que afinal vão estourar sôbre as cabeças dos pobres berlinenses.

Há um velho provérbio que diz: "Quando a onda briga com o rochedo, quem paga são os mariscos"...

—:—

Segundo nos informaram, a Reparação de Águas e Esgôtos está interessada em modificar a nossa rêde no sentido de modernizá-la e adaptá-la para uso anti-incêndio. Entre as reformas que se verificarão, todas de caráter urgente, pois nesse particular estamos atrasados em apenas uns... 100 anos, deverão ser trocados os atuais hidrantes públicos, fôcos de contaminação, por modernos hidrantes emergentes, onde não mais serão encontrados ratos mortos poluindo a nossa água... potável.

# ALVORADA

1.º ten. int. Cláudio Neves, da Polícia Militar de Goiás

Nos dias que correm vertiginosos, pela própria configuração da vida moderna, sentimos que muito pouco nos resta de tempo para pensar. Os fenômenos sociais se traumatizam no anseio incontido de um objeto ignoto, que nós outros, se nos quedarmos por segundos, a observar os prêstitos que passam, perguntaremos:

Para onde vão ?

O que desejam ? . . .

E não obteremos resposta. Eis que todos correm sôfregamente em busca de um objetivo que talvez seja impossível colimar. E' a febre das vertigens! E' a ânsia, é o nada que avança para o todo, é o todo que foge do nada. E' um mistério que a filosofia procurou explicar através de fórmulas, por meio de sistemas, e não conseguiu decifrar . . .

E, quanto mais pensamos, quedos que ficamos em nosso silêncio, chegamos à conclusão que todo êsse afã de luta, toda essa ânsia indócil, se explica única e exclusivamente na vitória que o indivíduo tem sôbre o meio em que vive.

E' bem verdade que a vitória, (anseio de todo aquele que procura realizar algo), é o objetivo maior de todos nós, e, embora muitas vezes incompreendido, se explica entre os traumas morais e sobretudo sociais, que o homem é um reflexo — apenas de reflexo — do meio em que vive, mas reagindo e influenciando êste próprio meio.

Eis por que, caros camaradas, nesta hora cruciante que atravessamos, nesta hora em que os ignóbeis interesses pessoais se antepõem aos agrados interesses de nossa Pátria, um filho do coração dêsse nosso imenso e querido Brasil, vos conclama a trabalhar, a lutar pela vitória, não individual de cada um de nós, mas da coletividade que representamos, esta coletividade que é a nossa Pátria — tão grande, que cabe em todos os nossos corações. Por ela, trabalhem, lutemos, para que possamos, no amanhã que se esponta, devolvê-la mais grandiosa, muito mais grandiosa ainda aos nossos filhos, do que a recebemos dos nossos avós! . . .

## Sul América Capitalização S. A.

**Companhia Nacional para Favorecer a Economia**

**A MAIOR COMPANHIA DE CAPITALIZAÇÃO**



# Suave Preferência

FLÁVIA MARIA DA ROCHA

(Da Sociedade Popular Protetora dos Insanos e do  
Centro Cultural Humberto de Campos).

Eu gosto de Santo Antônio,  
Que me livra do demônio,  
Das garras da tentação,  
E também dêsse santinho  
Que segura um carneirinho,  
E que se chama João !  
Mas existe um outro santo,  
Sem pecado, sem labéu,  
Que guarda com terno encanto  
A porta de oiro do Céu !  
E' São Pedro, êsse porteiro,  
A quem peço com fervor,  
Que no instante derradeiro,  
Venha abrir, grave e contrito,  
As portas do Infinito,  
Para mim e o meu amor !



# Teresópolis e Campos do Jordão

1.º ten. *Delfim Cerqueira Neves*

Teresópolis, edificada em privilegiada altitude, circundada de montanhas alcantiladas e vegetação luxuriante, com fontes cristalinas a jorrar a cada passo, dos penedos, com seus contrastes multicores entre as eminências e as depressões, apresenta, ao observador, os mais encatadores e fascinantes quadros naturais.

Nessa linda cidade da terra de Nilo Peçanha abri, pela primeira vez, os olhos ao mundo. Lá, ensaiei os meus primeiros passos, lá se escoaram minha adolescência e juventude, essas quadras formosas da existência. De lá parti, jovem sonhador, com mil projetos, ansioso para vestir a farda de cadete da Fôrça, para São Paulo de Piratininga, em hora de feliz inspiração, ditada, certamente, pelos bons fados.

Daqui, continuei a ver, nos quadros da imaginação criadora, os belos cenários de Teresópolis. Proclamei-os, alto e bom som, como cadete na Escola de Oficiais, no Sexto Batalhão de Caçadores em Santos, na Escola de Educação Física, por tôda a parte, em todos os lugares.

Quando se falava em belezas naturais, eu não podia deixar de intervir no diálogo e mencionar Teresópolis, a cidade que traz no nome a grandeza de uma das nobres e inconfundíveis damas, a figura soberana da imperatriz destronada pelo golpe militar de 15 do Novembro de 1889.

Quando passei a ter assento na Casa Militar do Exmo. Sr. Governador do Estado, levei, como não podia deixar de ser, para os Campos Elíseos, o meu "slogan" do fascínio da natureza teresopolitana.

Aliás, nunca exagerei a êsse respeito — tenho absoluta certeza. Em verdade, a majestade dos panoramas daquele recanto fluminense é tão empolgante que se vê, porém, não se descreve, a menos que possuamos a sensibilidade estética e literária de um José de Alencar, cousa que não sonho, nem de longe, porque, do contrário, seria iludir a mim mesmo. Mas, lá no Palácio da rua Visconde do Rio Branco, encontrei condições sólidas a respeito de Campos do Jordão, exaltada constantemente, por todos os membros da ilustre Família Governamental que, uma vez por ano, faz temporada naqueles admiráveis sítios, gozando a amenidade do clima que êles oferecem e a grandiosidade dos seus cenários.

Duas convicções estéticas arraigadas teriam, fatalmente, de se chocar, quando se encontrassem frente a frente. E foi o que aconteceu. A primeira vez que se me deparou a oportunidade (notem, precisou haver oportunidade...), descreví Teresópolis, com o meu entusiasmo de sempre, desenhando os mais lindos quadros que pude arquitetar. Ouviram-me em silêncio, e, depois, disseram-me que tudo o que eu descrevera era realmente interessante, porém, bem pequeno, diante das maravilhas de Campos do Jordão.

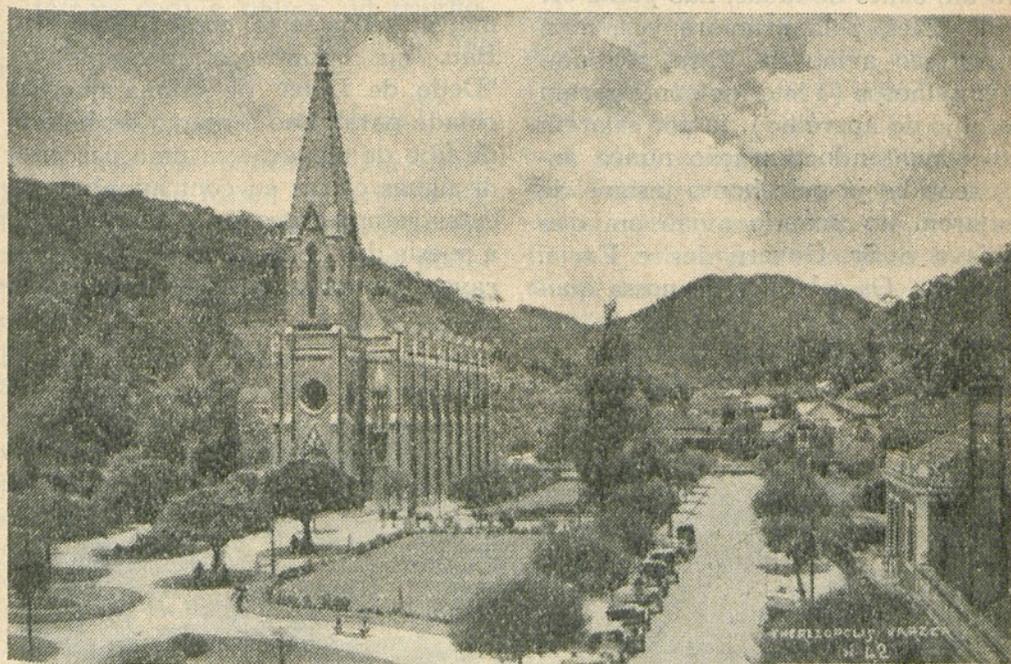
Fiquei, realmente, atordoado. Como poderia haver, na terra, recanto mais belo do que Teresópolis? Dentro em mim, uma voz dizia: "qual nada, Campos do Jordão pode ser bela; nunca, porém, nivelar-se a Teresópolis".

No álaure dia 6 de janeiro, de Reis, fui designado para acompanhar a Primeira Dama de São Pau-

dência presidencial, passou a fazer jús, periódicamente, a uma guarda militar, constantemente renovada.

Nessa viagem estava programada para percurso de avião até a cidade de Pindamonhagaba e, daí, a Campos, pelo trenzinho que, veloz, serpenteia entre rochas e florestas.

Compuha-se a caravana das seguintes pessoas: S. Excía. o Sr. Go-



Uma vista de Teresópolis (Várzea)

lo e Família, a Campos do Jordão, em estação de rápida permanência e repouso. Aceitei, radiante, a honrosa missão. Surgia, com ela, ao lado de grande distinção para mim, a oportunidade de um confronto entre Teresópolis e Campos do Jordão.

Campos do Jordão, por uma de suas belas vivendas — a Vila Barros — elevada à categoria de resi-

vernador, Da. Leonor Mendes de Barros, os filhos, senhorita Mariazinha e o jovem Antoninho; Da. Patrocínia, Ten. Lafaiete e eu.

Coincidia com a nossa partida o seguimento de um contingente de nove praças (um sargento e oito soldados) da Fôrça Pública, para a linda cidade serrana. Por ordem do Sr. Governador êsse contingente, que

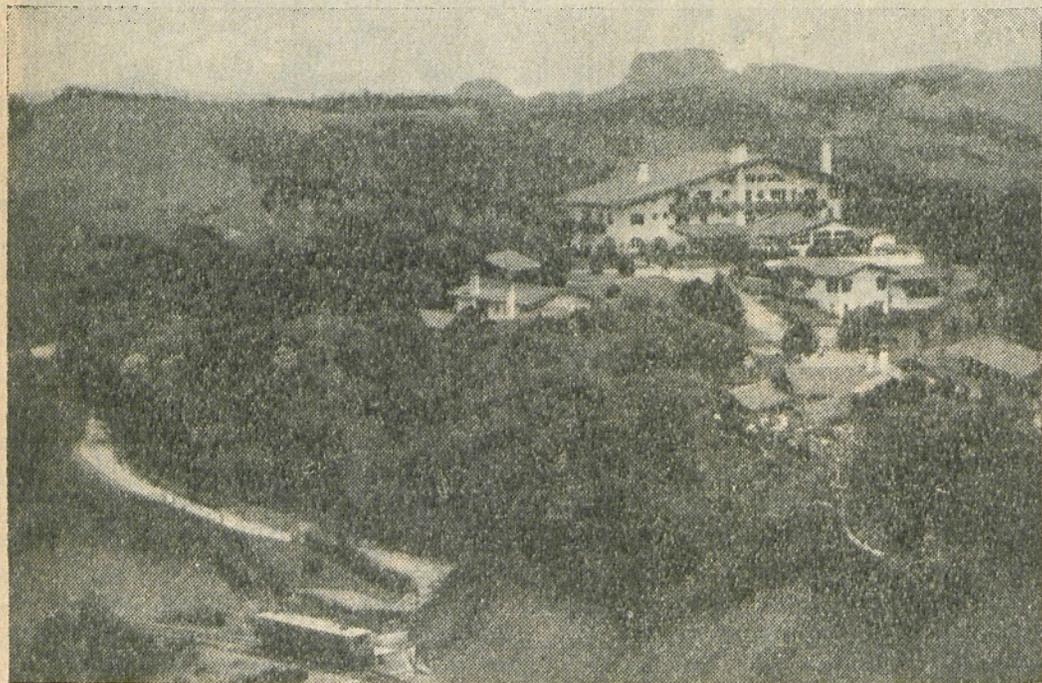
devia viajar de trem, foi notificado que faria o percurso de avião na própria aeronave da caravana.

Tomamos, na manhã do dia 7 de janeiro, possante pássaro metálico da Vasp, em Congonhas e, jubilosos, os soldados, embarcaram em coluna por um. Fui o último a entrar. Tudo bem. Em vez de apreensão, os soldados estavam como que sonhando; era um conto de fadas; não podia ser real. Eles, pela primeira vez, num gigantesco avião da Vasp, sentiam-se orgulhosos (e isto me confessaram no bôjo do aparelho), já por estarem experimentando sensação nunca antes sentida, já pela honra insigne de viajarem no próprio avião em que viajava o Sr. Governador e Excia. Família. Os soldados de nossa que-

rida "Milícia" Paulista, portaram-se admiravelmente; pareciam antigos viandantes do ar.

Com cêrca de trinta e oito minutos de vôo, aterrissamos no Campo de Pindamonhagaba.

Daqui a Campos de Jordão, ante a sucessão dos quadros encantadores que se apresentavam, perguntaram-me se Teresópolis tinha maravilhas daquele porte. A um contraforte majestoso da serra, como a Pedra do Baú, eu opunha o incomparável "Dedo de Deus" de minha querida cidade natal, que é marco de beleza, de fé e de elevação; a uma nascente de águas claras eu contrapunha cascatas estonteantes de minha cidade; à poesia das flores silvestres que realçavam ainda mais as lindas serras



Vista de Campos do Jordão

de Campos do Jordão eu lembrava as lindas hortênsias e os perfumados cravos de minha Teresópolis.

Em Campos do Jordão, de panoramas inconfundíveis, nossos passeios se caracterizavam por êsse duelo interessante entre as belezas daquele recanto magistral e as maravilhas da Cidade da Serra dos Órgãos.

Jamais cedí a palma do triunfo, não por vaidade, mas em nome da razão e da estética.

Teresópolis, sim Teresópolis!

Os dias que passamos em Campos do Jordão foram maravilhosos e ficarão indelêvelmente gravados em nossos corações, pois jamais poderemos esquecer a maneira gentil com que eu e os soldados fomos tratados por Da. Leonor, filhos e demais pescas. Constantemente chamavam minha atenção: ora para admirar o sol forte que, desde as primeiras horas do dia se fazia sentir, ora para contemplar as tardes lindas e agradáveis que terminavam com o esconder do sol atrás das montanhas tão próximas de nós e que, ao desaparecer, refletia seus raios contra as nuvens claras, cobrindo normalmente o céu, ao cair da tarde. No dia 13 de janeiro, nos dirigimos ao Itapêva, um dos picos da formosa Mantiqueira, que faz atalaia a Campos do Jordão. Às 22 horas, o nosso carro, dirigido por Maninho, a grande velocidade, chegou em primeiro lugar, após deixar os representantes do sexo fraco com o coração acelerado, pois os abismos que se apresentavam de um e outro lado da estrada, amedrontavam.

A altitude do pico de Itapêva é de 2.030 metros. Dalí, contemplamos e Vale do Paraíba, pontilhado de cidades, cheias de luzes e de vida. O céu lindo, extremamente lindo, parecia ter descido até os integrantes da caravana alpinista; as estrelas brilhavam com mais intensidade; a brisa soprava mansamente, trazendo um perfume suave das florinhas do campo; o rádio de um dos automóveis que nos levava, tocava em surdina. Ficamos absórtos, em silêncio, embevecidos, ante quadro tão deslumbrante.

A palavra argêntea e delicada de Da. Leonor rompeu aquele agradável silêncio, convidando-me a repetir se a beleza de Teresópolis estava, ainda, acima daquela maravilha que contemplávamos. Respondi: "Não, Da. Leonor, Teresópolis não é mais mais encantadora do que êste deslumbramento".

Houve risos e palmas, como a comemorar-se uma vitória custosa.

Em todo o caso, acrescento aqui que não proclamei a superioridade das belezas de Teresópolis sobre o quadro de Itapêva, de 13 de janeiro, mas também não a coloquei em situação secundária.

As maravilhas do mundo foram uma só para cada país contemplado e a maravilha da natureza brasileira, para mim, era Teresópolis, com sua grandeza de quadros incomparáveis.

Conhecendo Campos do Jordão, sou obrigado a crer que o Brasil, tão portentoso que é, possui, não como os demais países, uma só maravilha; porém, duas: Teresópolis e Campos do Jordão.

# MODERNIZAR — I

*Notas de um oficial aluno, sobre os Cursos de Aperfeiçoamento do Exército e de como seus ensinamentos poderão ser aproveitados na Fôrça Pública.*

Rope

Muito se falou da vinda de oficiais de nossa Fôrça para cursar, aqui no Rio, diversas escolas do Exército Nacional. Apareceram mesmo críticas irreverentes sobre a oportunidade ou necessidade de gastos para atualizar os conhecimentos desses oficiais às necessidades militares decorrentes dos ensinamentos que a última guerra nos legou.

Acontece que, a Fôrça, assim agindo, mais uma vez se tornaria primeira nas realizações de cultura profissional.

Os princípios de guerra são imutáveis, mas os métodos evoluem e é necessário, como reservas que somos do Exército, estarmos a par de sua nova doutrina. Ainda, nossa unidade escola ensina, aos futuros oficiais, os princípios da guerra de 18, com pequenas alterações nos métodos.

O Comando Geral da Fôrça, sentindo a necessidade de se modificar o ensino na Corporação, achou de melhor alvitre enviar os seus próprios meios humanos para colher, nas fontes nacionais, os princípios daquela doutrina, do que levar missão do Exército, para instrução dos quadros. E' um grande passo, porquanto, no ano vindouro, estaremos aptos para iniciar a transmissão dos novos conhecimentos, aos alunos das escolas de formação, aperfeiçoamento e especialização.

Na previsão de que os nossos chefes, ressaltados as diretivas de reorganização da Fôrça Pública, justificando a vinda de oficiais ao Rio, irão nos dar missões que impliquem na aplicação o transmissão da doutrina recém-adquirida — da qual pretendemos levar os mais sólidos alicerces — vimos nos reunindo para a troca de idéias e estudos das possibilidades daquelas aplicações e transmissão, não só sob o ponto de militar como também sob os aspectos policial e de bombeiros.

Todos os ensinamentos ministrados nos cursos são concentrados e dosados para um tempo mínimo de permanência do oficial como aluno, o que implica num esforço grande a dispender pelos instruendos.

As escolas funcionam com dois expedientes e o intervalo do almoço, às vezes, não chega a uma hora. As matérias dadas são constantemente sabatinadas em forma de "tests", o que obriga o aluno a "estar em dia". Muitos instrutores ainda usam os "tests" de fim de aula e isso não dá oportunidade do oficial "torar" (cochilar), como aqui se fala. As aulas são as mais objetivas possíveis, seguindo-se sempre, à teoria, a prática no material estudado ou demonstração em material preparado.

O cinema é também usado para firmar os conhecimentos, havendo

"films" para quasi todo assunto ministrado, desde o funcionamento do "Spring Field" até, por exemplo, ao funcionamento do diferencial do "Sherman". Mesmo "tests" são feitos através a projeção.

As escolas são ricas em especialistas como instrutores, exemplo que devemos seguir, trazendo isso unificação da doutrina e do método. A maioria do corpo docente é constituída de oficiais pertencentes à F. E. B. e, dentre êles, grande número especializou-se nos Estados Unidos da América do Norte.

A personalidade do oficial é respeitada. Sua palavra anula qualquer sanção. Passemos em revista algumas dessas situações. O instrutor é encarnado como o próprio comandante da escola. Só interrompe uma aula se um superior do comandante visita o local. Muitas vezes temos sido surpreendidos com o nosso comandante sentado também na sala, como aluno. Nos "tests" de verificação ou qualquer trabalho em sala não se pode dirigir a colega algum, nem mesmo para solicitar um empréstimo qualquer, pois o princípio adotado é que todo o trabalho é absolutamente individual. Se um aluno necessita faltar ou chegar atrasado a uma aula, exer-

cício ou expediente, inclusive para atender a algum compromisso social, o faz sem constrangimento. Dirige-se, por iniciativa própria, ao comandante, justificando sua falta. Pode também solicitar, anteriormente, a dispensa necessária, diretamente a essa autoridade. Se justificada a falta, será sancionada pela perda de um ponto e se não, pela perda de três. Ninguém "informa" porque não compareceu à aula ou mesmo ao expediente. O aluno pode discordar de um instrutor e se não prejudicar o conjunto do ensinamento, êste poderá justificar seu ensino. Não têm, os instrutores, o convencimento de serem absolutos e quando não sabem responder à pergunta ou resolver a dúvida surgida, com lealdade o declaram e, depois das consultas necessárias, é novamente ventilado o assunto e resolvido. Pode-se reclamar por escrito, na própria prova, se não se concordar com a corrigenda do instrutor. O Comandante toma conhecimento dessa reclamação e decide. Nem sempre o instrutor vence.

Princípios como êsses, põem os alunos completamente à vontade e aptos para receber os ensinamentos sem constrangimento, procurando estudar *para saber* e não para *passar nos exames*.

FERRO - AÇO - MÁQUINAS - FERRAMENTAS - TINTAS -  
VERNIZES - ÓLEOS - ARTIGOS PARA PINTORES - LONAS -  
ENCERADOS - CORREIAS - GAXETAS E PAPELÃO AMIANTO

ANTUNES, FREIXO & CIA. LTDA.

IMPORTADORES

Rua General Couto de Magalhães, 222

FONES } 4-6229  
          } 4-8626  
          } 6-2225

CAIXA POSTAL: 4922

End. Telegr. "Anfreixo"

SÃO PAULO - BRASIL

## A "Missão Paulista" comemora, em Ponta-Porã, o 2.<sup>o</sup> aniversário da fundação da Guarda Territorial daquele Territorio Federal

1.<sup>o</sup> sgt. Antonio Napoleão de Araujo

A Guarda Territorial de Ponta Porã completou seu segundo aniversário de criação quando lá estava a missão instrutora da Fôrça Pública, cuja viagem àquelas longínquas paragens pátrias tivemos oportunidade de relatar no número anterior de "MILITIA". Achamos, nós da missão, interessante organizar uma festa para comemorar o evento.

Para isso, elaboramos um programa, o qual foi logo apresentado ao sr. capitão Cardoso e tenente Adauto, que acolheram com simpatia a nossa idéia. Dalí por diante passamos todos aos detalhes da festa, para que pudéssemos oferecer à população de Ponta-Porã e aos funcionários do Rio de Janeiro e de S. Paulo, contratados pelo govêrno do Território, alguns momentos de alegria. Ponta-Porã é apenas uma grande planície avermelhada, embora suas ruas largas e retas prometam, para o futuro, um desenvolvimento maior para a cidade. Há um número apreciável de casas de tijolos, mas a preferência é ainda pela madeira, abundante no Estado de Mato Grosso. A vida é monótona, insípida, e até as músicas dolentes, tristes e evocativas do povo paraguaio, fazem côro com aquele ambiente. E elas dominavam a cidade, portanto, era preciso mostrar àquela gente o nosso samba, a nossa valsa, na maviosidade do saxofone do nosso companheiro, sargento Heitor. Queríamos, tam-

bém e mui oportunamente, mostrar ao povo que não há necessidade de ninguém andar armado, para garantir-se, como vinha acontecendo com os habitantes daquela região. Dai, introduzimos no programa alguns números de defesa pessoal.

O convite foi extensivo a todos, indistintamente: autoridades civis e militares de Ponta-Porã e de Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia da fronteira, e povo em geral. O programa foi desenvolvido num vasto alojamento da própria Guarda. Media mais ou menos 20 metros de largura por 40 de comprimento. O palco, de emergência, foi montado num dos cantos do alojamento, ficando afastado uns 15 metros da primeira fileira de cadeiras, onde tiveram assento as autoridades.

Às 19 horas o recinto encontrava-se inteiramente lotado. Às 20 horas, como estava marcado, deu-se início ao programa, fazendo uso da palavra o sr. capitão Cardoso, comandante da Guarda, que em poucas palavras, porém claras e incisivas, disse a razão daquela festa. Falou também o Exmo. Sr. Dr. Romário Paulino do Espírito Santo, Chefe da Divisão de Segurança e Guarda, ressaltando o trabalho já desenvolvido pela missão em tão pouco tempo.

Em seguida apareceu o sargento Ari, anunciando o primeiro número. As cortinas do palco

se abrem e é apresentado o nosso "Jazz", organizado pelo sargento Heitor, com instrumentos levados de S. Paulo. Ouve-se, pela primeira vez em Ponta-Porã, o som melodioso de um saxofone, que só faltava "falar", na execução da marcha "Âncoras ao mar". Foi de uma repercussão extraordinária! Calorosas salvas de palma inundaram o ambiente. A assistência pede "bis", seguindo-se, então, mais dois números: "Disse me disse" (samba) e "Lagoa adormecida" (fox).

Novamente aparece o Ari, munido de um megafone, dizendo algumas piadas interessantes, referentes aos costumes característicos do lugar; as paredes, se não fossem fortes teriam vindo abaixo pelas gargalhadas do auditório! A seguir, anunciando o 2.º número, ouvem-se as seguintes palavras do Ari: "Vamos ter o prazer de assistir, pelo instrutor de educação física, sargento Napoleão, uns números de ginástica de sólo e saltos ornamentais". Seguem-se outras piadas e, após anunciado o 3.º número, entra o tenente Adatao, executando com a sua clarineta mágica, o "Tico Tico no fubá". Prá quê? Só se ouviam palmas, "bis", "bis" e mais "bis". Atendendo, outro número se fez ouvir. Em seguida entra a dupla típica paraguaia "Chamorro", executando dois bonitos rasqueados paraguaios. Troca-se de "speaker". O palco é fechado e logo depois aparece o autor destas notas, de megafone em punho, anunciando o 4.º número. E' outra vez o tenente Adatao que, com o sargento Ari, executam entre o palco e o primeiro correr de cadeiras, um assalto real de espada, ambos fazendo,

com o seu dinamismo e sangue frio, sair fôgo das lâminas. Vibrou emocionada a assistência. Inúmeros oficiais do 11.º R.C.I. se levantaram, abraçando-os entusiasmados.

Abrem-se as cortinas para o 5.º número. Aparece uma dupla de caipiras paulistas; um de nome Valde-  
mar, inspetor da própria Guarda e o outro, um soldado convocado do 11.º R.C.I., de nome Antônio. Cantaram acompanhados com as suas violas a "Cabocla Tereza", que abafou. Ao "bis", cantaram "Pingo d'agua". Apareceu novamente o sargento Ari: novas piadas, risadas, palmas. Passa-se ao 6.º número: abre-se o palco e um cabo do 11.º R.C.I. interpreta, com boa voz, e com o acompanhamento do Jazz, o lindo fox "Noite de lua". Aparece novamente o tenente Adatao, executando um sólo de violão, que foi muito aplaudido. Em seguida o mesmo cabo canta a linda valsa "Última inspiração".

Como 7.º número do nosso programa fizemos uma demonstração de defesa pessoal. Enquanto o Jazz executava algumas músicas e o Heitor com o seu saxofone infernal tocava um "Boogie-Woogie", procuramos, rapidamente, preparar o ambiente para a demonstração. Amarramos vinte colchões comuns em forma de rinque, cobrimo-los com uma grande lona e iniciamos o ato final.

Lentamente e com explicações, mostramos as diferentes maneiras de se prender um indivíduo armado de faca, revólver, bengala, sem que para isso fosse necessário o emprêgo da violência. Um "camelot", com sua valise, "cobra Margarida", papagáio e diversos objetos de propaganda,

armado com um punhal (sabre-baioneta sem bainha), com o cabo da arma aparecendo, fazia reclame sem que tivesse permissão. Interpelado pelo guarda, respondeu com gestos e atitudes agressivas, sendo-lhe dado voz de prisão. Não obedecendo, saca de seu punhal e tenta agredir o guarda que, depois de alguns momentos de luta, surpreende o agressor com certo golpe, desarmando-o. Quando já a caminho da prisão, é o mantenedor da ordem surpreendido pelo "farol" (companheiro do "camelot") que, empunhando um revólver solta o seu companheiro e intima o representante da lei a dirigir-se a lugar ermo, naturalmente com intuito de agredi-lo. Nesse momento são ambos apanhados de surpresa, quando o guarda, num salto repentino consegue desarmar o "farol" e a ambos prender.

Foram os seguintes os personagens:

— Guarda: sargento Napoleão;

— "Camelot": um soldado da Guarda; e

— "Farol": sargento Ari.

Terminado este número debaixo de calorosos aplausos, fez uso da palavra o Exmo. Sr. Governador do Território, Coronel Ramiro Noronha, que salientou o trabalho, em geral, desenvolvido pelos componentes da Missão, elogiando também a iniciativa e a perfeita execução daquela festa. Finalizou com estas palavras: "Eu tinha ouvido falar dos senhores mas não os julgava tão completos assim. Estão de parabens o Território e a Fôrça Pública de S. Paulo, este por tê-los em seu seio, cooperando para o seu desenvolvimento, e aquela por contar em suas fileiras com elementos tão capazes e à altura das suas tradições".

Em seguida, deu-se início ao baile no mesmo alojamento e que durou até às 2 horas da madrugada, ao som do Jazz dirigido pelo sargento Heitor.

Foi uma festa bonita, felizmente.

## FOTO TUCCI

RUA DA GLÓRIA, 57 — FONE 2-2728 — CAPITAL

Casa fundada há 50 anos, executa qualquer espécie de serviço, tanto em seu estúdio como em domicílio. Especializado em fotos de casamento, formatura e comercial.

Reproduções, ampliações e coloridos.

# Homenagem do Clube Militar ao Snr. Governador do Estado

O Clube Militar homenageou o Sr. Governador Adhemar de Barros, com um almoço, realizado na sua Colônia de Férias em São Vicente.

Desde as primeiras horas da manhã um movimento Jesusado se fazia sentir naquela agradável estância, com a chegada das autoridades

do Estado, além do Sr. Diretor das Obras Públicas.

Também se fizeram representar no ato os Srs. Presidentes das Câmaras Municipais de Santos e de São Vicente e figuras de alta projeção na cidade de Santos, bem como vários representantes da imprensa.



Aspecto parcial da mesa ao iniciar-se o almoço

locais, civis, militares e eclesiásticas e convidados em geral. Para ali também se deslocaram quasi todos os oficiais superiores da Fôrça, acompanhados de delegações de oficiais; Secretários de Estado, por seus representantes, Exmo. Sr. Dr. José Fajardo, Secretário do Trabalho e membros da Assembléia Legislativa

Aproximadamente às 12 horas e 30 minutos chega o Sr. Governador, que é saudado por viva salva de palmas, ao penetrar no salão da Colônia. Sua Excia. é cumprimentado pelos presentes e se demora em animada palestra com os circunstantes.

Em seguida, toma-se assento à mesa,

O cardápio apresentado foi alvo do mais caloroso comentário, pela sua escolha felicíssima. Horas de estupenda palestra e animoso entrelaçamento civil-militar transcorreram durante o almoço.

À sobremesa, o Sr. Presidente do Clube Militar, apresenta o orador oficial, major Benedito Antunes Chaves.

Este, valendo-se de seus ricos dotes de inteligência e bela retórica, faz sentir ao homenageado que o Clube Militar da Fôrça Pública se orgulha da consideração que S. Excia. lhe dispensa. E é como preito de reconhecimento e gratidão que o Clube Militar presta à sua ilustre pessoa tão singela mas significativa homenagem. Lembra, ainda, que a assistência destinada por S. Excia. às prementes necessidades do Clube Mili-

tar em concluir a obra magnificante que é a sua Colônia de Férias, outra cousa não é senão um atestado de que seu Governo, interpretando os anseios democráticos da atualidade social, ampara também as iniciativas particulares, ao lado das iniciativas coletivas.

O orador foi largamente aplaudido.

Fez uso da palavra, logo após, o major França, que num rápido improviso, porém, incisivo e eloquente, enalteceu a figura do homenageado na feliz direção do Governo de São Paulo. Diz ainda que os oficiais da reserva da Fôrça Pública não devem e não podem ensarilhar armas e sim continuar dentro da idéia que sempre norteou a atividade da Fôrça Pública, lutando pela grandeza de São Paulo, pela grandeza de sua pátria, pela grandeza do Brasil. Fina-



O Snr. Governador quando agradecia a homenagem

liza o seu improviso endereçando os votos de felicidade ao Sr. Governador e Exma. Família em nome dos que pertencem à reserva da Fôrça, reformados ou não.

Em seguida, falou também o Dr. Joaquim Alcaide Vals, Diretor Geral das Obras Públicas do Estado.

Ao fim da agradável reunião o Sr. Governador disse algumas palavras através das quais expressou que se sentia bem entre os elementos da

Fôrça Pública, corporação que sempre cooperou eficientemente com o Governo. Felicitou a oficialidade da Fôrça pelo magnífico empreendimento que é a Colônia de Férias de São Vicente, instituição utilíssima e que muito honra seus realizadores.

Encerrando o ágapê, o Sr. Gal. Otávio Achê, comandante da Guarda Nacional de Santos, levantou um brinde em honra ao Exmo. Sr. Presidente da República.

Sociedade Comercial de Tecidos

**ARGUI SO LTDA.**

FORNECEDORES DA FÔRÇA PÚBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144 — Caixa Postal, 4062

Fone 6-2397 — End. Teleg. "ARGUI SO" — SÃO PAULO

### ○ cômulo da delicadeza

Conversa havida depois de uma conferência:

- Que tal, gostou da conferência ?
- Não, mas gostei do crador, que foi muito delicado: — saiu na pontinha dos pés para não acordar a assistência...

# educação física e **DESPORTOS**



## **BOLA AO CESTO** — **Campeonato interno**

Temos a registrar, neste número, mais uma realização da E.E.F., no setor desportivo da Fôrça.

Assim é que, sob os auspícios da D.G.I., se realizou, entre 24 de maio e 7 de junho findo, o campeonato de bola ao cesto, recentemente instituído no círculo de oficiais.

Nada mais convincente das possibilidades da Corporação nessa especialidade, do que o auspicioso resultado obtido.

Foi um transcorrer de interesse e de coragem que empolgou. Todos os elementos se empenharam a fundo, dando tudo de si, físico e moral.

Tratando-se de um torneio experimental, levado a efeito sem maiores preparativos técnicos, nem por isso deixou de ser maravilhoso o seu resultado. E foi tão bom que superou as expectativas.

Indecisos e desaprumados, de início, os quadros se enrijavam e se coordenavam, à medida que o torneio se desenrolava.

Tal foi o índice técnico de todos os quadros nos últimos embates, que surgiu uma falha: impunha-se a realização de um segundo turno. Destarte o que pareceu à direção do torneio, de início, uma necessidade, re-

sultou afinal uma falha que, como paradoxo, foi a aprovação da experiência tentada.

Estão, pois, a D.G.I. e a E.E.F. devidamente capacitadas a incluir no calendário, talvez ainda do ano em curso, um campeonato de bola ao cesto, nos moldes gerais dos torneios dessa modalidade desportiva.

A abertura da competição se verificou no ginásio da Rua Jorge de Miranda, com formatura e apresentação das equipes ao Exmo. Sr. Cel. Cmt. Geral, que presidiu a solenidade, acompanhando com interesse, o "torneio início" e no qual conseguiu o título de campeão a equipe de Regimento de Cavalaria, secundado pela do C.I.M..

As rodadas do campeonato se desenrolaram pelo sistema de "poule" sendo o resultado final o seguinte:

1.º lugar — R.C. — campeão invicto;

2.º lugar — C.B.;

3.º lugar — C.I.M.; e

4.º lugar — Q.G., B.G. e 2.º B.C. — empatados.

E' digno que se mencionem alguns nomes que bem poderiam ser cogitados para constituírem a seleção de bola ao cesto, na Fôrça: tens. Pisani,

Alcides, Nogueira, Pereira, Paulo Afonso, Coveli, Ulysses, Montemor, Pais Leme, Corrêa, Geraldo, Bráulio e Clovis.

"Militia" se congratula com todos

os elementos que abrilhantaram mais esta realização do desporto na Fôrça e mui especialmente com a equipe do R.C., campeã invicta do campeonato.

## "Corrida da Fogueira"

Conforme vem acontecendo, seguidamente, há vários anos, a equipe representativa de corredores da Fôrça Pública, àquela tradicional prova pedestre que se realiza anualmente no Rio de Janeiro, acaba de sagrar-se vencedora.

Descrever o que tem sido o esforço dispendido para a conquista de tão significativas vitórias, seria pormenorizar as dificuldades vencidas unicamente com o sacrifício, abnegação e entusiasmo de um punhado de humildes soldados, verdadeiros apóstolos da educação física. Como sabemos, não possuímos, o que é lamentável, equipes para esta ou aquela modalidade desportiva. E no entanto, a todo o instante nós nos encontramos às voltas para selecionar, à última hora, elementos para as nossas representações dentro ou fora do Estado. A "Corrida de S. Silvestre" tem sido exemplo claro desta afirmação. A "Preparação Olímpica", há pouco realizada entre nós, e para a qual fomos obrigados a selecionar os nossos pentatletas com 13 dias apenas de antecedência, é outro exemplo dessa falha existente. E com a "Corrida da Fogueira" os fatos não diferem muito... Felizmente, podemos hoje transcrever, orgulhosos, os resultados obtidos com apenas 8 elementos que

constituíram a nossa equipe, entre as muitas centenas de competidores.

São eles:

Sd. Joaquim Gonçalves . . . 2.º lugar  
Sd. Floriano Cordeiro . . . . 4.º lugar  
Cb. Lino Rosa Gaia . . . . 7.º lugar  
Sd. Benedito R. Andrade 12.º lugar  
Sd. Paulo Sebastião . . . 22.º lugar  
Sd. Manoel de A. Lima 36.º lugar  
Ansp. Bento Ramos . . . . 64.º lugar  
Sd. Jacinto Veras Neto 125.º lugar

### Classificação por equipes

1.º lugar — Fôrça Pública de S. Paulo, com 47 pontos perdidos (8 corredores).

2.º lugar — Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, com 538 pontos perdidos (30 corredores).

E' detentora da taça "Fôrças Auxiliares e Militares", em geral, a Fôrça Pública de S. Paulo.

Ao transcrevermos êste auspicioso acontecimento, não podemos deixar aqui de apresentar as nossas felicitações ao 1.º tenente Mário Gonçalves Teixeira Filho, da E.E.F., e sgt. Diomedes, pelo apreciável trabalho desenvolvido na preparação da equipe, embora rapidamente, em virtude da escassez de tempo, o que vem, por isso mesmo, aumentar os seus méritos profissionais, e pela maneira ainda com que souberam agir du-

rante a estada na Capital Federal, no sentido de proporcionar aos nossos atletas um conforto compatível com o esforço que vinham dispendendo.

A todos os componentes da equipe, nossos efusivos cumprimentos, por tão brilhante feito.

Esperamos, de futuro, que a nossa E.E.F. procure, por intermédio da D.G.I., solucionar o problema dos atletas em nossa Corporação, para que possamos nos apresentar sempre e em ótimas condições físicas, nas inúmeras e diferentes competições desportivas que se realizam anualmente no país.

— : : —  
Flagrante da transposição da última fogueira, no fim do percurso, pelo soldado Floriano, da Escola de Educação Física da Fôrça Pública.



## Campeonato de Tiro da Fôrça

Com grande entusiasmo foram realizadas no estande do Barro Branco, no período de 1.º a 8 de junho, as provas do Campeonato Geral de Tiro da Fôrça Pública.

Foram os seguintes os resultados gerais: —

1.ª Prova — *Revólver ou Pistola para oficiais a 30 metros.* Alvo internacional de 10 zonas. 30 tiros. De pé arma livre:—

— 1.º lugar — 242 pontos — cap. José Tenório Quirino dos Santos, do C.I.M. (Capital);

— 2.º lugar — 240 pontos — 1.º

ten. Renato Ourique de Carvalho, do 3.º B.C. (Ribeirão Preto);

— 3.º lugar — 239 pontos — 1.º ten. Nelson Simões Scheffer de Oliveira, da 1.ª C.I. (Capital).

2.ª Prova — *F.O. ou Mosquetão para oficiais a 150 metros.* Alvo de 10 zonas. 10 tiros em cada uma das posições de pé, ajoelhado e deitado:—

— 1.º lugar — 255 pontos — 1.º ten. Sadoc Chaves Simas, do 8.º B.C. (Campinas);

— 2.º lugar — 247 pontos — ten. cel. Otoniel Eugênio Aranha, do 5.º B.C. (Taubaté);

— 3.º lugar — 233 pontos — 2.º ten. Miguel Melchiades Sendim, do C.I.M. (Capital).

3.ª Prova — F.O. ou Mosquetão para subtenentes e sargentos, a 200 metros. Alvo de 12 zonas. 10 tiros em cada uma das posições de pé, ajoelhado e deitado: —

— 1.º lugar — 251 pontos — 2.º sgt. Euclides Tubero, do 3.º B.C. (Ribeirão Preto);

— 2.º lugar — 246 pontos — subten. Agenor dos Santos Silva, do 7.º B.C. (Sorocaba);

— 3.º lugar — 243 pontos — 2.º sgt. Cherubim de Lima Franco, do 5.º B.C. (Taubaté).

4.ª Prova — F.O. ou Mosquetão para cabos e soldados a 200 metros. Alvo de 12 zonas. 10 tiros em cada uma das posições de pé, ajoelhado e deitado: —

— 1.º lugar — 251 pontos — sd. João Romão Sobrinho, do 5.º B.C. (Taubaté);

— 2.º lugar — 249 pontos — cabo José Feliciano Arouca, do 5.º B.C. (Taubaté);

— 3.º lugar — 235 pontos — sd. José Antidio, do B.G. (Capital).

Nas diversas provas foram vencedoras as seguintes unidades: —

— 1.ª prova — Q.G., com 680 pontos;

— 2.ª prova — 8.º B.C., com 657 pontos;

— 3.ª prova — 7.º B.C., com 696 pontos; e

— 4.ª prova — 5.º B.C., com 728 pontos.

Segundos lugares por equipe: —

— 1.ª prova — 8.º B.C., com 653 pontos;

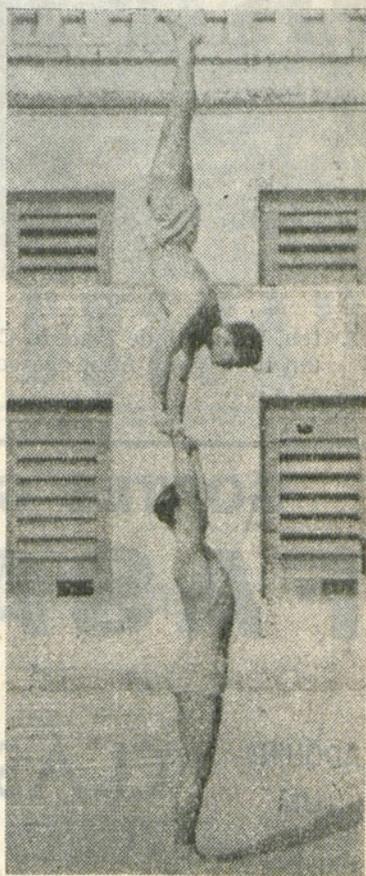
— 2.ª prova — E.E.F., com 639 pontos;

— 3.ª prova — 3.º B.C., com 680 pontos; e

— 4.ª prova — 7.º B.C., com 653 pontos.

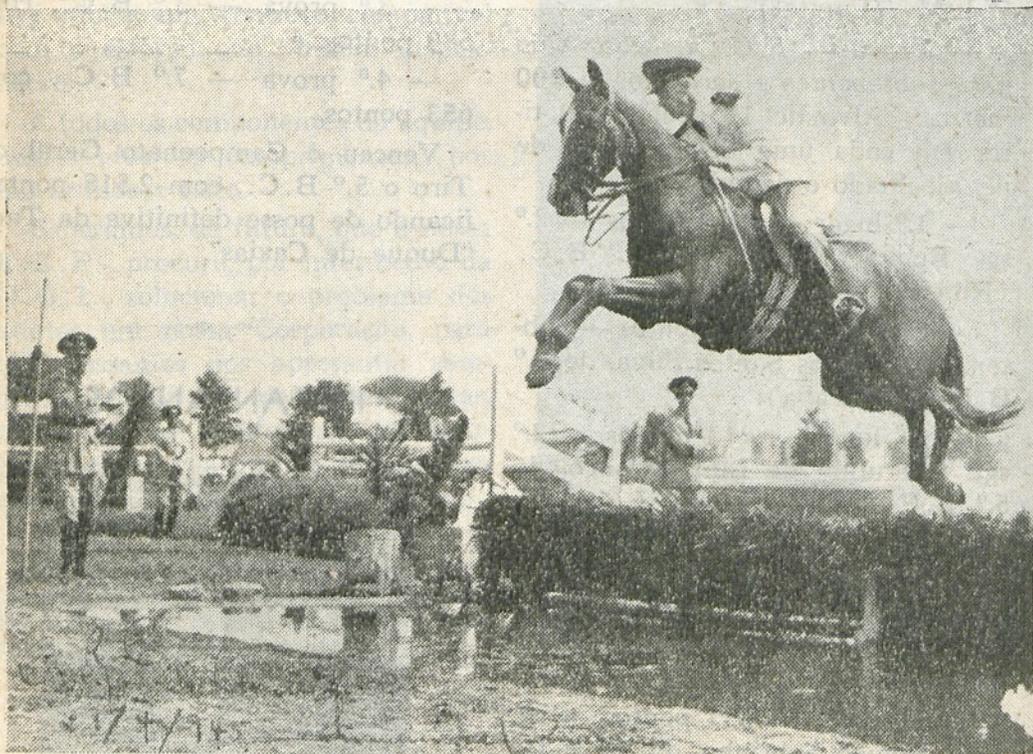
Venceu o Campeonato Geral de Tiro o 5.º B.C., com 2.518 pontos, ficando de posse definitiva da Taça “Duque de Caxias”.

## INSTANTÂNEOS



Sgts. Plínio e Miranda numa difícil demonstração de ginástica de solo

# INSTANTANEO



1.º ten. Maurício de Macedo Cardoso, do R.C., montando Quaraim, executa um lindo salto num dos concursos realizados no Campo do Canindé.

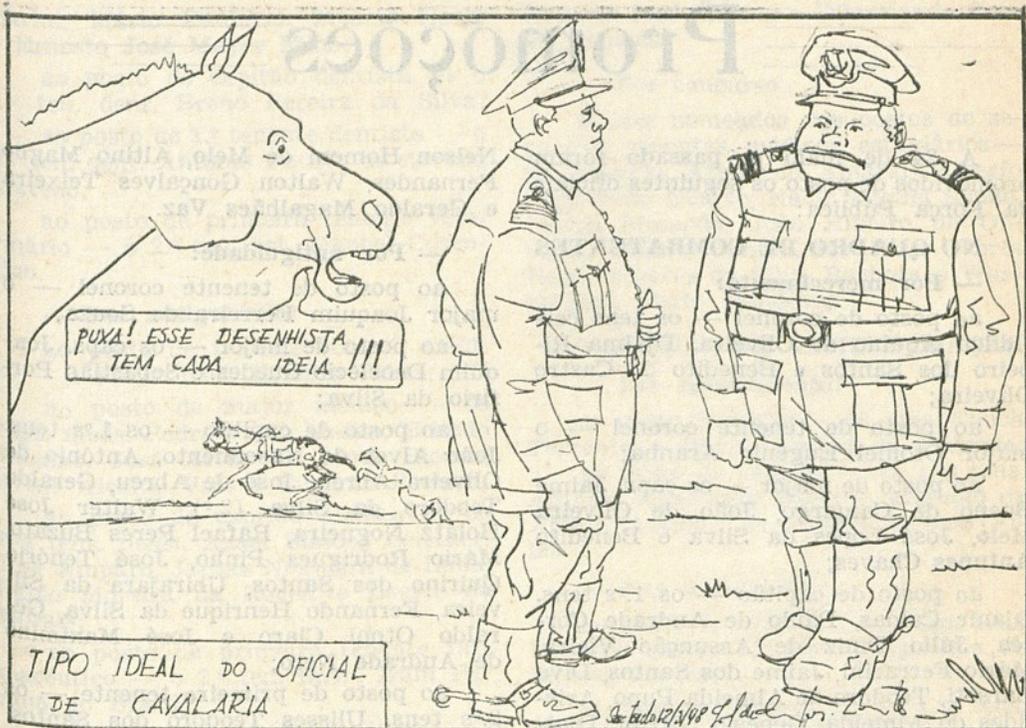
**SORTES GRANDES!!!**

# FASANELLO

**E... NADA MAIS**

ADQUIRA UM **"CLÁSSICO"** E FAÇA A SUA INDEPENDÊNCIA

DIREITA, 52 — CAIXA, 3088 — SÃO PAULO



TIPO IDEAL DO OFICIAL  
DE CAVALARIA

# “CASA LOTERICA”

a mais antiga no ramo

Rua 15 de Novembro 59

# Promoções

A 24 de maio p. passado foram promovidos de posto os seguintes oficiais da Força Pública:

## NO QUADRO DE COMBATENTES

### — Por merecimento:

ao posto de coronel — os tens ceis Odilon Aquino de Oliveira, Djalma Ribeiro dos Santos e Benedito de Castro Oliveira;

ao posto de tenente coronel — o major Otoniel Eugênio Aranha;

ao posto de major — os caps. Jaime Bueno de Camargo, João de Oliveira Melo, José Lopes da Silva e Benedito Antunes Chaves;

ao posto de capitão — os 1.ºs tens. Djanir Caldas, Paulo de Andrade Corrêa, Júlio Diniz de Assunção Vieira, Mário Ferrarini, Jaime dos Santos, Divo Barsoti, Teodoro de Almeida Pupo, Aristides de Almeida, Genésio Nitrini, Djalma Ramos Arantes, Nicanor Cesar Pinto, Hugo de Almeida Portela e José de Oliveira Orlandi Filho;

ao posto de primeiro tenente — os 2.ºs tens. José Gomes, Maximiano Lessa Salgado, Luiz Nóbrega e Silva, Dirceu de Carvalho Bruno, Juventino Borges Teodoro Nicolau Salgado, Francisco Guedes de Lacerda, Yolando Prado, Fernando Caldas Carneiro da Silva, Vasco Mil Homens Arantes, Wilson Alves de Andrade, Nelson Simões Scheffer de Oliveira, Renato Ourique de Carvalho, Francisco Antônio Bianco Junior, Roberto Mondino, Alcides Teodoro dos Santos e Benedito Lagonegro.

### — Por estudos:

ao posto de segundo tenente — os asps. Mário Rodrigues Monte Mor, Carolino Xavier de Oliveira, Aldo Campanhã, Orlando Secco, Waldomiro Portes, Geraldo Andrade Corrêa, Jalmar de Carvalho Costa, Franklin Plesmann, Wilson Rodrigues de Albuquerque, Waldemar Nogueira, Jorge Paes Leme, Adriano Augusto Machado, José Afonso Adriano, Augusto dos Santos Cordeiro, José Ribeiro de Godoi, Flávio Capeleti,

Nelson Homem de Melo, Altino Magno Fernandes, Walton Gonçalves Teixeira e Geraldo Magalhães Vaz.

### — Por antiguidade:

ao posto de tenente coronel — o major Joaquim Ferreira de Souza;

ao posto de major — os caps. Joaquim Deoclécio Guedes e Sebastião Porfírio da Silva;

ao posto de capitão — os 1.ºs tens. João Alves do Nascimento, Antônio de Oliveira Abreu, José de Abreu, Geraldo Teodoro da Silva (2.º), Walter José Holatz Nogueira, Rafael Peres Buzato, Mário Rodrigues Pinho, José Tenório Quirino dos Santos, Ubirajara da Silveira, Fernando Henrique da Silva, Geraldo Otoni Claro e José Maximino de Andrade Neto;

ao posto de primeiro tenente — os 2.ºs tens. Ulisses Teodoro dos Santos, Geraldo de Lima Penido, José Emeril Carneiro, Felix de Barros Morgado, Alfredo Marcheti, Antônio Sampáio, Paulo Monte Serrat Filho, Maurício de Macedo Cardoso, Artur Gelba Zapater, José Galvão Nogueira, Air Ribeiro de Carvalho, Coriolano Cesar de Almeida, Sadoc Chaves Simas, Ari Prado Marcondes, Mário Wanderley de Oliveira Pimentel e Tito Carvalho de Melo.

## NO QUADRO DE SAUDE

### — Por merecimento:

ao posto de coronel médico — o ten. cel. med. Vital Vaz;

ao posto de tenente coronel médico — o major med. José Geraldo Pereira de Campos Vergueiro;

ao posto de major médico — os caps. meds. Gastão Menezes de Novais, José Torres de Rezende, Walfrido Trevisan, Geraldo Ribeiro, Lauro Torres de Rezende, Alvaro Alves dos Anjos, Antônio Eugênio Longo, Mário Brasil Cococci e Henrique Otávio Véspoli;

ao posto de capitão médico — os 1.ºs tens. meds. Marco Aurélio Cidade, Jeferson Santos Martins Costa, Orestes

Barini, Mário Paulucci, Moacir Hoelz e Ernesto José Mayer Filho;

ao posto de capitão dentista — o 1.º ten. dent. Breno Pereira da Silva;

ao posto de 1.º tenente dentista — o 2.º ten. dent. Antônio Fausto de Arruda Macedo;

ao posto de primeiro tenente veterinário — o 2.º ten. vet. Manoel Cosentino.

— Por antiguidade:

ao posto de tenente coronel médico — o major med. Estelita Ribas;

ao posto de major médico — os caps. meds. Pedro Paulo Mesko, Erlindo Salzano, José Artur da Mota Bicudo, Artur Alcaide Vals e Eugênio Bochini;

ao posto de capitão médico — os 1.ºs tens. meds. Azael Simões Leistner, José Amparo, Jarbas Nogueira de Lima, Fábio Moreira da Rocha e Laerte de Moraes;

ao posto de primeiro tenente farmacêutico — o 2.º ten. farm. Iraní Paraná do Brasil;

ao posto de capitão dentista — o 1.º ten. dent. Aparício Máximo de Carvalho;

ao posto de primeiro tenente dentista — os 2.ºs tens. dents. Adhemar de Oliveira Barbosa e Osvaldo de Almeida Vitor Rodrigues.

— Por conclusão de estágio

ao posto de primeiro tenente médico — os 2.ºs tens. meds. estg. Silvio

Ernesto José Marino e Dilermando Coelho Brisola.

— Por concurso

Foram nomeados nos postos de segundos tenentes médicos estagiários — os doutores Athos do Amaral, Alberto Figueiredo Duarte, Nacib Miguel Simão, Odilon Mamede, João Ribeiro de Oliveira, Cássio Gomes dos Reis, Flerts Nebó, Alberto da Silva Barbosa e Washington Porto Sandoval.

**NO QUADRO DE ADMINISTRAÇÃO**

— Por merecimento:

ao posto de major — os caps. Enoch Torrentes e Mário Lameira da Andrade;

ao posto de capitão — os 1.ºs tens. Antônio Agostinho Bezerra, Augusto de Abreu, Antônio da Paixão Branco Filho.

— Por antiguidade:

ao posto de major — os caps. Luiz Teixeira Ribeiro Soares e Aparício de Barros Messias;

ao posto de capitão — os 1.ºs tens. Aldo Ribeiro da Luz e José Arimatéa do Nascimento.

**NO QUADRO DE ESPECIALISTAS**

Foi efetivado no posto de segundo tenente mestre de obras, por conclusão de estágio, o 2.º ten. mestre de obras Domingos de Andrade.

Foi nomeado no posto de segundo tenente instrutor de bombas e motores, estagiário, o subten. Xavier Ferreira.

**CIGARROS**

**MISTURA FINA**

**EXTRA SUAVES**

**Cr. \$ 250**

## Reunião de Confraternização

Os oficiais ultimamente elevados de posto reuniram-se, dia 11 de junho, na sede do Clube Militar, num beberete de confraternização.

Além dos néo-promovidos e seus familiares, estiveram presentes a primeira dama paulista Dna. Leonor Mendes de Barros, cap. Benedito Elpídio Hidalgo, representante do senhor Governador do Estado, Dr. Adhemar de Barros, cap. José Moreira Cardoso, representante do senhor Secretário da Segurança Pública, Cmt. Nelson de Aquino, Comandante Geral Coronel Eleuterio Brum Ferlich e senhora, Coronéis Juizes José Anchieta Torres e Coriolano de Almeida Júnior,

Coronéis Oscar de Melo Gaia, Odilon Aquino de Oliveira, Djalma Ribeiro dos Santos, Benedito de Castro Oliveira, Tenentes Coronéis José Hipólito Trigueirinho, Joaquim Ferreira de Souza, Dr. Jorge Cardoso Americano, Thales Prado Marcondes, Majores Dr. Mário Brasil Cococi, Luiz Teixeira Ribeiro Soares e outros oficiais superiores e autoridades civis cujos nomes nos escaparam.

No transcorrer dessa reunião verdadeiramente fraternal, fizeram uso da palavra o Cel. Dr. Vital Vaz, membro da comissão organizadora e o senhor Comandante Geral da Fôrça, que naquela oportunidade se congratulou com os oficiais promovidos.

## Senhores Militares

**J. VILLEGA** lhes oferece fogões elétricos «MIPA» e a gás, óleo ou carvão «DEX», rádios de diversas marcas, todos de alta classe, aos mais acessíveis preços, à vista ou em suaves prestações mensais; outros artigos elétricos de uso doméstico, material elétrico em geral, brinquedos, etc..

Acompanhem suas espôsas em uma visita sem compromisso a

**J. VILLEGA**

INDÚSTRIA E COMÉRCIO "PÉROLA"

Rua Voluntários da Pátria, 2317 (em frente a Olavo Egídio)  
Santana S. PAULO

# Revista Feminina

MARIA LÚCIA

## CONVALESCENDO

Qual o motivo desta má impressão que geralmente nos causa, à vista de um doente, seja êle homem ou mulher?

Sem mencionar, naturalmente, os sinais que a doença causou, certos detalhes no quarto e no próprio enfermo ferem, imediatamente, nosso olhar.

São livros e revistas espalhados pela cama, copos e vidros de remédios, misturados com talco, perfumes, etc.. E' a cama em desalinho e o próprio desalinho do doente.

Com o auxílio de uma bacia com água morna, uma toalha de banho e uma toalha pequena, podemos improvisar um banho rápido, que trará enorme bem-estar. Uma fricção de água de colônia e um talco perfumado completarão este eficiente toilete.

Se os cabelos da paciente forem longos, os cuidados devem ser tomados logo de início, trançando-os; será muito mais fácil escová-los, pois o pente não é indicado devido à sensibilidade na cabeça. Se forem curtos, umas escovas-delas diárias resolverão o problema.

Os objetivos necessários devem ser distribuídos numa mesinha ao lado da cama: remédios, bem separados de bolachas, frutas, etc..

Uma cama limpinha, lençóis esticados, bons travesseiros sob a cabeça ou costas do doente, num quarto arejado, e adeus má impressão às suas visitas.

## CULINARIA

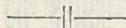
### Abobrinha Recheada

Tira-se a tampa e o miolo da abobrinha e faz-se um recheio com miolo de pão molhado no leite, misturado com cebola, alho e cheiros verdes; junta-se um ovo batido.

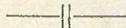
Recheia-se a abobrinha, tampa-se e refoga-se em azeite numa panela tampada.

### Pimentões Recheados

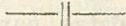
Faz-se como na abobrinha, porém, recheia-se com picadinho de carne; depois refoga-se em azeite, numa panela tampada.



O PINHAO é indicado no tratamento de doenças pulmonares e no fortalecimento do cérebro.



O AMENDOIM tem efeito curativo nas moléstias dos intestinos e fígado.



AS AVELAS são estimadas para os nervos e para o cérebro.

## COMBATENDO AS MANCHAS

Em primeiro lugar, devemos considerar a qualidade do tecido manchado; a seguir, a origem da mancha; depois então o processo a empregar.

A paciência, em se tratando de manchas, é essencial; não se deve esperar resultado total logo de início.

Na lã, o emprêgo da soda é contraproducente, assim como na seda o é o ácido.

As feias marcas de transpiração, principalmente nas golas dos casacos, saem com facilidade, esfregando-se com um pano embebido em vinagre branco.

Geralmente o espaldar e os braços das cadeiras escurece devido ao contato da cabeça e das mãos.

Quando se tratar de fazenda, deve-se empregar benzina ou gasolina.

Nos banheiros aparecem manchas devido ao constante pingar da torneira; com água e pedra-pomes em pó, faz-se uma pasta com a qual se esfrega o local.

### SAÚDE E BELEZA

Existem na mulher, três pontos fracos, geralmente relegados ao segundo plano, trazendo este desleixo desagradáveis conseqüências.

O primeiro é a situada sob os olhos; depois de uma certa idade, de noites mal dormidas ou de distúrbios internos, começam a aparecer as temidas "bolsas".

O segundo é também próximo aos olhos, porém, dos lados, onde se formam os "pés de galinha".

O terceiro é o colo junto ao decote (tão exagerado hoje em dia). O relaxamento dos tecidos dão lugar às rugas, que nenhuma "maquillage" desfaz.

O aparecimento dessas imperfeições dão um aspecto cansado e envelhecido à mais bela mulher.

Nos três casos o remédio mais indicado é a massagem. Esta deve ser feita com um bom creme ou loção, com muita delicadeza.

A perseverança trará os resultados tão almejados.

## Programa de bailes no Clube Militar

Da Comissão de Festas do Clube Militar recebemos o comunicado abaixo transcrito:

"A Diretoria do Clube Militar, desejando incentivar as reuniões dançantes nos salões da sede social, designou as seguintes datas para a realização de bailes:—

### Em 1948

Julho, dias 10 e 24, sábados, das 22 às 4 horas.

Agosto, dias 7 e 21, sábados, das 22 às 4 horas.

Setembro, dias 4 e 25, sábados, das 22 às 4 horas.

Outubro, dias 9 a 23, sábados, das 20 às 2 horas.

Novembro, dias 6 a 27, sábados, das 20 às 2 horas.

Dezembro, dia 14, sábado, das 20 às 2 horas.

### Em 1949

Janeiro, dias 1 e 22, sábados, das 20 às 2 horas.

Os convites poderão ser procurados na sede do Clube no transcorrer da se-

mana do baile ou com os membros da Comissão de Festas, Cap. Antônio Agostinho Bezerra, no S.I.; 1.º Ten. Olívio Franco Marcondes, no S.M.B.; 1.º Ten. Luiz Nóbrega e Silva, no C.I.M. e 2.º Ten. Aurélio Pedrazoli, no B.P..

Estão sendo realizados ensaios de danças às 3.ªs e 5.ªs feiras, das 20 às 22 horas."



O lindo menino João Antônio, filho do nosso auxiliar sgt. Miguel Rodrigues, que a 8 de Agosto p. futuro completará 6 anos de idade.

FOGÃO ELÉTRICO

# MIPA

*POUPA TEMPO  
TRABALHO  
E DINHEIRO*

DE TEMPERATURA GRADUADA



Modelo  
**BANDEIRANTE**  
Super-luxo

- ◆ Chapa de aquecimento de 39x43 cms. com 3 temperaturas.
- ◆ Chaves americanas para graduação de temperatura.
- ◆ Disco de aquecimento rápido para frituras, café, etc. c/19 cms. de diâmetro.
- ◆ Banho-maria.
- ◆ Relógio de tempo para controle de ferveras ou assados.
- ◆ Amplo forno com sistema de ar circulante, porta de vidro "Pirex" e iluminação controlada.
- ◆ Estufa para conservação dos alimentos com aproveitamento do calor do forno.
- ◆ Dois armários laterais para guardar utensílios de cozinha, etc.
- ◆ Interruptor de corrente para ligar o forno ou disco (para lugares onde a calefação é fornecida c/ taxa fixa).



A experiência o indica: quaisquer que sejam suas necessidades, há sempre um modelo de fogão elétrico "MIPA" para resolvê-las  *muito bem!* E todos os modelos "MIPA" estão a seu dispor em nossa seção especializada. Dê-nos o prazer de sua visita! Demonstrações sem compromisso.

Vendas pelo Plano Suave

## Isnard & C

Uma organização centenária

R. 24 DE MAIO, 70/90 ★ TEL. 4-8191 (Ramos)  
FILIAL: R. SEBASTIÃO PEREIRA, 252 - TEL. 51-8880

# MEU BILHETE

...sem dúvida que o elogiaria pelo artigo de Milítia.

De sabor agradável, atraente e suave, fruto de uma inteligência clara e evolutiva, nestes tempos em que o marasmo do comodismo tudo invade, fixando suas idéias nos conceitos básicos emitidos pelos construtores e guias da mentalidade universal, a par de uma literatura precisa, o artigo nos pincela o quadro vivo destes dois últimos séculos, em que mais se acentuam as lutas sociais, em que mais o mundo procura garantir a liberdade dos "direitos do homem" e por isso muito sangra.

Esses dógmas intangíveis do homem, que foram incorporados à civilização ocidental e são provenientes da Revolução Francesa, oriunda de um confuso mal-estar em que toda gente se sentia arrastada pela miragem da liberdade e pregava a necessidade de reforma no govêrno.

Mas, cheguei ao final...

Não o posso mais: tornei-me suspeito.

Introverti-me e me pus a cismar:

— Que fiz eu? Algô de que se aproveite nossa Fôrça Pública? Algo que se enquadre no grande conjunto das necessidades humanas?

— Não! Isso já é exagêro. Não

1º Ten. *Oswaldo Feliciano dos Santos*

há motivo para comparações tão profundas, pensei logo.

Deduzi, então, que por certo sentimentos afetivos se aproveitaram da oportunidade para dar largas aos a-cordes e se extravasarem em conceitos que não são os que por justiça nos caibam.

Não sei!... Prefiro respeitar a opinião alheia e agradecer tão somente a consideração que nos dispensou o Hildebrando em seu artigo que, diga-se de passagem, é um testemunho do elevado índice cultural desse novel oficial.

A Fôrça está de parabens.

O progresso resulta da cooperação e os seus elementos aí estão, por meio dela, procurando realizá-lo.

Critiquemos, pois, à vontade; mostremos aos outros o que achamos pouco razoavel, mas nada façamos sem a consciência de estar praticando um bem, dentro da moral sadia da razão. Apenas na crítica construtiva nos devemos empenhar, não na que destrói.

Só desta forma garantiremos a solidificação do pedestal de honra, dignidade e respeito em que se assenta a nossa querida Fôrça Pública, pelos seus homens e pelo passado de glória.

## EXPLICANDO

- Diga-me uma coisa: o que é "diplomático" ?
- Diplomático é o sujeito que lembra o dia do aniversário do comandante e se esquece de assinar na lista do presente.

# ENCONTRO COM O INIMIGO



São Paulo 6/3/48  
for. de L. S. L. M. T. S.

# Assembléia Geral dos Centro Social dos Sargentos

## ASSUNÇÃO DE NOVA DIRETORIA

Com a presença de inúmeros associados realizou-se em data de 4 de agosto, na séde do Centro Social dos Sargentos da Fôrça Pública, uma Assembléia Geral Extraordinária que teve na presidência de honra o representante do Exmo. Sr. Cel. Comandante Geral, 1.º Ten. Arí José de Menezes

Precisamente às 14 horas foi, pelo presidente em exercício, Sargento José Benedito de Oliveira Ramos, dado início aos trabalhos, tendo sido nessa ocasião ventilados e debatidos assuntos da mais alta relevância para os destinos da Associação.

Durante a sessão o Sargento Ramos espontaneamente renunciou ao cargo de Presidente sendo nesse seu gesto acompanhado pelos demais membros da Diretoria.

A Assembléia, depois de aceitar o pedido de renúncia formulado pelos Diretores, deliberou eleger imediatamente novo Presidente para dirigir a Sociedade.

Assim, foi escolhido, por aclamação unânime, para o cargo de Presidente, o Sub-Tenente JOSE' CERCHIAI e, por sua indicação e aprovação da Assembléia foram também eleitos os demais diretores, ficando a DIRETORIA aclamada, que tem o caráter de PROVISÓRIA, assim constituída:

Presidente - Sub-Tenente José Cerchiai

Vice-Presidente - 2.º Sgt. Euclides Cordeiro Vaz

Secretário Geral - Sub-Tenente Reynaldo Lopes

1.º Secretário - 2.º Sgt. Ary Ferreira Leite

2.º Secretário - 2.º Sgt. Antônio Aliende

Tesoureiro-Geral - 1.º Sgt. Braz de Brito

1.º Tesoureiro - Sub-Tenente Guilherme de Araujo

2.º Tesoureiro - 1.º Sgt. Waldir Vasconcelos

1.º Bibliotecário - 3.º Sgt. Sebastião Antônio B. Godói

2.º Bibliotecário - Sub-Tenente Neumar Nery.

O CONSELHO FISCAL ficou assim constituído

Presidente - 1.º Sgt. Ananias Carneiro de Oliveira

Relator - Sub-Tenente Francisco de Paula Santos Neto

Vogal - Sub-Tenente Genésio Marques Vilela.

Depois de solucionadas todas as questões propostas, o Sr. Presidente de Honra deu por encerrados os trabalhos, que decorreram sempre em meio do maior entusiasmo e harmonia.

# Respostas de "Eléctron"

## SNR. CURIOSO

*Pergunta:* — Como os elétrons se libertam do cátodo?

*Resposta:* — De acôrdo com a teoria cinética, o calor existente nos corpos dá aos átomos e moléculas dos mesmos, um rápido movimento vibracional, movimento êste que poderá ser aumentado com o aumento sucessivo do calor cedido a êsses corpos.

Os constantes acréscimos de calor provocam correspondentes acréscimos de energia cinética, a qual aumentando a velocidade dos elétrons livres e a amplitude de seus movimentos, vence as forças retentivas do corpo emissor, lançando-os no espaço.

A medida que o cátodo perde elétrons, vai tornando-se elêtricamente positivo, pela carência dos mesmos, que são cargas infinitesimais de electricidade negativa. Com o desprendimento dêsses corpúsculos, verifica-se um fenômeno interessante: o cátodo, agora em estado de desequilíbrio passa a exercer sobre êsses elétrons uma força de atração, a qual vencendo a energia cinética de que estão os mesmos dotados, os impele a se reincorporarem em seu lugar de origem. Verifica-se, então, uma constante permuta de elétrons, dando-nos êsses movimentos de viavém, a idéia de uma perfeita nuvem eletrônica ao redor do cátodo.

Se colocarmos agora, nas proximidades dessa fonte emissora um ânodo dotado de alto potencial electros-tático, êsses micro-projetis abandonam o cátodo e se dirigem ao refe-

rido ângulo, num verdadeiro bombardeamento eletrônico.

O número dêsses elétrons emitidos por segundo e por unidade de área emissora é função de sua natureza e principalmente da temperatura a que está submetido. Assim se explica resumidamente, a emissão termoiônica no interior das válvulas de rádio.

— : —

## SNR. CANINDE': —

*Perguntas* — Possui um receptor de 5 válvulas e deseja adaptar um tocador de discos.

*Resposta:* — Fez bem em mandar a relação das válvulas. O tocador de discos possui uma tomada de corrente para dar, através do motor, o movimento de rotação ao prato. O outro fio, que possui a capa de metal o senhor ligue: — a capa de metal no chassis do rádio; a outra ponta que sai do interior dessa capa, ligue no tope da válvula 6 Q 7. Com o botão que possui o toca-disco, junto ao prato, o Sr. ligará o motor e controlará o volume. Para evitar que ouça também alguma estação emissora, coloque o ponteiro em um dos extremos do mostrador.

— : —

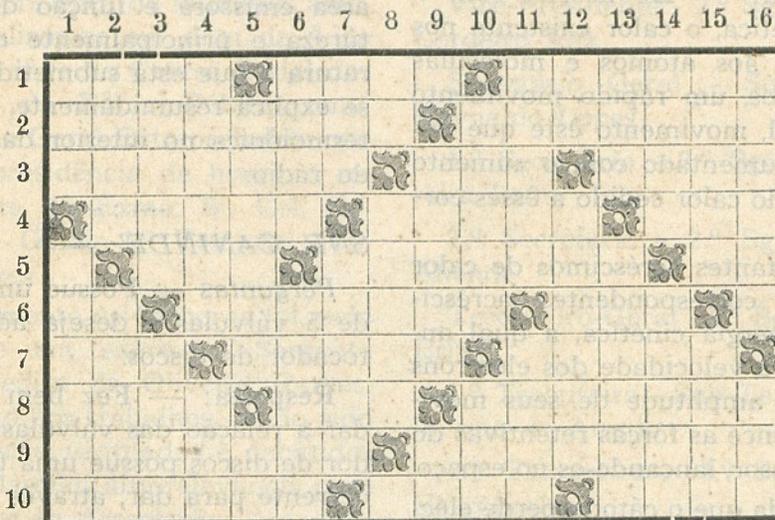
## SNR. FUTURO P. Y.

A portaria a que se refere é de n.º 19, de 14 de janeiro de 1948, do Ministério da Viação e Obras Públicas, que regula a prática de rádio-amadorismo no Território Nacional. O número 234 da revista "ANTE-NA" publicou em fevereiro do corrente ano, citada portaria.

# PALAVRAS



# CRUZADAS



## HORIZONTAIS

- 1 — Proa  
Animal  
Cidade paulista
- 2 — Pitoresco  
Brilha
- 3 — Pé de verso  
Cabilda de mouros  
Fadiga
- 4 — Pão de milho  
Abundante de iguarias  
Bebida das Índias Orientais
- 5 — Contração  
Grandioso  
Soberano da raça de gigantes
- 6 — Rio da Inglaterra  
Saco de matolotagem  
Íntima
- 7 — Rio de Inglaterra  
Nome de mulher  
Planta hortense

## VERTICAIS

- Homem mui valente  
Nascimento
- Rei de Israel  
Milho pilado grosso, que não passa na peneira.  
Filósofo inglês (1561)  
Pampa
- Gênero de moluscos (plural)  
Floresta (em russo)
- Estados Unidos da Am. do Norte  
Cidade da Costa do Ouro
- Cara  
Tablado
- Fútil  
Saco para transporte de farinha

8 — De bronze	Uma das ilhas Cícladas
Feixe	Peixe
Salto	
9 — Rei da Síria	Tabela
Modulação da voz (plural)	Serra de Portugal
10 — Alvorogo	Centelha
Portuguesa	Indígenas do Brasil
Doce comum no Oriente	
11 —	Animal
	Liceu
12 —	Povoação de Portugal
	Homicídio
12 —	Cidade brasileira
	Correção
14 —	Pressa
	Guia
15 —	Membrana
	Montanha da Ilha de Ceilão
16 —	Pessoa vesga
	Rei de Judá.

NOTA: — Dicionários usados: — Simões da Fonseca e A. M. de Souza.

## PROBLEMA "FORTALEZA"

### SOLUÇÃO

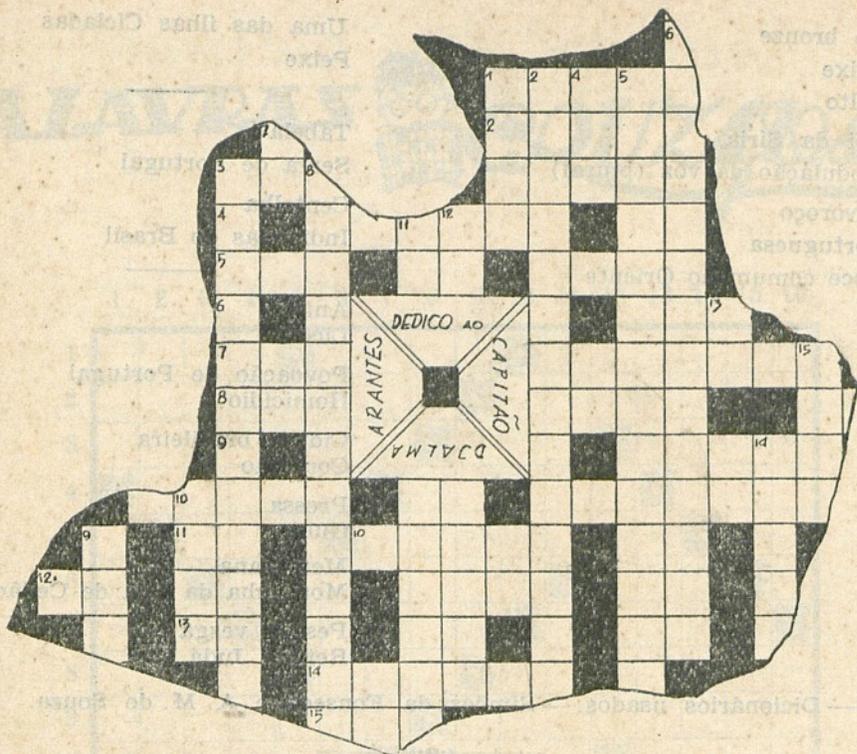
**Horizontais:** — 1 - soldado. 7 - ogó. 8 - cós. 9 - tia. 11 - ir. 12 - lê. 13 - coa. 15 - ema. 17 - mês. 19 - unânime. **Verticais:** — 1 - solidéu. 2 - og. 3 - lot. 4 - aca. 5 - dó. 6 - osteose. 10 - icó. 13 - caa. 14 - amã. 16 - mn. 18 - em.

# SILVA, MONTEIRO & CIA.

BARBANTES, FERRAGENS, TINTAS E MATERIAIS PARA  
LIMPEZA E HIGIENE

Rua Paula Souza, 208 - S. 15 e 17  
TELEFONE 4-8633

Caixa Postal, 1318  
SÃO PAULO



Problema "AMAZONAS" — 1.º ten. Venancio T. Quirino dos Santos

**HORIZONTAIS**

- 1 — Planta do Brasil da família das apocináceas.
- 2 — Converter em sôro.
- 3 — Rêde dos índios — Cãozinho do mato.
- 4 — Fruto da tamareira, inv. - Tecido do velo das ovelhas, inv.
- 5 — Abrev. de artigo - Prefixo - Roldama.
- 6 — Rei de Israel.
- 7 — Iguamente - Nome de uma revista
- 8 — Muito, inv. - Peixe do Brasil s/a última - Aférese de até.
- 9 — Espécie de mólho para carne.
- 10 — Bebida feita de mandioca, inv. - Parte do verso - Adquirir.
- 11 — Outra coisa - Aprazível - A.E.
- 12 — Duas vezes - Batráquio que não é freqüente - M.D.
- 13 — Preposição latina - Fluido - O.O.
- 14 — Narrado, sem a última.
- 15 — Rei de Judá, filho de Abia.

**VERTICAIS**

- 1 — A maior das 5 partes do mundo - Espaço do navio, entre o mastro grande e popa, inv.
- 2 — Condado da Inglaterra.
- 3 — Pronunciado instantaneamente.
- 4 — Altar - Amada de Júpiter.
- 5 — Figuras planas de 4 lados paralelos
- 6 — Sólido terminado por 6 paralelogramos.
- 7 — Preposição latina - Cofre arqueado na tampa, encouraçado, sem a 1.ª.
- 8 — O mesmo que "Doutrina em que se faz aplicação das matemáticas à medicina".
- 9 — Língua, da Idade Média no N. de Loire.
- 10 — Artigo plural.
- 11 — Fluido invisível - Estado do Brasil.
- 12 — Pronome - Arame da fivela que une a chameira e fuzilhão ao arco. Inv.
- 13 — Chiton, inv. - Perversa, inv.
- 14 — Aparte do pescoço do boi que forma a base da cabeça.
- 15 — Procura, inv.

# “O crime não compensa”

Palestra radiofônica proferida pelo Dr. Artur Leite de Barros, Delegado de Vigilância e Capturas.

Vai para mais de três lustros que usei escrever despretensioso opúsculo sôbre complexos problemas de ordem policial. O livreco era uma coletânea de artigos publicados em jornais e revistas desta Capital. Tinha o aspecto rebarbativo e intragável de *cocktail* psico-sociológico. Não se esgotou — pêsá-me confessá-lo — a minguada e respectiva edição. Chegou a ser vendido por irrisório preço, como literatura de cordel, nas bancas de gananciosos jornaleiros. Isso, entretanto, nenhuma popularidade lhe deu. Mas, verdade verdade, a crítica, culta e judiciosa, o considerou obra cuidadosa e discreta, digna de figura nas estantes de todos quantos fossem dotados de curiosidade intelectual. Alegre consolo para quem não se entrega, sem mais aquela, ao bovarismo policial e ainda acreditava na sabedoria popular, traduzida nas duas lapidares sentenças: “As idéias são a semente dos atos. Colhê-se o que se semeia”. As idéias estavam semeadas em diversos trechos do meu livro “Cartas anônimas, criados etc.”. Assim, referindo-se à cooperação social na profilaxia do crime, eu me servia destas palavras: “Esta cooperação precisa ser intensificada dentro de cada cidade. E’ necessário educar as massas no sentido policial. Urge despertar a sua malícia contra o furto e o roubo (eu era então Delegado de Investigações sôbre Furtos) num

país onde um bonde é objeto de venda, onde predominam as edificações de sedutora estética e nenhuma segurança, onde os cofres, as mais das vezes, se convertem em meros ornamentos. As notícias policiais e a reprodução de fotografias de indicados nos jornais, não resolvem o problema. As notícias nem sempre narram semelhantes ocorrências, com a devida elevação, e as fotografias, sôbre serem amiúde pouco reconhecíveis, entravam e impedem, uma vez ou outra, a possível regeneração do malandro. Preferível é simultaneamente assoalhar os processos de que êles lançam mão, descrever a respectiva técnica e suas variantes, sem receio de que essa divulgação possa degenerar em meio de corrupção, pois os que dela tirarão proveito honesto, estarão continuamente em maioria. Elísio de Carvalho a preconizou aventando a providência de se distribuir gratuitamente, como faz o Serviço Sanitário, espécies de cartilhas, contendo os preceitos e as diversas modalidades da arte de furtar e roubar. Essa *propaganda contra o crime* será difundida pela imprensa, pelo livro, cartaz, cinema, rádio (notem bem) e por outras vias de vulgarização. Ela se exercitará no lar, na escola, à maneira do que se procede em relação ao ensino de higiene, trabalhos manuais, ginástica, educação cívica, moral, religiosa e outras disciplinas”. Em curta passagem do

pequeno volume, eu me expressava assim: "Como já tivemos ocasião de sustentar, a *propaganda contra o crime* terá na *radiotelefonía* o seu melhor instrumento de ação. A palavra falada é mais persuasiva e sugestiva do que a palavra escrita. Divulgando os processos de que lançam mão os delinquentes, descrevendo a respectiva técnica, ficarão êles desarmados e impossibilitados de levarem a cabo os seus desígnios criminosos. Isso é intuitivo. Como combater o inimigo sem lhe conhecer, aproximadamente, a força, a capacidade defensiva e ofensiva? Sem a cooperação social, a Polícia nada fará". Sempre batendo na mesma tecla, a propósito do famoso e eterno conto do vigário, eu insistia com as seguintes ponderações: "Como combatê-lo? Como embaraçar a sua ação, crescente e perniciosa?" Eis um problema de palpitante atualidade. O Direito Penal, hoje, se apresenta como uma instituição destinada a sistematizar a defesa coletiva contra os indivíduos inadaptados à vida em sociedade. A par de leis severas quanto à profilaxia e repressão do delito, devemos cuidar da educação social do nosso povo, o que importa em fazer a *propaganda contra o crime*. . . A imprensa nem sempre é o laboratório das apologias criminais. A sua função educadora pode ser extremamente benéfica. Descrevendo o conto do vigário, vergastando impiedosamente os que nele caem, prestará serviços inestimáveis à defesa social. Verdade é que inócua resultará a sua campanha para os analfabetos. Mas, para essa gente que oferece coeficiente maior de *vigarizados*, outra deve ser a orienta-

ção. A Polícia, compete promover a propaganda em direção centrífuga, partindo do centro para o interior e estendendo-se até a vila ou sítio, em que reside o Jeca, por meio de cartazes, atraentes e sugestivos, que poderão ser afixados nas estações, trens, hotéis, pousadas e mesmo nas vendas da estrada, estreita e tortuosa, que vára o império sertão". Naquele tempo — seja dito de passagem — o aparelho de rádio, ora ubíquo e noticioso jornal dos analfabetos, não era mercadoria de grande consumo no império sertão. O mascate e o caixeiro-viajante ainda eram, por aquelas longínquas paragens, os tardios e lentos divulgadores de boatos e de cultura barata. . . Decorridos alguns anos, obstinado e tenaz, como um palavroso corretor de seguros, eis-me de novo, martelando e insistindo sobre o mesmo assunto, na crônica, sob o título "De plantão. . .", publicada na revista "Vanitas". Depois de louvar a ação benemérita dos grandes romancistas policiais, fecho a minha crônica declarando: ". . . Mas as grandes reportagens estão desbancando as congêneres obras de maior volume e apoucado fôlego. Relatam fatos respeitantes a personagens de carne e osso, sem os artifícios da fantasia. Expressam a realidade nua e crua. Em França, o *Palais de Justice* é o mais belo, o mais comovente dos teatros. *Geo London* — o magnífico repórter judiciário — ano por ano, reúne, em volume, as suas excelentes crônicas, caricaturas magistras que gizam as múltiplas facetas da vida parisiense. São notas apressadas, tomadas na agitação das audiências e transformadas em páginas definitivas

pelo talento do seu autor. Fixam e balizam os traços indeléveis de uma época. Entre nós, o Palácio da Justiça permanece insulado, sem um cronista para descrever os interessantes episódios que nele se agitam. Mais interessante, contudo, me parece o plantão da nossa Polícia Central. Ali, toda a sorte de tragédia e comédia tem o seu palco. Confessionário das misérias mais íntimas, livre de formalidades jurídicas e intervenção de advogados, as ocorrências, naquele recinto, se sucedem com a rapidez dos séculos nas telas cinematográficas. Uma autoridade vê, num dia, o que o pacato cidadão não logra ver no decurso de sua matusalêmica existência. É uma revolução contínua, ateadá pelos amigos e inimigos da sociedade. É uma trincheira aberta contra os que assaltam a propriedade, a integridade física ou moral dos habitantes da cidade. As mais das vezes, sem preparo militar, sem armas adequadas, a tudo se expõem os abnegados mantenedores da ordem pública. Enquanto uns dormem, alguns velam e muitos se divertem, a polícia, de olhos abertos, prepara acepipes, pantagruélicos e processuais, que a Justiça, de olhos vendados, muita vez prova, mas nem sempre digere. Dêsse precioso manancial, alheio a qualquer personalização, é que pretendo extrair assunto para dar obscuro desempenho ao honroso encargo que me foi confiado". Muita cousa aconteceu depois destes e outros escritos que não eram gratuitos porque versavam, de continuo, sobre o velho e revelho tema. Fosse, como fosse, no entanto, o estribilho era sempre o mesmo. E assim, não mudando a chapa, a 13

de Fevereiro do ano transato, em palestra proferida através do microfone da Estação Central do Departamento de Comunicações e Serviço de Rádio Patrulha, o teimoso e renitente propagandista da *propaganda contra o crime*, não perdia a vaza para dizer: "... Contudo, êste Departamento não se compõe apenas do serviço de Rádio Patrulha. Outra missão lhe cabe. E essa missão está sendo cumprida pelo seu Serviço de Comunicação. É' mistér, já o disse mais de uma vez, não só instruir os membros da nossa corporação, mas também *educar o povo no sentido policial* para que êle se defenda por si mesmo e possa auxiliar os que se encarregam da sua defesa. Essas lições podem e devem ser ministradas em *palestras radiofônicas*, visando divulgar certos processos de que os delinqüentes se utilizam no exercício da sua atividade delituosa. Será nociva semelhante divulgação? Será capaz de se converter em perniciosa escola do crime? Será possível transformar-se em gongórico torneio de retórica vulgar? De certo que não, se lhe fôr dada orientação cautelosa e adequada à mentalidade honesta da maioria da população. Desprovidas de linguagem empolada ou esotérica, própria para intrincadas charadas, tais palestras não farão o pensamento ir por água abaixo, como ponderava Eça de Queirós, num dos seus magistrais escritos. Serão proveitosos ensinamentos, transmitidos por mestres que falem para serem entendidos, executando valiosa tarefa de cooperação social". Antes de prosseguir na explanação desta já estafante palestra, oportuno se me afigura declarar, alto e bom som, que não

me considero criador e inventor patentado das idéias concernentes à propaganda contra a eterna e perene criminalidade. Relendo excertos de trabalhos meus atinentes a tal espécie de conceitos, só tive e tenho em mira salientar a minha coerência e serena tenacidade no trato e na prática das atividades policiais. Pode ser que não seja esta a impressão dos que me ouvem. Mas, quem vê cara, não vê coração... Um dia, porém, alguém, teve a mesma idéia de combater o crime por entre as ondas electro-magnéticas. Quem era o denodado apóstolo? Algum jurista? Algum criminalista, prático ou teórico? Algum jornalista valeroso? Não, minhas senhoras e meus senhores, não era nada disso. Era um ativo e dinâmico *business man*, mister Richard Pen, muito digno representante da grande empresa industrial — Colgate Palmolive — que, nos Estados Unidos, mantém, há anos, com incessante sucesso, o notável programa intitulado "*Crime doesn't pay*". Queira ampliar a sua propaganda comercial e resolveu ampliá-la, prestando relevante serviço social ao país que lhe consome o produto industrial. Engenhoso e cívico processo de realizar transações mercantis! Dotado de espírito prático, sabendo que o povo vive hoje mais de impressões visuais e auditivas, não lhe sobrando vagares para leituras e meditações profundas, não vacilou em financiar o programa "*O Crime não compensa*" que a Rádio Record vem irradiando todas as sextas-feiras. Podia escolher outro meio para alcançar o seu objetivo, mas preferiu êsse que, em meio da nossa agitada e quotidiana vida, granjeia,

sem dúvida, maior simpatia e respeito do público. Assim, em fins de Janeiro do ano corrente, Osvaldo Moles, laureado escritor radiofônico e o obscuro palestrador desta noite, com o brilhante desempenho do elenco da Rádio Record, iniciaram a já vitoriosa cruzada. A semente germinara e a colheita ia começar. A minha estréia — aqui muito entre nós, como narrador de bárbaros e rapinantes episódios, não deixou de me comover um bocado. Era marinheiro de primeira viagem. Mas, sem curso ortofônico, porque não possuo, com favor de Deus, nenhum vício de articulação, como o *cecear*, o *blesismo*, o *rotacismo* ou diferente complicação de natureza fonética, derivante de algum recalque psico-analítico, — enfrentei, fazendo das tripas coração, o temível e pavoroso microfone. Todavia — convém assinalar — não cuidei, não cuidei e não cuidarei de alterar a entonação da minha voz porque, no programa que mereceu a aprovação do Exmo. Sr. Secretário da Segurança Pública, continuo a ser o Delegado de Vigilância e Capturas, representando, bem ou mal, a nossa tão criticada Polícia Civil. Como seu credenciado representante, cabe-me o encargo de extrair, do nosso arquivo, os casos que Osvaldo Moles, sob a minha obscura supervisão, radiofoniza em linguagem objetiva e direta, como exige a técnica dessa nova arte. Na composição dos *scripts*, emprega-se a *linguagem falada*, e não a linguagem literária, pois o radiófilo quer compreender as palavras no momento da irradiação e, por isso não pode, não tem tempo para consultar qualquer dicionário de algibeira. Como

a *linguagem falada* é a linguagem usual — segundo a lição do grande linguista Charles Bally, no seu livro “A Linguagem e a Vida” — há necessidade, por parte do interlocutor, de se adaptar à língua que se supõe mais inteligível para o seu ouvinte. Por essa soberana razão, nela predominam os vocábulos usados por todo mundo. O diálogo então deve dar uma sensação de realidade, reproduzindo as palavras que as pessoas representadas profeririam em tal situação. Medida imprescindível para evitar o tom falso e empolado que, amiúde tinham, por exemplo, os diálogos de Camilo, conforme observam eminentes críticos da sua monumental obra literária. Temos, por vezes, empregado termos de *gíria*. O que caracteriza as *gírias*, consoante a douta opinião de Gladstone Chaves de Melo, é a preocupação *esotérica*, o cuidado que têm os componentes dos grupos sociais, tais como soldados, ladrões e outros, de criarem a sua linguagem, diferente, ininteligível aos estranhos. A linguagem deles é uma barreira, uma defesa. Divulgando, pois, *gírias de criminosos* e traduzindo o seu verdadeiro sentido, de modo indireto, neutralizamos a tal preocupação *esotérica* e ensinamos ao público a maneira eficiente de se defender contra a defesa dos inimigos da sociedade. Para demonstrar o seu uso, dia a dia, mais vulgarizado, cai a propósito aqui reproduzir êste delicioso trecho, tomado a um esplêndido romance brasileiro “O Amanuense Belmiro” de Ciro dos Anjos. Ei-lo: “Depois se apresentou: — Não ouviu falar de mim, não? Os jornais estão cheios... (disse isso com orgulho profissional).

Fui prêso por causa dêle. Fomos juntos à casa da péquena, e os “tiras” estava “acampanando” a “grinfa”... Mas isto é doce de leite para mim. Já fui “encanado” mais de cinqüenta vezes. Sou “punguista”. Banco o “vigário”, só quando não encontro “otário” para a “punga”. Não “afano” a carteira. Tiro só a “grana” e deixo o “couro” para o “ota” não dar o “grito”. Mas, apesar dos pesares necessário é assinalar — escritores austeros, psicólogos, sociólogos, criminalistas e moralistas sustentam, *urbi et orbi*, que o romance, o teatro, o periodismo, o cinema e o rádio exercem danosa ação sugestiva sôbre o respeitável público, quando versam acerca de problemas criminais. Enrico Ferri, em “Os criminosos na Arte e na Literatura”, Scipio Sighele, em “Literatura e Criminalidade”, José Ingenieros, em “A Psicopatologia na Arte”, José C. Belbey, em “A Sugestão no Delito” e outros autores mais modernos, estudam a sugestão sob êsse importante aspecto. Dentre eles, porém, Scipio Sighele foi quem, a meu vêr, discutiu a tese com maior descortínio e justeza. Após enumerar as opiniões favoráveis e contrárias ao poder da sugestão, o notável discípulo de Ferri chega à conclusão de que o problema foi mal proposto. E’ fora de dúvida — pondera êle — que os costumes criam a literatura, mas esta pode, por sua vez, modificar os costumes. Negar esta influência recíproca, êsse processo contínuo e desapercibido de osmose e endosmose entre a realidade da vida e a função da arte, lhe parece teimosia e parcialidade. E’ certo — prossegue êle — que as correntes literárias seguem as grandes correntes

do espírito humano e que certa forma de drama ou de teatro é o espelho da vida. Contudo, quem ousará negar que essa forma literária não possa também modelar os homens pela sua imagem? Voltaire fez voltarianos; Goethe, Wertherianos; Gabriel d'Annunzio, super-homens. O romantismo, por exemplo, tornou a saúde antipática e lançou a moda do sofrimento e da angústia. Por causa da sua influência, as mulheres desejavam ser pálidas, "comme un beau soir d'automne" e os jovens, para terem o ar poético, queriam parecer lívidos e terrosos como desafortunados tuberculosos. A sugestão literária é, portanto, como toda espécie de sugestão, um poderoso instrumento de educação ou de corrupção. Sighele não admite que se possa atribuir crimes somente aos romances. Partidário fiel da antropologia criminal não lhe é possível converter-se em partidário absoluto da teoria da sugestão. Certo é, no entanto, que os escritores gostam de ressaltar as exceções da vida corrente. A exceção é, para todos, mais interessante do que a normalidade. Qual é, em regra, o assunto mais apreciado nas nossas conversações? Será a vida honesta, feliz e tranqüila das nossas relações e dos nossos amigos? Não, o cavaco preferido é o que gira em torno do escândalo e da aventura no seio da sociedade. Por êsse motivo, é que o rítimo agi-

tado de acontecimentos imprevistos e raros, fornece a principal matéria prima para os cintilantes obreiros da atividade intelectual. Daí o prestígio do mal. Daí o prestígio do mal — repito — numa época tão propensa ao sucesso de esportes violentos, como box e a luta livre, que arrastam multidões delirantes para os recintos que lhes são destinados. E o esporte, no dizer de Tristão de Athayde, é uma forma pacífica de guerra, como a guerra é uma modalidade mortífera do esporte. E, por consequência, absurdo responsabilizar-se o literato por certos efeitos imorais da sua obra, se esta é socialmente pura e fecunda. Em abono dêsse princípio, poderia mencionar inúmeros exemplos na literatura estrangeira, mas isso seria fastidioso. Todavia, sirvamo-nos da prata da casa para tal fim. Lemos Brito, no seu interessante livro "O Crime e os Criminosos na Literatura Brasileira" cita dois versos de Catulo da Paixão Cearense que não se arreceiou de publicá-los porque êles refletem a errônea e feroz noção de honra do sertanejo, criado — diz êle — ao deus-dará, sem conhecer outra Justiça que não seja a natural. Quais são êsses versos? Os versos — notem bem — são estes: "*Matá, patrão, não faz má!... O que é vregonha é robá!...*".

(Cont. no próximo número)

---

### O ORDENANÇA

- Mas "seu" cabo, eu aqui só sirvo para pôr carta no correio...  
— veja se o senhor me arranja uma coisa melhor.  
— Não se aborreça, meu rapaz, temos aqui uma carta registrada para você levar.

# Legislação

## Bens patrimoniais - Escrituração

Instruções para a escrituração dos bens patrimoniais da F.P.. (Bol. Geral 119, de 29-V-48).

## Campeonato Geral de Tiro

O Campeonato Geral de Tiro será realizado este ano, de 1.º a 11 de junho e reger-se-á pelas instruções anexas ao Bol. Geral n.º 239, de 25-X-47.

E' obrigatória a participação de todas as unidades da Fôrça. (Bol. Geral n.º 110, de 18-V-48).

## Carteira de identidade expedida pela Fôrça

Devem ser arrecadadas as carteiras de identidade das praças excluídas, para que elementos desclassificados e incrupulosos não possam fazer uso desses documentos, com prejuizo para o bom nome da Corporação. (Bol. Geral n.º 102, de 8-V-48).

## Círculo Militar

Fundou-se, em Santos, o Círculo Militar, a fim de congregar militares e civis, proporcionando ao mesmo tempo maior entrelaçamento entre os componentes das Fôrças Armadas do País. Constituição da 1.ª Diretoria. (Bol. Geral n.º 113, de 21-V-48).

## Compressão das despesas

Portaria do Exmo. Snr. Secretário da Segurança Pública, recomendando, à vista da Resolução 209, de 23-IV-948, do Governo do Estado, rigorosa restrição nas despesas a cargo da Secretária. (Bol. Geral n.º 117, de 26-V-48).

Ordem do Comando Geral, determinando a redução das despesas orçamentárias da Corporação ao indispensável e inadiável, face às determinações governamentais nesse sentido, e determinando, em consequência, diversas alte-

rações em verbas do orçamento da Fôrça. (Bol. Geral n.º 109, de 17-V-48).

## Correspondência na F. P.

“Com o objetivo de simplificar a organização dos arquivos, assim como reduzir o consumo de papel, resolvo determinar que se observem na Fôrça as seguintes normas relativas à correspondência oficial.

1 — O art. 39 das “Instruções para Correspondência Oficial, só vigora quanto à correspondência externa, não se aplicando à que transite somente no âmbito da Corporação.

2 — Os documentos cujo assunto seja da alçada do Comandante Geral ou de autoridades subordinadas devem conter, em ordem cronológica, no próprio corpo, as informações prestadas pelas repartições, sub-unidades e Corpos, Serviços ou Estabelecimentos, só se juntando nova folha ao termo da última.

3 — As informações relativas a cumprimento de ordem devem ser prestadas nos próprios documentos, quando estes, para efeito de arquivamento, devem ser devolvidos.

Recomendo, outrossim, a estrita observância do que dispõem os §§ 1.º e 2.º do art. 40 e § 2.º do art. 45, tudo das “Instruções para a correspondência oficial da Fôrça Pública”.

(Bol. Geral n.º 106, de 13-V-48).

Nota — Dec. 8.248, de 19-IV-1937

— Aprova as “Instruções para a Correspondência Oficial da Fôrça Pública:

.....  
“Art. 39 — E' proibido a escrita a máquina no verso das fôlhas”.

“Art. 40 — § 1. — Os Comandantes de unidades administrativas remeterão diretamente aos Chefes de Serviços os papeis que dependem da inferên-

cia exclusiva destes ou de suas informações, para solução final”.

“§ 2.º — Os papéis referidos no § anterior, logo depois de informados, serão submetidos à consideração do Cmdo. Geral que os despachará em definitivo.

Art. 45 — § 2.º — Todas as folhas do processo serão numeradas seguidamente e rubricadas pela autoridade que abrir nova fôlha, imediatamente abaixo do número correspondente.

#### Desfiles quinzenais

Em aditamento à publicação contida no Bol. Geral n.º 76, de 5 de abril do corrente ano, são baixadas novas instruções a respeito do assunto. (Bol. Geral n.º 111, de 19-V-48).

#### Curso Técnico para Oficiais de Bombeiros — Criação

E' criado, a título precário, o Curso Técnico para oficiais de Bombeiros, destinado a dar aos oficiais atualmente em serviço no C.B. noções básicas profissionais dessa especialidade. Normas gerais para o funcionamento do Curso. (Bol. Geral n.º 103, de 10-V-48).

#### Fornecimento de material — Documentos de exclusividade

“Os documentos de exclusividade devem ser apresentados pelos estabelecimentos comerciais, na conformidade da legislação que rege o assunto.

Em se tratando de representantes ou fabricantes exclusivos, é dispensada a formalidade da concorrência.

A exclusividade deve ser comprovada por parte do negociante interessado, mediante a exibição e entrega de um dos seguintes documentos:

- a — documento original da exclusividade;
- b — fotocópia desse documento;
- c — certificado passado pela Junta Comercial.

O documento comprovante da exclusividade deve ser redigido em português e a firma será reconhecida em Tabela da Capital.

Se a redação for em idioma estrangeiro é indispensável a tradução para o vernáculo, a qual deverá ser feita por

tradutor juramentado”. (Bol. Geral n.º 106, de 13-V-48).

#### Empréstimo simples — Decisão da Diretoria da Caixa Beneficente

“O empréstimo simples só será concedido a praças que tenham mais de dez anos de serviço, sem interrupção e na quantia máxima de dois meses de vencimentos, para amortização no prazo máximo de dois anos. Só poderão obter empréstimo as praças de ótima conduta e desde que sejam casadas ou arrimos de pessoas da própria família. A reforma de empréstimo só será processada depois de terem sido pagos 2/3 do débito anterior”. (Bol. Geral n.º 98, de 3-V-48).

#### Engajamento de praças

“Havendo dúvidas quanto à interpretação das instruções baixadas no Bol. Geral n.º 37-48, o Comando Geral esclarece:

1 — a praça alistada após 9 de julho de 1947, mesmo com o compromisso de servir por três anos, deve ser considerada como o alistamento por um ano e dez meses, de acordo com o item 20, meses de serviço. (Bol. Geral n.º 37-48. As unidades devem proporcionar a transcrição nos assentamentos das praças interessadas e processar os engajamentos no tempo oportuno;

2 — só haverá engajamento, com compromisso de servir por mais três anos, para praças alistadas nas condições do n.º 1 e ao fim de um ano e dez meses de serviço. (Bol. Geral n.º 37-48, item 20 e I, combinado com o item 18 do Bol. Geral n.º 85-48 e com a letra “a” do item 19 do Bol. Geral n.º 53-48);

3 — as praças que se alistaram em data anterior àquela, não estão sujeitas a engajamento e, terminado o 2.º ano em qualquer caso, entram no regime estabelecido pelo art. 7.º da lei federal n.º 192-36. Fica, assim, sem efeito, a primeira parte da letra “d” das Instruções publicadas em Bol. Geral n.º 53-48, item 19;

4 — a praça poderá dar baixa, uma vez vencido o tempo que se comprometeu a servir nas fileiras da Força, antes ou depois de 9-VII-47;

5 — não se processará mais o reen-  
gajamento e a inspeção de saúde bienal

que está prevista nas Instruções em vigor, consoante estabeleceu a lei federal n.º 192-36". (Bol. Geral n.º 135, de 17-VI-48).

### Férias por adiantamento

"A fim de evitar que as dispensas, já descontadas das férias, venham a entrar no cômputo dos afastamentos para o efeito de concessão ou não da licença-prêmio, determino a rigorosa observância das medidas abaixo:

a) — que as dispensas do serviço concedidas a partir de 1.º de janeiro do corrente ano, a oficiais e praças que ainda não gozaram as férias a que fizeram jús, sejam consideradas concedidas por conta daquelas férias, como férias por adiantamento;

b) — que os afastamentos por dispensas que venham a ser concedidos sejam publicados sob o título de "férias por adiantamento", os quais deverão ser descontados das férias regulamentares a ser gozadas naquele ano, na forma estabelecida pelo n.º 7 do art. 323 do R.I.S.G.;

c) — nessas condições, as dispensas de serviço somente passarão a ser concedidas quando o oficial ou a praça tenham exgotado todos os dias de férias que deveriam gozar durante o ano". (Bol. Geral n.º 109, de 17-V-48).

### Fornecimento de material — Documentos de exclusividade — Fotocópias

"Sendo permitido às partes fazerem prova de seus direitos mediante a junta de fotocópias de documentos, somente serão aceitas se forem acompanhadas de prova de registro do original no Registro de Títulos e Documentos". (Bol. Geral n.º 99, de 4-V-48).

### Inspecção de saúde de praças cuja doença ou defeito físico seja decorrente de ato de serviço

"As praças licenciadas, inválidas somente para o serviço da Fôrça, não se aplica ao art. 94 da Carta Estadual, para fins de percepção de vencimentos.

Conseqüentemente, admitiu-se que a legislação anterior a respeito do assunto, desde que regulasse casos não incluídos naquele art. da Constituição, continuava em vigor.

Nas condições acima, conclui-se que os dispositivos que regulam a promoção de praças, invalidadas em serviço, estão em vigor.

Diante disso e considerando não ser justo retardar aquelas promoções, quando os casos já estejam definitivamente julgados, resolvo o seguinte:

— relativamente à inspecção de praças cuja moléstia ou defeito físico seja conseqüente de ato de serviço, as Juntas de Saúde deverão pronunciar-se por um dos **enquadramentos seguintes**:

— apto para o serviço da Fôrça;

— inválido, temporariamente, para o serviço da Fôrça ou

— definitivamente inválido para o serviço da Fôrça.

N o último caso só serão enquadradas as praças cuja recuperação para o serviço da Corporação seja absolutamente imprevisível e, nesta hipótese, serão elas promovidas nos termos do art. 119 do C.V.V.". (Bol. Geral n.º 133, de 21-V-48).

### Munição — Conservação

Determinação aos Cmts., Chefes de Serviço e Diretores de Estabelecimentos para que tomem as providências necessárias, no sentido de serem observadas as "Instruções para limpeza e conservação de artigos de classe Material Bélico", no título referente a "Munição". (Bol. Geral n.º 112, de 20-V-48).

### Regime de trabalho e horário dos serviços

Recomendação no sentido de que o regime de oito horas de serviço para os operários seja realmente exigido, não se computando nele o tempo de preparação do pessoal para o início dos trabalhos. (Bol. Geral n.º 103, de 10-V-48).

### Seguro contra incêndio

Recomendação no sentido de os pedidos serem feitos com antecedência. O assunto reclama concorrência e é indispensável a remessa de uma proposta do Instituto de Previdência do Estado que, em igualdade de condições, tem preferência. (Bol. Geral n.º 120, de 31-V-48).

### Sexta parte sôbre os vencimentos

O Departamento da Despesa da Secretaria da Fazenda, ordena aos snrs. Exatores que paguem a sexta parte sôbre os vencimentos atribuidos ao funcionário, bem como outras vantagens incorporadas aos vencimentos, observando:

— para os que obtiveram a 6.ª parte posteriormente a 10 de julho de 1947, dever-se-á ter em vista o início declarado nas ordens existentes. O pagamento da 6.ª parte a ocupante de cargos em "comissão" ou em "substituição" deverá ser calculado sôbre os vencimentos dêsses cargos, salvo si houver ocorrido a opção pelos vencimentos do cargo efetivo, de acôrdo com o que prescreve o art. 90, § 3.º do Estatuto dos Funcionários;

— o pagamento das diferenças correspondentes aos meses já vencidos independente de requerimento dos interessados, correndo a despesa dêste exercício pelas verbas próprias do orçamento vigente e a do exercício de 1947 pela conta "Restos a Pagar de 1947 — Pessoal fixo". (Bol. Geral n.º 113, de 21-V-48).

### Sindicância e outros processos — prazo para término

Os Cmts. de Corpo e Chefes de Ser-

viço só solicitem prorrogação de prazos para término de processos mediante parte dos encarregados nas quais sejam esclarecidos perfeitamente os motivos de força maior que exigem aquela medida.

Outrossim, ressalvados os casos de maior urgência, fica estabelecido o prazo de 10 dias para a conclusão de sindicância, prorrogáveis, em face de razões imperiosas, a mais 10 dias. (Bol. Geral n.º 115, de 24-V-48).

### Transporte — Indenização

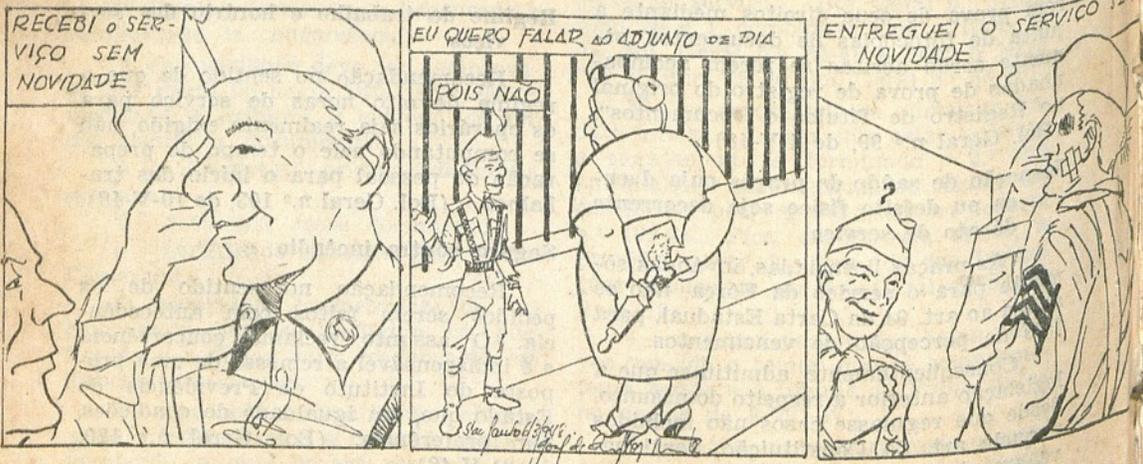
Ficam estabelecidas as seguintes normas para transportes de mudanças realizadas por intermédio do S.A.S. e que serão facilitados só dentro do perimetro urbano da Capital:

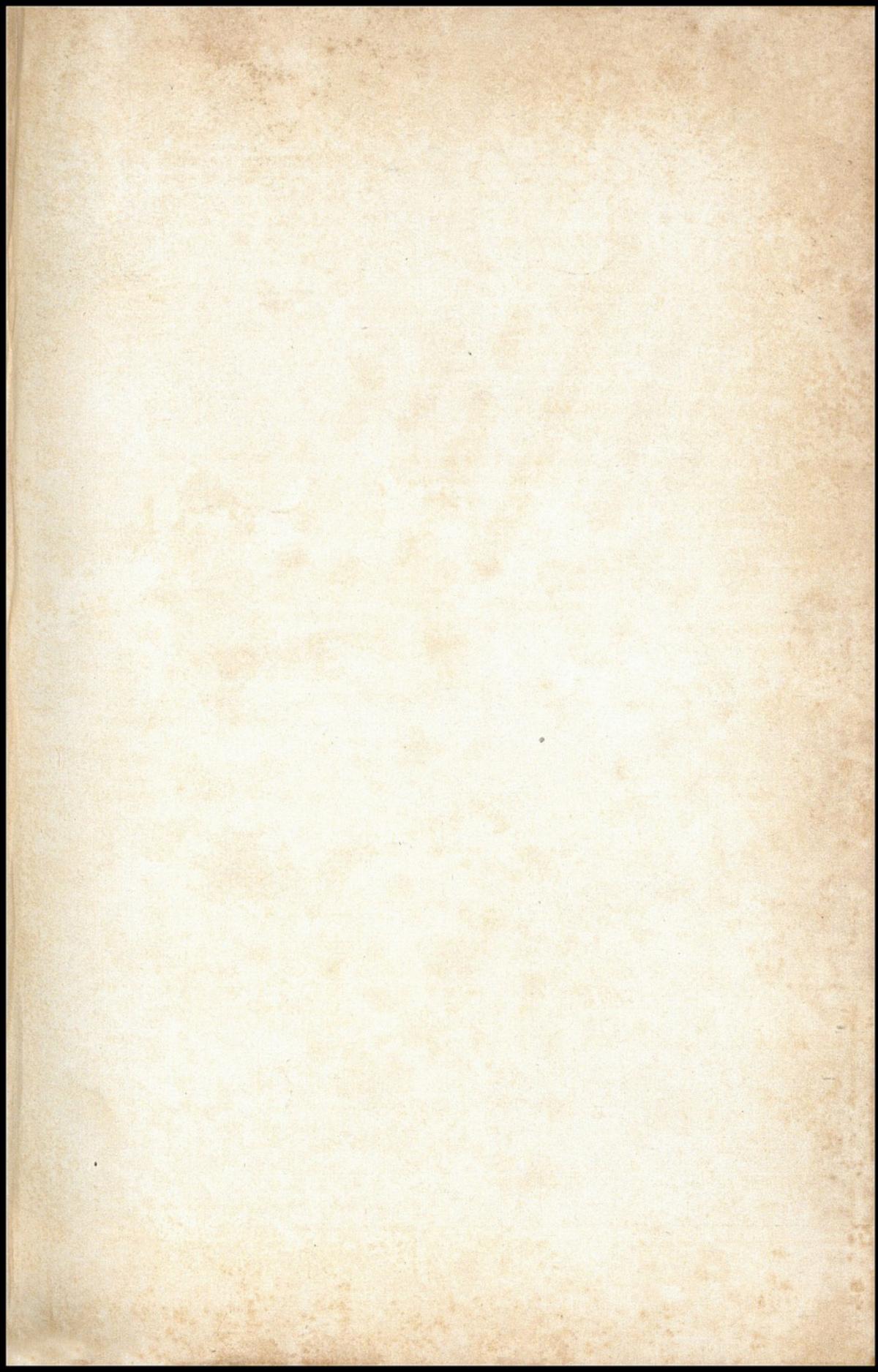
para oficiais — Cr. \$ 1,50 por quilômetro e Cr. \$ 20,00 de taxa de desgaste;

para praças — Cr. \$ 1,00 por quilômetro e Cr. \$ 20,00 de taxa de desgaste. (Bol. Geral n.º 126, de 7-VI-48).

### Tratamento anti-sifilítico

Recomendação quanto ao fiel cumprimento às instruções em vigor e estabelecimento de normas para o tratamento das praças destacadas. (Bol. Geral n.º 129, de 10-VI-48).





# BRASILEIRO



L. 42

## A SEU IRMÃO